

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Religião cristã e ciência moderna: uma análise comparativa dos discursos nas obras  
*Os fundamentos*, organizada por A. R. Torrey, e *Religião e ciência* de Bertrand  
Russell

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2014



JOSÉ MÁRIO GALDINO DA SILVA

Religião cristã e ciência moderna: uma análise comparativa dos discursos nas obras  
*Os fundamentos*, organizada por A. R. Torrey, e *Religião e ciência* de Bertrand  
Russell

Dissertação apresentada como requisito  
final no Curso de Ciências da Religião da  
Universidade Metodista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Helmut Renders

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

SiL38r Silva, José Mário Galdino da

Religião cristã e ciência moderna: uma análise comparativa dos discursos nas obras Os fundamentos, organizada por A. R. Torrey e Religião e ciência da Bertrand Russell/ José Mário Galdino da Silva. São Bernardo do Campo, 2014.  
160 fls.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Orientação: Helmut Renders

**1.** Religião - Modernidade **2.** Protestantismo **3.** Fundamentalismo religioso **I.** Título

**CDD 273.9**

A dissertação de mestrado sob o título “**Religião cristã e ciência moderna: uma análise comparativa dos discursos nas obras *Os fundamentos*, organizada por A. R. Torrey, e *Religião e ciência de Bertrand Russell*”, elaborada por **Jose Mario Galdino da Silva** foi apresentada e aprovada em 26 de setembro de 2014, perante banca examinadora composta pelos professores Doutores **Helmut Renders** (Presidente/UMESP), **Rui de Souza Josgrilberg** (Titular/UMESP) e **Ênio José Brito** (Titular/PUC-SP).**

---

**Prof. Dr. Helmut Renders**  
Orientador/a e Presidente da Banca Examinadora

---

**Prof. Dr. Jung Mo Sung**  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: **Pós-Graduação em Ciências da Religião**

Área de Concentração: **Linguagens da Religião**

Linha de Pesquisa: **Teologia das Religiões e Cultura**



Dedico a  
*Antônia*  
*Bernadete*  
*Evelyn*  
*Paulo*



*Inexiste no mundo coisa mais bem distribuída que o bom senso, visto que cada indivíduo acredita ser tão bem provido dele que mesmo os mais difíceis de satisfazer em qualquer outro aspecto não costumam desejar possuí-lo mais do que já possuem.*

*E é improvável que todos se enganem a esse respeito; mas isso é antes uma prova de que o poder de julgar de forma correta e discernir entre o verdadeiro e o falso, que é justamente o que é denominado bom senso ou razão, é igual em todos os homens;*

*e, assim sendo, de que a diversidade de nossas opiniões não se origina do fato de serem alguns mais racionais que outros, mas apenas de dirigirmos nossos pensamentos por caminhos diferentes e não considerarmos as mesmas coisas.*

*Pois é insuficiente ter o espírito bom, o mais importante é aplicá-lo bem.*

*As maiores almas são capazes dos maiores vícios, como também das maiores virtudes, e os que só andam muito devagar podem avançar bem mais, se continuarem sempre pelo caminho reto, do que aqueles que correm e dele se afastam.*

— Descartes —

*A vitória da razão só pode ser a vitória das pessoas razoáveis, a razão não existe por si mesma, ela existe na conduta, na ação das pessoas. Então, se as pessoas razoáveis não vencem, a razão não prevalece. A vitória das ideias é a vitória dos portadores materiais das ideias. Pessoas razoáveis têm de fazer política para que a razão prevaleça, porque não há outro meio de prevalecer, a não ser por meio da política feita pelas pessoas razoáveis.*

— Bertold Brecht —



## AGRADECIMENTOS

Minha esposa Bernadete pela paciência enquanto me dedicava aos estudos;

minha filha Evelyn que sempre lia meus textos em voz alta;

meu filho Paulo que pacientemente considerou minhas dificuldades;

minha mãe Antônia que investiu na primeira centelha;

meu orientador Prof. Helmut Renders pela paciência e confiança depositada em mim;

meu grande amigo e irmão Flávio Guedes pelo suporte de informática possibilitando meus estudos;

meus colegas que direta e indiretamente me incentivaram com a jornada acadêmica;

meus professores da Pós-graduação que tornaram essa realidade possível.

aos funcionários da UMESP que viabilizaram o curso.



# Sumário

Tabelas .....	16
Resumo .....	17
Abstract.....	18
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO E BIOGRAFIA.....</b>	<b>24</b>
<b>1.1 Referencial teórico-metodológico .....</b>	<b>24</b>
<b>1.2 Elementos constituintes da Análise do Discurso Crítica .....</b>	<b>25</b>
1.2.1 Ideologia .....	26
1.2.2 Hegemonia .....	27
1.2.3 Metadiscurso .....	28
1.2.4 Ironia .....	29
1.2.5 Coerência .....	30
1.2.6 Metáfora.....	30
1.2.7 Comodificação .....	33
1.2.8 Tecnologização discursiva.....	34
<b>1.3 Biografia dos autores .....</b>	<b>36</b>
1.3.1 Autores de Os fundamentos .....	37
1.3.1.1 Sobre Reuben Archer Torrey .....	37
1.3.1.2 Sobre David Heagle.....	38
1.3.1.3 Sobre Jean Frédéric Bettex.....	39
1.3.1.4 Sobre James Orr .....	40
1.3.1.5 Sobre Canon Dyson Hague .....	41
1.3.1.6 Sobre George Frederick Wright .....	41
1.3.1.7 Sobre James Martin Gray .....	42
1.3.1.8 Sobre Arthur Tappan Pierson .....	43
1.3.1.9 Sobre Thomas Whitelaw .....	44
1.3.1.10 Sobre Cyrus Ingerson Scofield.....	44
<b>1.4 Autor de Religião e Ciência.....</b>	<b>45</b>
1.4.1 Sobre Bertrand Russell .....	45
<b>CAPÍTULO 2 – A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA MODERNA, SEGUNDO A OBRA OS FUNDAMENTOS .....</b>	<b>50</b>
<b>2.1 Os fundamentos: contexto e relação entre religião e ciência moderna .....</b>	<b>52</b>
<b>2.2 Fundamentalismo protestante e o contexto científico.....</b>	<b>59</b>
<b>2.3 Fundamentalismo protestante: precedentes históricos, filosóficos e teológicos .....</b>	<b>65</b>
2.3.1 Modernidade .....	65
2.3.2 Iluminismo .....	66
2.3.3 Críticas ao Iluminismo.....	68
2.3.4 Deísmo e Iluminismo.....	69
2.3.5 Modernismo .....	70
2.3.5 Liberalismo teológico .....	71
<b>2.4 Os fundamentos: a obra .....</b>	<b>72</b>
<b>2.5 Segregação e declínio no fundamentalismo .....</b>	<b>75</b>
2.5.1 A crítica bíblica.....	78

2.5.2	A obra Os fundamentos no Brasil.....	78
2.5.3	A fixação do discurso fundamentalista.....	79
2.5.4	Pressuposição.....	79
2.5.5	Críticas à crítica moderna e ao racionalismo.....	80
<b>2.6</b>	<b>Fundamentalismo protestante e as dificuldades com os mitos.....</b>	<b>81</b>
<b>2.7</b>	<b>Fundamentalismo protestante e a opção pelo historicismo.....</b>	<b>83</b>
<b>2.8</b>	<b>Fundamentalismo protestante e o cientificismo.....</b>	<b>86</b>

### **CAPÍTULO 3 – A RELAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA MODERNA E A RELIGIÃO SEGUNDO A OBRA *RELIGIÃO E CIÊNCIA*.....**

<b>3.1</b>	<b>Os últimos quatro séculos de discussão entre religião e ciência.....</b>	<b>94</b>
3.1.1	Século 17.....	94
3.1.2	Século 18.....	94
3.1.3	Século 19.....	96
3.1.4	Século 20.....	97
<b>3.2</b>	<b>A discussão sobre a relação entre ciência moderna e religião em uma perspectiva histórica.....</b>	<b>98</b>
3.2.1	Ciência moderna e religião na perspectiva russelliana.....	98
3.2.2	Ciência moderna em oposição à religião.....	99
3.2.3	Ciência moderna versus religião – a origem do conflito.....	102
3.2.4	Ciência moderna e teologia – a primeira batalha.....	104
3.2.5	Ciência moderna e a reação protestante à astronomia.....	105
<b>3.3</b>	<b>A discussão russelliana sobre a relação entre ciências específicas e religião.....</b>	<b>109</b>
3.3.1	Biologia – Teoria da Evolução e a religião.....	109
3.3.2	Zoologia – novos questionamentos à teologia.....	110
3.3.3	Ciência moderna e resquícios da Idade Média.....	112
3.3.4	Medicina – sob o olhar da Igreja.....	114
3.3.5	Meteorologia científica e a questão dos milagres.....	115
3.3.6	Anatomia e fisiologia – dificuldades com a religião.....	116
3.3.7	Vacinação – intervenção teológica.....	117
3.3.8	Anestesiologia – intervenção teológica.....	118
<b>3.4</b>	<b>Apologia russelliana à ciência moderna.....</b>	<b>118</b>
3.4.1	Psicologia ou “teoria da alma”? – dificuldades de conceituação.....	119
3.4.2	Materialismo – diluição entre corpo e alma e o desaparecimento do pecado.....	120
3.4.3	Protestantes e católicos na perseguição às bruxas.....	122
3.4.4	Os limites do discurso científico.....	122
3.4.5	O progresso da ciência e o relato da história sagrada da Bíblia.....	124
3.4.6	Ciência e misticismo.....	124
3.4.7	Ciência e ética.....	128
3.4.8	Concepções filosóficas distintas do Bem.....	130

### **CAPÍTULO 4 – RELIGIÃO E CIÊNCIA MODERNA SEGUNDO AS OBRAS *OS FUNDAMENTOS* E *RELIGIÃO E CIÊNCIA: UMA COMPARAÇÃO*.....**

<b>4.1</b>	<b>Os dois lados da história.....</b>	<b>140</b>
<b>4.2</b>	<b>Intolerância.....</b>	<b>141</b>
<b>4.3</b>	<b>Tolerância entre religião e ciência.....</b>	<b>143</b>
<b>4.4</b>	<b>Cientificismo como ideologia.....</b>	<b>145</b>
<b>4.5</b>	<b>Evidências sobre Deus – uma questão aberta.....</b>	<b>146</b>

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....**



## Tabelas

<b>Tabela 1:</b> Visão geral das Idades: Média, Moderna e Contemporânea.....	22
<b>Tabela 2:</b> Visão geral das citações de “ciência” e “religião” nos capítulos escolhidos da obra <i>Os fundamentos</i> .....	51
<b>Tabela 3:</b> As palavras “ciência” e “religião” com especificações na obra <i>Os fundamentos</i> .....	52
<b>Tabela 4:</b> Visão geral das citações de “ciência” e “religião” nos capítulos escolhidos da obra <i>Religião e ciência</i> .....	92
<b>Tabela 5:</b> Visão especial das citações de “ciência” e “religião” nos capítulos escolhidos na obra <i>Religião e ciência</i> .....	93
<b>Tabela 6:</b> As referências acadêmicas atribuídas aos autores da obra <i>Os fundamentos</i> na respectiva obra.....	139

## Resumo

Religião e ciência submetidas à Análise do Discurso Crítica. O fundamentalismo protestante a partir da obra *Os fundamentos* e a ciência moderna sob a perspectiva da obra de Bertrand Russell *Religião e ciência*, ambas as obras submetidas a uma análise crítica de seus discursos a partir da concepção faircloughiana para assim delinear seus textos, discursos, intenções e práticas sociais. O advento da modernidade, ao influenciar os diversos segmentos da sociedade e alterar a maneira de o indivíduo se relacionar com Deus, com a natureza e com seu semelhante, conseqüentemente, também alterou algumas percepções religiosas existentes até a Idade Média. A modernidade se destaca ao propiciar à humanidade outras possibilidades para lidar com seus problemas cotidianos e questões existenciais. Recorrer às técnicas científicas para solucionar problemas da natureza, melhorar a produção agrícola, curar doenças, ou até mesmo prever catástrofes naturais abriu precedente para que o *homo religiosus* ampliasse seus horizontes rumo ao moderno e questionasse a importância da vida religiosa como apresentada até então. O sagrado e o profano entram em debate acirrado. Enquanto a “era da razão” conquista seu espaço por meio do racionalismo, o mundo religioso se esforça para se reinventar e enfrentar um novo mundo com suas ideologias atraentes. Religião e ciência se aferram a seus espaços para delinarem seus limites, mas sempre contemplando e considerando um magistério em comum: a ciência moderna.

**Palavras-chave:** Modernidade; religião; ciência moderna; protestantismo; fundamentalismo.

## Abstract

Religion and science submitted to Critical Discourse Analysis. The Protestant fundamentalism from work *The fundamentals* and modern science from the perspective of the work of Bertrand Russell *Religion and science*, both works submitted to a critical analysis of his speeches from faircloughian conception in order to delineate their texts, speeches, intentions and social practices. When the advent of modernity influences different segments of society and changes the way the individual relates to God, to nature and to his fellow consequently also changed some religious insights existing until the Middle Ages. Modernity stands out to provide humanity other possibilities to deal with its everyday problems and existential issues. Resorting to scientific techniques to solve problems of nature, improving agricultural production, curing diseases, or even predicting natural disasters opened precedent for *homo religiosus* broaden his horizons towards modern and questioned the importance of religious life as presented until that moment. The sacred and the profane come into a heated debate. While the "age of reason" conquer its space through rationalism, the religious world struggles to reinvent itself and to face a new world with its attractive ideologies. Religion and science cling to their spaces to delineate their boundaries, but always contemplating and considering a teaching in common: modern science.

**Keywords:** Modernity; Religion; Modern Science; Protestantism; Fundamentalism.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem a intenção de analisar a relação entre religião e ciência, apontando possíveis encontros e desencontros entre essas duas áreas que, ao longo da história, levantaram tantas polêmicas e discussões acirradas. Mais especificamente, nossa análise no âmbito da religião dar-se-á a partir da obra *The fundamentals: a testimony to the truth* (Os fundamentos: um testemunho da verdade), obra conhecida no meio teológico pela primeira parte do título *The fundamentals* (Os fundamentos). Ela foi publicada entre os anos de 1909 e 1915 por cristãos protestantes nos Estados Unidos da América. Bastantes diversos pela sua origem, uniram-se, em primeiro lugar, por estarem descontentes com a modernidade e as afirmações da ciência moderna em questões que até então eram de competência da fé cristã. Como exemplo, mencionamos aqui a explicação da origem do universo, conforme descrito no livro do Gênesis. Tais protestantes também fizeram objeção à teologia liberal<sup>1</sup> enquanto seus teólogos simpatizarem com a ciência moderna e questionarem a interpretação literal das Escrituras, conforme faziam alguns grupos protestantes mais ortodoxos.

No âmbito da ciência, fazendo contraponto ao teor da obra *Os fundamentos*, tomaremos como base de nossa análise a obra *Religião e ciência*, do filósofo e matemático inglês, Bertrand Arthur William Russell (1872-1970). Nesta obra, percebe-se o posicionamento científico de Russell e seu diálogo crítico com o mundo da fé cristã. Há um discurso direcionado para as novidades da ciência e uma proposta de abandono da fé em detrimento do conhecimento científico da modernidade. Outra obra do autor, combatendo e criticando a religião cristã, é *Why I am not a Christian: and other essays on religion and related subjects* (Porque não sou cristão: e outros ensaios sobre religião e assuntos correlatos).

A fim de compreender as práticas discursivas das duas obras acima mencionadas, *Os fundamentos* e *Religião e ciência*, será utilizada a Análise do Discurso Crítica (ADC) na perspectiva faircloughiana. Propomos uma abordagem em forma de estudo comparativo dos textos por meio de suas categorias analíticas e seus aspectos teóricos e metodológicos. Pretende-se juntar os elementos discursivos necessários para a investigação crítica e específica das obras

---

<sup>1</sup> O tema liberalismo teológico é abordado no capítulo 2, página 71.

em questão, focalizando assim os fundamentos ideológicos de cada discurso e a relação entre a linguagem e a sociedade, como também as práticas sociais e discursivas dos textos abordados.

A obra de Russell será utilizada como contraponto ao discurso fundamentalista do início do século 20. Os discursos nas duas obras serão comparados pontuando os temas em comum ou divergentes, como, por exemplo, o discurso racional-científico utilizado em ambas as obras para conferir autoridade às suas ideologias. Além disso, será investigado como os distintos discursos tratam do conflito entre religião e ciência, se os respectivos discursos favorecem a submissão de uma área sob a outra, se reconhecem ou negam o conflito. Nos dois discursos serão analisados e comparados aquilo em que eles se aproximam ou se distinguem e a relação entre fé cristã protestante fundamentalista e ciência moderna.

Por que propomos este estudo em pleno século 21 no Brasil? Primeiro, acreditamos na importância do diálogo entre a religião e a ciência, por experiência própria. Experimentamos os resultados de um discurso religioso fundamentalista em nossa própria vida. Segundo, realizamos que o nosso caso não é uma exceção neste país. Terceiro, acreditamos que faltam ainda pesquisas que estabeleçam diálogos entre religião e ciência, seus pressupostos, encontros e desencontros. O interesse específico é abrir caminhos para um diálogo e desconstruir possíveis paradigmas. Entendemos que o Brasil do século 21 não será nem um país secularizado nem marcado pela dinâmica da chamada vingança da religião. Nesta questão, seguimos Carlos E. Sell, que descreve o Brasil como um país onde nem a modernização nem a secularização derrotam as religiões, nem as religiões, como uma suposta “revanche da religião”, colocam em perigo a modernização. Por isso, faz-se necessário se estabelecer um diálogo entre ciência e religião, de tal modo que ele possa ser contemplado tanto pelas igrejas quanto pela ciência. Carlos E. Sell entende que “O principal recurso analítico dos cientistas sociais que buscam entender o que se passa hoje com a religião no Brasil é o paradigma da secularização” (SELL, 2006, p. 185).

Portanto, para pensar a realidade religiosa do Brasil contemporâneo, marcada pela pluralização de denominações religiosas e pelo subjetivismo religioso, é preciso considerar como, a partir da modernização da sociedade brasileira, opera-se, também, uma modernização no cenário religioso. Em outros termos, é preciso verificar como se dá a produção religiosa dentro deste mesmo contexto. (SELL, 2006, p. 191).

Algumas obras e alguns autores serão utilizados adicionalmente para trazer luz às questões históricas, como é o caso das obras da historiadora e pesquisadora Karen Armstrong, especialista em fundamentalismo. Na visão dessa historiadora, “Um dos fatos mais alarmantes do século 20 foi o surgimento de uma devoção militante, popularmente conhecida como ‘fundamentalismo’, dentro das grandes tradições religiosas. Suas manifestações são às vezes assustadoras” (ARMSTRONG, 2001, p. 9). Ela reconhece que é uma minoria radical que comete atrocidades em nome de suas crenças, mas chama a atenção para o fato de que mesmo os fundamentalistas mais pacatos são desconcertantes, diz ela: “pois parecem avessos a muitos dos valores mais positivos da sociedade moderna”. Quanto aos fundamentalistas cristãos, afirma: “Os fundamentalistas cristãos rejeitam as descobertas da biologia e da física sobre as origens da vida e afirmam que o Livro do Gênesis é cientificamente exato em todos os detalhes” (ARMSTRONG, 2001, p. 9).

Na convicção da importância e relevância do tema para nosso país, e em busca de construir pontes de diálogo, nossa contribuição concentra-se na busca de identificar discursos que impedem ou promovem este diálogo e temas que precisam ser atendidos para desenvolvê-lo de fato. Partimos da hipótese que os discursos quanto a relação entre religião e ciência ou ciência e religião, desenvolvidos nestas duas obras emblemáticas, continuam presentes e relevantes no Brasil do século 21 diante dos seus pares no que eles representam, por um lado, pelo menos parcialmente, que devem ser identificados e desconstruídos e, por outro lado, eventualmente, contribuições que merecem ser consideradas na construção de um novo diálogo.

Escolhemos a forma de uma análise comparativa na intenção de que um estudo mais minucioso em conjunto dessas duas pudesse abrir novas pistas, indo além dos preceitos estabelecidos. Estamos conscientes de que a nossa proposta esteja um pouco mais voltada a lançar um olhar para os discursos utilizados em muitas igrejas do que nos discursos no mundo científico, mas, consideramos este interesse claro não como um impedimento, mas como ponto de partida e perspectiva dessa pesquisa.

Para uma orientação no tempo e no espaço quanto aos principais eventos que delimitaram e orientaram épocas na linha da História, serão utilizados na tabela que segue, os principais marcos históricos e as datas que dividiram os principais períodos da história ocidental, facilitando assim a localização dos eventos mais importantes relacionados à atual pesquisa. Tomando como exemplo, o fundamentalismo, um dos conceitos-chave do presente

trabalho, está localizado após os seguintes marcos: o renascimento, a revolução francesa e a revolução industrial, o Iluminismo e bem próximo do liberalismo teológico.

Idade Média 500-1500	Idade Moderna 1500-1900	Idade Contemporânea 1900-2011
"Idade das Trevas" <sup>2</sup>	<i>Renascimento do mundo Greco-romano Independência EUA (1776) Revolução Francesa (1789) Revolução Industrial (1789) Decl. dos Dir. do homem (1789) Independência do Brasil (1800)</i>	
Queda de Roma Feudalismo Cisma Igreja (1054) Fortalecimento do Catolicismo Fragmentação pequenos reinos Peste negra Escolástica O Papado As Cruzadas Inquisição	Fim do Feudalismo Reforma Protestante (1517) Capitalismo Estados modernos Pensamento moderno Descobrimentos: Novo Mundo Humanismo Renascimento Pietismo (XVII e XVIII) Puritanismo Deísmo Iluminismo Independência das Colônias	Liberalismo teológico <i>Os fundamentos</i> (1909-15) Fundamentalismo Pós-modernidade
Ciência moderna (Sec. 16 - )		

Tabela 1: visão geral da Idade Média, Moderna e Contemporânea.

Em seguida, vamos organizar o texto em quatro partes. Na primeira, serão apresentados em linhas gerais os principais elementos da Análise do Discurso Crítica, que auxiliará na análise dos textos e discursos das obras em questão. No primeiro capítulo, *Os fundamentos: discurso e relação entre religião e ciência moderna*, serão abordados os aspectos constituintes do fundamentalismo protestante e a obra que o impulsionou e deu nome ao movimento. Seus autores serão apresentados em uma pequena biografia apresentando-os em suas particularidades

<sup>2</sup> O termo "Idade das Trevas" ou "Era das Trevas" do latim *saeculum obscurum*, não faz jus ao período correspondente à Idade Média. É uma designação de cunho pejorativo para referir-se a uma época considerada por alguns como atrasada, principalmente pelo fato de haver crenças em bruxas, e de muita superstição advindas de crenças religiosas, muitas delas combatidas pela Santa Inquisição, fazendo portanto oposição à Idade Moderna que apontava para um período de luz, como por exemplo, o movimento Iluminista também conhecido como "século das luzes". Ao contrário do que se pensa, na idade média produziu-se muito conhecimento e fez-se muitas descobertas significativas para o avanço da ciência.

e contribuições. No segundo capítulo, intitulado, *Religião e ciência: a relação entre a ciência moderna e religião*, serão contempladas as questões russellianas dirigidas contra a religião cristã, tais como o contexto em que Bertrand Russell estava inserido, suas práticas como escritor e palestrante. Sua obra será analisada nos aspectos em que apresenta a ciência como uma possível substitutiva da fé religiosa colocando a religião em segundo plano. No terceiro capítulo, serão comparados os discursos dos capítulos anteriores. Em que eles se assemelham ou divergem.

# CAPÍTULO 1

## REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO E BIOGRAFIA

A fim de oferecer uma melhor compreensão às questões mais técnicas, o presente capítulo será composto do referencial teórico — o qual norteará o trabalho através da teoria e do método utilizado — e de uma minibiografia, constando os autores das duas obras, no intuito de apresentar, pelo menos parcialmente, o pensamento de cada autor das obras submetidas a análise.

### 1.1 Referencial teórico-metodológico

Antes da abordagem às questões do discurso propriamente dito e da relação entre religião e ciência moderna, algumas considerações se fazem necessárias para uma melhor compreensão do tema proposto. Apontaremos os principais elementos do discurso, ou mais especificamente, da Análise do Discurso Crítica (ADC) a partir da ótica faircloughiana. Norman Fairclough, um dos fundadores dessa disciplina, apresenta conceitos que se tornaram referências nesta área do conhecimento e, por isso, utilizados para analisar os discursos de *Os fundamentos e Religião e ciência*, que serão objetos de análise do presente trabalho. Entre os conceitos estão: texto, linguagem, discurso, efeitos sociais do discurso, ideologia(s) e lutas ideológicas, metadiscurso, coerência, comodificação e tecnologização discursiva a serviço do biopoder moderno. Também serão consideradas algumas figuras de linguagem tais como: ironia e metáfora.

Definindo texto de forma sintética, Fairclough afirma que “Qualquer instância real da linguagem em uso é um ‘texto’”. Sua definição oferece uma síntese relativamente descomplicada do que poderia ser a definição de texto, que para o presente trabalho é necessária e suficiente. Quanto ao termo “linguagem” ele o utiliza em seu sentido mais usual significando a linguagem verbal. As obras a serem analisadas atendem a essa especificação. O discurso ou análise do discurso para Fairclough “*signals the particular view of language in use*”<sup>3</sup> Afirma ainda que “*language is an irreducible part of social life, dialectically interconnected with other*

---

<sup>3</sup> [Tradução livre] Sinaliza a visão particular da linguagem em uso [...] como um elemento da vida social que está intimamente interligado com outros elementos.

*elements of social life, so that social analysis and research always has to take account of language*”.<sup>4</sup> (FAIRCLOUGH, 2003, p. 2-3). Para ele o discurso tanto é um modo de ação — a forma como as pessoas agem sobre o mundo e principalmente sobre os outros —, como é um modo de representação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 76). Tal representação discursiva incide nos efeitos sociais do discurso. No entendimento de Fairclough, não é possível compreender de fato os efeitos sociais do discurso sem olhar de perto o que acontece quando os integrantes de tal sociedade falam ou escrevem (FAIRCLOUGH, 2003, p. 3).

O discurso é socialmente constitutivo. [...] O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

As conceituações faircloughiana contemplam o discurso como um elemento inerente a vida social, ressaltando sua importância como prática representativa do mundo, tornando-se capaz de construir o mundo em significado. De maneira enfática o discurso como constitutivo da vida social contribui com todas as dimensões da estrutura social.

## **1.2 Elementos constituintes da Análise do Discurso Crítica**

A Análise do Discurso Crítica na concepção faircloughiana considera que os textos são produzidos em suas particularidades e em seus contextos sociais específicos, assim como são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos. Contempla os elementos essenciais que auxiliam na análise crítica do discurso em sua abordagem transdisciplinar da linguagem na vida social. Abordar todos esses elementos, seria uma tarefa por demais extensa, no entanto, nesse trabalho, faz-se um recorte dos principais elementos que guardam relação com pelo menos uma das duas obras em questão, a saber: *Os fundamentos e Religião e ciência* de Bertrand Russell. Os principais elementos a serem abordados serão: ideologia, hegemonia, metadiscurso, ironia, metáfora, comodificação e tecnologização.

---

<sup>4</sup> [Tradução livre] A linguagem é uma parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada com outros elementos da vida social, de modo que a análise e a pesquisa social sempre têm que dar conta da linguagem.

### 1.2.1 Ideologia

As práticas discursivas recorrentes têm a capacidade de afixar suas mensagens em determinadas sociedades tornando-as eficazes ao atingirem o status de naturalizadas e automatizadas, alcançando assim a condição de senso comum. Nesse estágio a mensagem do discurso costuma ser pouco questionada. É o momento em que se instala as ideologias, só podendo ser alteradas ao se instalar as lutas ideológicas. Os diversos discursos existem ou coexistem por que em algum momento se estabeleceram as ideologias que conferem sentido a determinado grupo ou indivíduo, pois “Um texto só faz sentido para alguém que nele vê sentido” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113). Toda sociedade tem as suas ideologias, seja religiosa, seja científica, como também têm as suas lutas ideológicas. Cada participante dessas instituições também podem ter as suas próprias ideologias, o que pode contribuir com as lutas ideológicas. Por exemplo, a relação de Martinho Lutero com a Reforma Protestante; os fundamentalistas protestantes em relação a ciência moderna; as afirmações Russellianas a respeito da religião.

Ideologia é uma forma de consciência social que contribui para a legitimação e efetivação de determinadas propostas bem articuladas oriundas de um grupo, classe ou indivíduo em posição ou condição de dominação, voltada para interesses diversos. Em linguagem faircloughiana “As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas”. Estas por sua vez “contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação”. Para Fairclough, “As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de ‘senso comum’” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117). A ideologia é uma modalidade de poder e dominação que atua nos posicionamentos, atitudes, crenças, perspectiva e atuação de determinada sociedade “*Ideologies are representations of aspects of the world which can be shown to contribute to establishing, maintaining and changing social relations of power, domination and exploitation*”<sup>5</sup> (FAIRCLOUGH, 2003, p. 9).

Os efeitos ideológicos decorrentes das ideologias têm a ver com a capacidade que os textos têm de inculcar e sustentar ou alterar ideologias. As representações ideológicas, podem ser identificadas nos textos, como por exemplo, nos textos da obra *Os fundamentos*, que em um

---

<sup>5</sup> [Tradução livre] “Ideologias são representações de aspectos do mundo que podem ser mostrados para contribuir para o estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração”.

de seus aspectos é a rejeição ideológica da ciência moderna em algumas instâncias. O mesmo ocorre com a obra *religião e ciência*, ao relegar à religião um papel secundário e desnecessário ao homem moderno. Fairclough chama a atenção para o fato de que nem sempre os ouvintes dos discursos têm consciência das dimensões ideológicas de suas próprias práticas. “As ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, e as pessoas podem achar difícil compreender que suas práticas normais poderiam ter investimentos ideológicos específicos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 120). Fairclough admite que nem todo discurso é irremediavelmente ideológico, no entanto “As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 121). Os discursos ou as práticas discursivas são elementos táticos intimamente ligados às relações de força e poder. Elas incorporam significações contribuindo assim para estabelecer ou reestruturar as relações de poder na sociedade. Portanto, “Analisar as instituições e as organizações em termos de poder significa entender e analisar suas práticas discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 76). Para Karl Marx e Engels, “A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe ao mesmo tempo dos meios de produção intelectual, de modo que, por essa razão, as ideias daqueles que não dispõem dos meios de produção intelectual ficam sujeitos à classe dominante” (MARX, 2001, p. 48). As ideologias assumem a expressão da vontade da classe dominante para alcançar a hegemonia. Quanto mais difundida e articulada forem as ideologias, mais sólidas elas serão, o que propicia a permanência da classe dominante no poder.

### **1.2.2 Hegemonia**

O conceito de hegemonia<sup>6</sup> como constitutiva das relações sociais tem dimensões ideológicas. Em uma sociedade ela é ao mesmo tempo, liderança e dominação nos diversos campos de atuação tais como: econômico, político, cultural, religioso além de outros. Hegemonia significa: liderança ou predominância em estado, confederação ou cidade.

---

<sup>6</sup> A noção de hegemonia é muito utilizada no seio da tradição marxista para designar as configurações sociais de classes. É com o italiano, pensador e cientista político, Antonio Gramsci, que tal conceito passa a ser utilizado para explicar a relação de poder entre as classes sociais dominantes e dominadas. A historiadora Kalina Vanderlei Silva, utiliza esse conceito para falar de Estado. “O Estado ainda é a forma hegemônica de organização política no mundo contemporâneo” (SILVA, 2009, p. 118).

Etimologicamente, do francês *hégémonie*, que por sua vez deriva do grego *hegēmonía* “guia, condução, direção, preeminência” (CUNHA, 1986, p. 405). O termo ganha novas conotações com Antonio Gramsci (1891-1937), para designar um tipo particular de dominação, a dominação consentida, por exemplo, a dominação de uma classe social ou nação sobre seus pares através das ideologias.

É o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. [...] É a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. [...] É um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

No foco das constantes lutas entre classes, o discurso hegemônico assume um aspecto fundamental, que é o esforço pela manutenção das ideias da classe dominante, mesmo quando essa luta se dá contra a própria classe dominante. A esse aspecto do discurso, Gramsci denomina de hegemonia ou “poder espiritual da classe dominante” (CHAUI, 1994, p. 97). Karl Max em *A ideologia Alemã*, ao falar do pensamento da classe dominante, que são também os “pensamentos dominantes”<sup>7</sup> diz que “o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” (MAX, 2001, p. 48). Em síntese a hegemonia é a dominação ideológica consentida de uma classe social sobre seus pares.

### ***1.2.3 Metadiscorso***

É outra particularidade do discurso que contribui sobremaneira para o entendimento do discurso como um todo. O metadiscorso é uma peculiaridade da intertextualidade<sup>8</sup>. Nele, o autor diferencia vários níveis dentro do próprio texto distanciando-se da elocução em questão

---

<sup>7</sup> “A expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de ideias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as ideias de sua dominação” (MAX, 2001, p. 48).

<sup>8</sup> “O conceito de intertextualidade aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros, discursos) para gerar novos textos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135).

como se fosse outro texto. Encontra-se o metadiscorso nos sermões e nos discursos fundamentalistas, quando por exemplo, afirma-se que tal sermão está ancorado na Bíblia como Palavra de Deus, o que pode implicar em um não questionamento por parte dos ouvintes quanto as palavras proferidas pelo pregador. Outro exemplo é quando se afirma que determinada doutrina está embasada na Bíblia Sagrada, no capítulo e versículo tal. “O metadiscorso implica que o(a) falante esteja situado acima ou fora de seu próprio discurso e esteja em uma posição de controlá-lo e manipulá-lo” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 157). O mesmo é possível que seja feito com as afirmações proferidas em nome da ciência. Dizer por exemplo, que determinada afirmação é feita a partir de dados científicos ou de comprovações científicas ou até mesmo a partir de uma autoridade científica pode caracterizar a ocorrência do metadiscorso. É possível portanto, atribuir tanto ao discurso religioso ancorado em um texto considerado sagrado como à ciência o status de autoridade e a partir daí construir-se o metadiscorso, uma vez que o locutor se coloca fora de seu próprio discurso. Esse nível do discurso oferece ao locutor a possibilidade de manipulação e controle.

#### ***1.2.4 Ironia***

Um aspecto do discurso muito utilizado em análise do discurso em geral, e que se identificado lança luz quanto ao entendimento dos textos analisados é a ironia. No texto irônico há um embate de vozes com múltiplas possibilidades de sentido. Intencionalmente afirma-se algo, mas significando outra coisa. De certa forma é uma falsa afirmação. É um jogo entre o dito e o não dito. Há um significante com dois significados, um sentido literal e outro figurado a ser desmistificado. Fairclough chama a atenção para o fato de que “A ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 158,159). Como característica própria dos debates, é possível encontrar afirmações irônicas com a intenção de criticar e desqualificar a parte criticada, muitas vezes contendo traços de humor, levando o leitor ao riso. Percebe-se que nos textos discursivos aonde há ironia, surgem ambiguidades de sentido, gerando uma tensão dissonante entre os discursos. A resolução dessa tensão — a interpretação do discurso propriamente dito —, apenas será empreendida pelo leitor intérprete conhecedor das duas ideologias dissonantes ao lançar um olhar crítico para ambos os discursos e decodificar o sentido velado e a intenção do enunciador irônico. Alvarce diz que a ironia em todos os aspectos é contraditória pelo fato de se iniciar da tensão entre discursos incongruentes, além de

produzir naqueles que dela se utilizam, feitos bastante contraditórios (ALAVARCE, 2009. p. 13).

### ***1.2.5 Coerência***

Na concepção faircloughiana há uma propriedade que os intérpretes impõem aos textos, que são suas suposições e experiências prévias e que podem gerar diferentes leituras. Trata-se da coerência. Para Fairclough esse é um conceito central para a interpretação. Ela não é uma propriedade do texto propriamente dito, mas sim uma imposição dos intérpretes. Os diferentes leitores, incluindo o próprio produtor do texto, podem gerar diferentes interpretações coerentes, uma vez que eles são mais do que simples sujeitos do discurso voltados para processos de discursos particulares. “Eles são também sujeitos sociais, com experiências sociais particulares acumuladas e com recursos orientados variavelmente para múltiplas dimensões da vida social, e essas variáveis afetam os modos como vão interpretar textos particulares” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 173). Fairclough entende que a coerência não deve ser entendida em sentido absoluto, lógico. Para ele, essa coerência está ligada aos propósitos do intérprete, o que pode incorrer em indeterminações e ambivalências. “Os textos postulam sujeitos intérpretes e implicitamente estabelecem posições interpretativas para eles que são ‘capazes’ de usar suposições de sua experiência anterior, para fazer conexões entre os diversos elementos intertextuais de um texto e gerar interpretações coerentes” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 171).

### ***1.2.6 Metáfora***

Não é incomum se afirmar que determinado texto diz isso ou aquilo. Todo leitor e toda leitura oferece uma forma de compreender o texto, pois não existe leitura isenta de interpretação, toda ela resulta em pelo menos uma forma de interpretação. O problema não reside no que está escrito, o texto em si, mas no leitor, ao afirmar algo sobre o texto. Dependendo da sua maneira de interpretar o texto, poderá dizer algo que não era a intenção do autor. Dentre as formas de interpretação de um texto, o fundamentalismo protestante, quanto a interpretação bíblica, optou pela forma literal de interpretação, o que causou estranheza entre alguns cristãos, especialmente os liberais e até mesmo entre alguns cientistas da Modernidade.

Um recurso muito utilizado e de grande importância para os textos, principalmente textos religiosos, é a utilização das metáforas. Elas estão presentes em todo tipo de discurso,

religiosos, políticos e inclusive nos científicos e técnicos. Fairclough constata que, na maior parte do tempo, algumas metáforas se naturalizam no interior de determinada cultura de forma tão profunda que seus membros deixam de percebê-las como tal. Torna-se extremamente difícil escapar delas em seus discursos, pensamento, ou ação, mesmo que se chame a atenção para isso (FAIRCLOUGH, 2003, p. 241).

A opção do leitor por um determinado modo interpretativo de um texto poderá alterar o seu significado substancialmente. A opção por uma abordagem literal ao invés de uma abordagem metafórica, poderá modificar a mensagem do texto, como por exemplo, aquela pretendida por seu autor. No que se refere aos primeiros capítulos do livro de Gênesis na Bíblia Sagrada, alguns leitores optam por uma interpretação literal, como é o caso dos fundamentalistas protestantes. Eles enxergam tais narrativas de modo literal, como se fossem fatos da história. O fato de uma narrativa ser histórica, mítica ou poética, não necessariamente diminui sua importância, veracidade ou o teor da mensagem. Há verdades metafóricas — apresentadas posteriormente por Paul Ricoeur —, muito utilizadas nos textos religiosos e míticos. A leitura metafórica contrasta com a leitura literal.

Metáfora do grego *metaphorein*, “transferir”, significa que há uma transferência de sentido. Não é o mesmo sentido do dicionário, mas associa-se um significado que vai além do que está escrito. Por exemplo, na afirmação “Deus é Pai”, associa-se a Deus a figura de um pai terreno. Há uma analogia entre dois sentidos, um literal e outro figurado. Para se referir a Deus em termos religiosos, geralmente utiliza-se as metáforas. A metáfora se aproxima dos símbolos e da poesia para potencializar a mensagem que se pretende explicar. “Metáfora é uma imagem que sugere alguma outra coisa [...] uma imagem da realidade” (CAMPBELL, 1990, p. 68, 125). Na compreensão de Joseph Campbell, — um dos grandes pesquisadores das religiões em seus aspectos míticos, simbólicos e metafóricos —, de um modo ou de outro, toda religião é verdadeira, mas apresenta um fator condicionante. “Verdadeira quando compreendida metaforicamente. Mas se ela se aferrar às suas próprias metáforas, interpretando-as como fatos, então haverá problemas” (CAMPBELL, 1990, p. 67). Campbell não vê problema algum em se interpretar os símbolos de determinado sistema religioso chamando-os de metáforas ao invés de fatos. Para ele, tal atitude poderia trazer como consequência “a transformação deles em mensagens para a experiência interior e para a vida” (CAMPBELL, 1990, p. 239). O que poderá lançar luz sobre as narrativas bíblicas, por exemplo, é o potencial da mensagem que pretendeu-

se transmitir. Perguntar pelos fatos é uma possibilidade, como também é uma possibilidade, perguntar pela mensagem.

A discussão teológica entre o Jesus histórico (SCHWEITZER, 2006)<sup>9</sup> e o Jesus da fé em alguns círculos acadêmicos, demonstra a preocupação e a importância dada às questões históricas em detrimento das questões metafóricas. Para alguns cristãos, é de extrema importância que Jesus Cristo seja um personagem histórico. Estes, fundamentam sua fé em fatos relacionados a um Salvador presente na linha da história. Um pesquisador mal intencionado ou com pouco entendimento ou até mesmo sem interesse pela religião, pode se valer do fato da História, enquanto ciência, não dar conta do Jesus histórico e questionar a crença em tal personagem, argumentando ser ele fictício. Paul Tillich entende que essa tentativa de separar o Jesus histórico do Jesus da fé, fracassou.

A busca do Jesus histórico foi uma tentativa de descobrir um mínimo de fatos confiáveis sobre o ser humano Jesus de Nazaré, para que pudessem proporcionar um fundamento seguro à fé cristã. Essa tentativa fracassou. A pesquisa histórica apenas forneceu probabilidades maiores ou menores sobre Jesus. A base dessas probabilidades, esboçaram-se algumas “Vidas de Jesus”. Mas eram mais romances do que biografias e certamente não podiam conferir um fundamento sólido à fé cristã. O cristianismo não se baseia na aceitação de um romance histórico, mas no testemunho sobre o caráter messiânico de Jesus dado por pessoas que não tinham o menor interesse em uma biografia do Messias (TILLICH, 2005, p. 395).

É possível ir além da discussão sobre o Jesus histórico e o Jesus da Fé. A própria mensagem carrega em si atributos capazes de superar tal dicotomia. A linguagem religiosa, nesse caso, a mensagem do evangelho de Jesus Cristo, é capaz de transmitir conforto, estabelecer ensinamentos éticos e morais e conferir importância ao semelhante, proporcionando assim um incrível poder de transformação tanto para o indivíduo como para a comunidade que atribui autoridade e status de sagrado a tais textos.

Também é possível conceber a figura de Deus como uma metáfora. Na concepção de Gibson da Costa, por exemplo, Deus não só é uma metáfora como “é a mais bela metáfora já criada pela mente humana; uma metáfora tão real para a experiência humana que, infeliz e contraditoriamente, chegamos a nos matar para defendermos nossas interpretações particulares

---

<sup>9</sup> Sobre esse assunto, consultar SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus histórico*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

dela” (COSTA, 2012, p. 125). Para ele, “Deus é um caminho ‘sagrado’ de vida que nos faz mergulhar no interior de nós mesmos para que possamos descobrir o que é ser humano” (COSTA, 2012, p. 176). Campbell ao se referir a Deus, diz: “*God is a metaphor for a mystery that absolutely transcends all human categories of thought, even the categories of being and non-being*” (CAMPBELL, 2003, p. 135).<sup>10</sup>

Percebe-se a acepção preconceituosa entre o sentido figurado e o sentido literal do discurso desde os gregos antigos. É importante salientar que desde Aristóteles se instituiu uma tradição que separa o discurso direto ou literal, como apropriado ao conhecimento verdadeiro e ao discurso racional do discurso figurativo ou metafórico. Este tipo de discurso estava reservado às expressões artísticas e à persuasão, não encontrando espaço na filosofia. Na Modernidade esse recurso linguístico também não encontrou espaço na ciência moderna “pois seus meandros interceptam a trajetória da reta razão em direção às ideias claras e distintas, afrontando um princípio básico nos primórdios da ciência moderna, defendido por Descartes, Locke e Hume” (NUNES, 2005, p. 8). Sob a alegação de não conduzir à verdade, argumentava-se que as metáforas não podiam ser verificadas quando interpretadas literalmente. Tal constatação implicava na impossibilidade de descrever fenômenos — palavra-chave para a ciência moderna —, ou até mesmo apresentar significado. As metáforas portanto “São inúteis, segundo essa lógica, ao discurso científico ou filosófico” (NUNES, 2005, p. 8). Paul Ricoeur diz que “Nenhuma filosofia procede diretamente da poética: demonstra-se isto no caso aparentemente mais desfavorável, o da analogia aristotélica e medieval”. Para Ricoeur a metáfora é uma peça essencial da teoria simbólica. “O que se trata de fazer aparecer é a diferença entre, por um lado, o que é ‘metaforicamente verdadeiro’ e o que é ‘literalmente verdadeiro’ e, por outro, entre o par que forma verdade metafórica e verdade literal e ‘a simples falsidade’” (RICOEUR, 2005, p. 354). Para Ricoeur, é possível se falar em verdade literal e verdade metafórica, esta com o fim de designar a intenção realista que está vinculado à redescrição da linguagem poética.

### **1.2.7 Comodificação**

A partir da forma como foi produzido e distribuído determinado texto, é possível identificar o que Fairclough chama de processo de comodificação. É o processo em que os

---

<sup>10</sup> [Tradução livre] Deus é uma metáfora para um mistério que absolutamente transcende todas as categorias do pensamento humano, até mesmo as categorias do ser e não-ser.

domínios e as instituições sociais, mesmo não estando diretamente interessados em produzir mercadorias para vendas com fins econômicos, utilizam o processo da cultura empresarial em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias. “Em termos de ordens de discurso, podemos entender a comodificação como a colonização de ordens de discurso institucionais e mais largamente da ordem de discurso societária por tipos de discurso associados à produção de mercadoria” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 11). Esse processo, por exemplo, foi utilizado na obra *Os fundamentos*. Ela foi financiada por empresários protestantes do ramo do petróleo e logo foi distribuída em países alvos dos missionários de orientação fundamentalista. A obra *Religião e ciência* também se beneficiou do processo de comodificação em virtude da projeção de seu autor como escritor e filósofo no cenário mundial. Russell é detentor da mais alta condecoração britânica, a *Order of Merit*<sup>11</sup> (Ordem do Mérito) e ganhador do mais alto prêmio conferido a um escritor, o prêmio Nobel de literatura em 1950, em reconhecimento à sua variada e significativa produção literária, com ênfase aos seus ideais humanitários e à liberdade de pensamento. Michael Ruse, na introdução<sup>12</sup> à edição brasileira de *Religião e ciência*, faz menção ao prêmio Nobel de Russell atribuindo tal conquista à referida obra. Menciona ainda que foi reeditada mais de doze vezes (RUSSELL, 2009, p. viii). O processo de comodificação do discurso portanto, é uma forma de se propagar uma ideologia de maneira eficiente por meio da colonização e do discurso que se pretende difundir utilizando-se dos meios disponíveis pelo mercado econômico, mesmo não havendo intenção de lucro.

### ***1.2.8 Tecnologização discursiva***

Outro processo identificado pela Análise do Discurso Crítica é o processo de tecnologização discursiva. Este se utiliza das tecnologias e das técnicas a serviço do biopoder moderno. “As sociedades modernas são caracterizadas por uma tendência relacionada ao controle sobre partes cada vez maiores da vida das pessoas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 264). O termo biopoder foi cunhado por Michel Foucault e utilizado por Fairclough para se referir a forma moderna de poder surgida no século 17. “O biopoder ‘trouxe a vida e seus mecanismos para o terreno dos cálculos explícitos e tornou o conhecimento/poder um agente de transformação da vida humana’” (FOUCAULT *apud* FAIRCLOUGH, 2001, p. 76). Na

---

<sup>11</sup> Prêmio conferido como recompensa por serviços extraordinários prestados nas Forças Armadas, Ciência, Arte, Literatura ou pela promoção da Cultura.

<sup>12</sup> A introdução de Michael Ruse apresenta-se em forma de prefácio, assim como Luiz Sayão apresenta a obra *Os fundamentos* no prefácio.

tecnologização discursiva o binômio conhecimento e poder está sempre presente, principalmente o conhecimento sobre linguagem. Consta-se que as tecnologias discursivas têm seus próprios tecnólogos e especialistas, como “pesquisadores que cuidam de sua eficiência, especialistas que trabalham em seu aperfeiçoamento à luz da pesquisa e da mudança nas exigências institucionais e treinadores que transmitem as técnicas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 264). Entre os tecnólogos destacam-se membros de departamentos de ciências sociais das universidades. Lembremos da Escola de Princeton<sup>13</sup>, composta por seus diretores eruditos, homens cultos de grande projeção no meio acadêmico e que forjaram os principais líderes da ortodoxia protestante<sup>14</sup> e consequentemente contribuíram na formação dos editores da obra *Os fundamentos*. Na referida obra, por exemplo, no prefácio à edição brasileira, há uma exaltação a seu editor e idealizador Reuben Archer Torrey, que demonstra a presença do biopoder e da valorização da tecnologização discursiva. Apresentando um dos fatores que segundo o autor do prefácio valoriza em muito a obra. É o fato de ele ter sido um homem extraordinário “Além de possuir vasta erudição, garimpada tanto nos EUA como na Alemanha, R. A. Torrey ficou conhecido por sua paixão evangelística e por sua espiritualidade” diz ainda: “Com maestria combinou intelectualidade e vida de oração. [...] Em nossa terra, acostumada aos dualismos pós-platônicos, marcada pela polarização entre razão e espiritualidade, o exemplo de R. A. Torrey tem muito a ensinar” (TORREY, 2005, p. 10). Fairclough diz que a tecnologização se utiliza do conhecimento do discurso para redesenhar as práticas discursivas e treinar as pessoas a impor novas práticas discursivas. Ele também a vê como uma fonte para a engenharia cultural e social.

---

<sup>13</sup> Osiel Lourenço de Carvalho nos lembra que “os teólogos de Princeton criaram os alicerces do fundamentalismo, pois identificavam o cristianismo com a doutrina correta; enfatizaram a revelação como uma verdade objetiva e transmitida através das Escrituras e rejeitaram os pressupostos da teologia liberal e da alta crítica” (SOUZA, 2013, p. 49).

<sup>14</sup> Etimologicamente (gr. *orthodoxía*; *orto* = reto, *doxa* = opinião ou glória) “opinião reta” ou “doutrina reta”. Opõe-se à heterodoxia ou à heresia. Ortodoxia protestante refere-se ao movimento teológico pós-reforma que tem como valores centrais a inspiração verbal das Escrituras Sagradas e sua infalibilidade. Defendem que a Bíblia Sagrada foi totalmente inspirada pelo Espírito Santo de Deus e sua origem seria divina e não humana. Quanto a sua infalibilidade, a Bíblia não contém erros, é inerrante, é infalível, não falha. O principal expoente desta teologia e que mais tarde lançou as bases do fundamentalismo foi o teólogo ítalo-suíço Francis Turretin (1623-1687). Turretin escreveu a obra *Institutiones theologiae elenchiticae*, leitura obrigatória no Seminário de Princeton “a única e exclusiva teologia verdadeira da doutrina protestante” (OLSON, 2001, p. 572). “O tratado mais sistemático e eficiente sobre teologia doutrinária do grupo reformado depois das *Institutas* de Calvino” (NASHILLE *apud* OLSON, 2001, p. 571).

Contrariando a postura erudita da escola de Princeton após 1925, ano do escândalo do caso Scopes<sup>15</sup>, alguns fundamentalistas, de certa forma, optaram pelo sacrifício do intelecto<sup>16</sup> — o que destoa dos eruditos da escola de Princeton —, em nome de suas crenças, rejeitando algumas novidades advindas da teologia liberal, que estava em consonância com elementos da ciência moderna, tais como a teoria evolucionista de Charles Darwin e os questionamentos relacionados que se propõem uma leitura mais poética, ao invés de literal, dos primeiros capítulos de Gênesis. Pois, segundo Fairclough, “Cada interpretação implica um modelo particular de prática discursiva” (FAIRCLOGH, 2001, p. 272). Seria falso afirmar que os fundamentalistas são ignorantes. Há erudição entre eles. No entanto, são extremamente seletivos. Eles selecionam suas doutrinas a partir de pressupostos doutrinários específicos e não abrem mão disso por nada. Fazendo menção à tecnologização discursiva, “Elas produzem mudança discursiva mediante um planejamento consciente, isso implica acesso de parte dos tecnólogos ao conhecimento sobre a linguagem, o discurso e a semiose e ainda ao conhecimento psicológico e sociológico” (FAIRCLOGH, 2001, p. 264).

Nos capítulos que se seguem, esses elementos serão utilizados a partir de uma perspectiva crítica voltada para os discursos tanto científico como religioso. Serão aplicados aos textos em análise, considerando e enfatizando sua relação não apenas com o texto-discurso, mas apontando sua aplicação nas práticas sociais.

### 1.3 Biografia dos autores

Serão apresentados em sínteses biográficas os autores de *Os fundamentos*, cujos textos são objetos de análise da presente pesquisa. Nestas minibiografias vamos sempre enfatizar os respectivos conhecimentos, posicionamentos e áreas de estudo. Fazemos isso porque entendemos que o próprio Torrey os inclui nesta coletânea por serem considerados na época autoridades na sua área e conhecimento. Para usar a terminologia de Fairclough, sendo eles especialistas dos seus campos de conhecimentos, propiciam a tecnologização discursiva. O mesmo será feito com o autor de *Religião e Ciência*. Sua origem, o contexto em que esteve inserido, as disciplinas com que se envolveu ao longo de sua vida, acontecimentos marcantes, disputas com pessoas e entidades religiosas, lugares por onde passou, influência que exerceu

---

<sup>15</sup> Vide p. 75, Segregação e declínio no fundamentalismo.

<sup>16</sup> Termo cunhado por Max Weber em sua obra *Ciência e Política*. Para Weber, “O poder de realizar essa proeza, que é o ‘sacrifício do intelecto’ constitui o traço decisivo e característico do crente praticante” (WEBER, 2011, p. 42).

no meio acadêmico e religioso. Acusações de que recebeu de instituições e pessoas religiosas poderão enriquecer a pesquisa e lançar luz sobre o porquê de sua postura ironista — o ironismo permeia seu discurso, chegando a ser uma marca de seu texto, apresentando atitudes às vezes desdenhosas — e nada amistosa em relação à religião.

### ***1.3.1 Autores de Os fundamentos***

#### ***1.3.1.1 Sobre Reuben Archer Torrey***

Reuben Archer Torrey (1856-1928) nasceu em Hoboken, New Jersey, EUA. Filho de um advogado e banqueiro da cidade de Nova Iorque. Em sua carreira eclesiástica atuou como professor, evangelista, pastor, escritor e editor. Um de seus grandes feitos foi o empreendimento editorial da obra *Os fundamentos*, na qual também participou como escritor, contribuindo com 3 capítulos: *A certeza e a importância da ressurreição corporal de Jesus Cristo dentre os mortos*; *A personalidade e a divindade do Espírito Santo*; e *O lugar da oração no evangelismo*. Foi um erudito notável. Graduiu-se na Yale University em 1875 e na Yale Divinity School em 1878. Após sua graduação, tornou-se ministro da Igreja Congregacional em Garrettsville, Ohio. Estudou teologia na Alemanha, na *German universities of Leipzig e Erlangen University* entre 1882-1883. Juntou-se a Dwight Lyman Moody em seu trabalho evangelístico em Chicago em 1889, e tornou-se superintendente do *Bible Institute of the Chicago Evangelization Society* (Instituto Bíblico da Sociedade de Evangelização de Chicago), atualmente *Moody Bible Institute* (Instituto Bíblico Moody).

Em 1898, Torrey serviu como capelão com a YMCA *Young Men's Christian Association* (Associação Cristã de Homens Jovens)<sup>17</sup> em Camp Chicamauga durante a Guerra Hispano-Americana. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, ele executou serviço semelhante no Camp Bowie (um campo de prisioneiros no Texas) e Camp Kearny. Além de exímio orador, foi um profundo conhecedor do grego e do hebraico. Ideologicamente, no âmbito teológico, foi partidário da alta crítica, mas, após seus estudos na Alemanha, passou a rejeitar tal posicionamento, tornando-se um opositor inveterado do liberalismo teológico.

Entre os anos de 1903 e 1905, Torrey realizou cultos de avivamento na Grã-Bretanha. Nesse período, também visitou a China, Japão, Austrália e Índia. Empreendeu campanhas semelhantes em cidades americanas e canadenses entre 1906 e 1907. Ao longo dessas

---

<sup>17</sup> Associação fundada em Londres em 6 de junho de 1844, durante a Revolução Industrial, pelo jovem de 23 anos, George Williams, preocupado com o bem-estar e o futuro da sua geração. A ramificação brasileira dessa associação utiliza a sigla ACM (Associação Cristã de Moços ou Associação Cristã da Mocidade).

campanhas Torrey se utilizou do estilo de ajuntamento utilizadas nas campanhas de avivamento dos anos 1870 por Dwight L. Moody. Morreu em 26 de outubro de 1928 na Carolina do Norte.

Torrey é considerado um dos mais importantes pensadores do fundamentalismo protestante, movimento em que esteve inserido e que propagou com ênfase descomunal. Escreveu muitos livros, entre eles: *The divine origin of the Bible: its authority and power demonstrated and difficulties solved* (A origem divina da Bíblia: sua autoridade e poder demonstradas e dificuldades resolvidas) 1899. *The fundamental doctrines of the Christian Faith* (As doutrinas fundamentais da fé cristã) 1918. *The real Christ* [O Cristo Real] (1920); *Is the Bible the inerrant Word of God?* (A Bíblia é a Palavra inerrante de Deus?) 1922 e *The power of prayer* (O Poder da oração) 1924. *Divine healing. Does God perform miracles today?* (A cura divina. Será que Deus faz milagres hoje?) 1924. Uma de suas obras de grande repercussão no mundo evangélico, editada ainda hoje, é sua concordância bíblica em tópicos *Torrey's topical concordance* (1897), conhecida popularmente como Concordância de Torrey, contendo 628 entradas e mais de 20.000 referências bíblicas.

O professor Luiz Sayão, ao prefaciar a edição brasileira de *Os fundamentos*, enfatiza que um dos fatores que valoriza em muito a obra *Os fundamentos* é o fato de Torrey, seu editor e idealizador, ter sido um homem extraordinário. Menciona sua vasta erudição garimpada tanto em sua terra natal como na Alemanha. Exalta sua paixão evangelística e vida de espiritualidade, combinadas à sua intelectualidade e vida de oração, qualidades presentes nos avivamentos espirituais que promovia, marca de seu ministério evangelístico mundial.

### ***1.3.1.2 Sobre David Heagle***

A obra *Os fundamentos*, na edição brasileira, apresenta o capítulo 3, *A Bíblia e a crítica moderna*, como de autoria de David Heagle. Na verdade o capítulo 3 é de autoria do reverendo Jean Frédéric Bettex. Em nota de rodapé dessa edição, na qual deveriam figurar as informações sobre o autor, consta: “Informações biográficas adicionais não disponíveis” (TORREY, 2005, p. 31). De acordo com a versão original em inglês de *The fundamentals* (Os fundamentos), David Heagle é quem traduz o capítulo intitulado *The Bible and Modern Criticism*<sup>18</sup> do original alemão para o inglês. Na edição em inglês de *The fundamentals*, David Heagle é o autor do capítulo primeiro intitulado *The tabernacle in the wilderness: did it exist?* (O tabernáculo no deserto: ele existe?). Nas referências sobre o autor consta que ele foi professor de teologia e

---

<sup>18</sup> Na tradução da edição brasileira o título desse capítulo foi traduzido como “A Bíblia e a crítica moderna”.

ética no *Ewing College, Ewing*, e tradutor. Entre suas produções literárias estão *Moral education* (Educação moral); *That blessed hope* (Bendita esperança); 1935; *Do the dead still live?: or the testimony of science respecting a future life* (O morto ainda vive? Ou o testemunho da ciência a respeito da vida futura) 1920; *The Lord God of Elijah: or, The true Biblical doctrine of God as opposed by evolution: a great question of today* (O Senhor Deus de Elias: ou, a verdadeira doutrina bíblica de Deus como oposição a evolução: uma grande questão para hoje); entre outros.

### **1.3.1.3 Sobre Jean Frédéric Bettex**

Jean Frédéric Bettex (1837-1915) ou simplesmente Dr. F. Bettex, como é apresentado em muitas de suas obras, foi um escritor suíço de apologética, de vasta produção literária. Estudou e trabalhou em grande parte de sua vida no sul da Alemanha. É conhecido por seus livros apologéticos, como se pode perceber nos temas de suas obras, as quais refletem seu conhecimento científico. Foi educado em Württemberg e estudou em Tübingen. Em 1902 recebeu do rei de Württemberg o título de professor universitário, porém tratava-se de um título de reconhecimento, sem efeito acadêmico. É o autor de *The Bible and modern criticism* (A Bíblia e a crítica moderna), obra utilizada no terceiro capítulo de *Os fundamentos*. Originalmente esse texto foi escrito em alemão e traduzido por David Heagle. As principais obras de Frédéric Bettex são: *Das erste Blatt der Bibel* (A primeira página da Bíblia) 1906; *Naturstudium und Christentum* (Estudo na natureza e do Cristianismo) 1896; *Natur und Gesetz* (Natureza e Direito) 1905; *Symbolik der Schöpfung und ewigen Natur* (Simbolismo da criação e da natureza eterna) 1899; *Das Wunder: Eine Deutung der Wunder Gottes in der Heiligen Schrift* (O milagre: uma interpretação das maravilhas de Deus na Sagrada Escritura) 1899; *Das Lied der Schöpfung* (A canção da criação) 1906; *Die Bibel Gottes Wort* (A Bíblia a Palavra de Deus) 1903; *Glaube und Kritik* (Fé e crítica) ; *Glaube und Kritik : ein Wort an die Gläubigen* (Fé e crítica: a Palavra aos fiés) 1904; *Zweifel?* (Dúvida) 1909; *Das Buch der Wahrheit* (O livro da verdade) 1907; *Von der Größe des dreieinigen Gottes* (Da grandeza de Deus Uno e Trino) 1911; *Das Ende. Die letzten Dinge nach der Schrift* (O fim. As últimas coisas de acordo com as Escrituras) 1913; *Naturstudium und Christentum* (Ciência e cristianismo) 1902.

#### **1.3.1.4 Sobre James Orr**

É o autor de quatro capítulos da obra *Os fundamentos*. No presente estudo, analisaremos apenas dois deles, o capítulo 4, intitulado *As Sagradas Escrituras e as negações modernas*, e o capítulo 8, *As primeiras narrativas de Gênesis*. James Orr (1844-1913) nasceu em Glasgow, na Escócia. Em 1870, graduou-se em Filosofia pela Universidade de Glasgow. Dentre suas atribuições eclesíásticas, foi professor de teologia e ministro da Igreja Presbiteriana Unida de East Bank, em Hawick, Escócia. Foi professor de História da Igreja pela Faculdade Teológica Presbiteriana Unida em Glasgow até 1901. Também foi professor de apologetica e dogmática no Glasgow College, que posteriormente teve seu nome mudado para Trinity College. Suas obras mais conhecidas são: *The christian view of God and the World* (A visão cristã de Deus e do mundo), de 1893, publicado posteriormente em 1989 pela Kregel Publication; *The progress of dogma* (O progresso do dogma), de 1897; *The international standard Bible encyclopaedia* (A enciclopédia bíblica padrão internacional), 1897; *The virgin birth of Christ* (O nascimento virginal de Cristo), 1907; *The Resurrection of Jesus* (A ressurreição de Jesus), 1908; *Revelation and inspiration* (Revelação e inspiração), 1910; *The virgin birth of Christ* (O nascimento virginal de Cristo), 1914; e *The Bible under trial, apologetic papers in view of present-day assaults on Holy Scripture* (A Bíblia sob julgamento, papéis apologeticos em vista de agressões de hoje na Sagrada Escritura), 1907.

Como estudioso e crítico do liberalismo teológico, especialmente o de Albrecht Ritschl (1822-1889), seus conhecimentos nessa área lhe renderam alguns livros sobre o assunto. *David Hume and his influence on philosophy and theology* (David Hume e sua influência sobre a filosofia e a teologia), 1903; *God's image in man and its defacement in the light of modern denials* (A imagem de Deus no homem e sua desfiguração à luz das recusas modernas), 1908; *The ritschlian theology and the evangelical faith* (A teologia Ritschliana e a fé evangélica), 1898; *Holy Scripture and modern negation* (A Sagrada Escritura e a negação moderna); *The problem of the Old Testament: considered with reference to recent criticism* (O problema do Antigo Testamento: considerado com referência a recentes críticas), 1906; e *Ritschlianism: expository and critical essays* (Ritschlianismo: ensaios expositivos e críticos) 1903. Seu posicionamento contrário à teologia liberal contribuiu diretamente com a obra *Os fundamentos*. Quanto à controvérsia da criação, era adepto do criacionismo progressivo.

### **1.3.1.5 Sobre Canon Dyson Hague**

O canadense Canon Dyson Hague (1857-1935) contribui com três capítulos da obra *Os fundamentos*. O primeiro capítulo desta, intitulado *História da alta crítica*, é de sua autoria. Seu texto a ser analisado será o capítulo 11, *O valor doutrinal dos primeiros capítulos de Gênesis*. Estudou artes e teologia na Universidade de Toronto, sendo ordenado sacerdote em 1883. Foi professor de apologetica, liturgia e homiléticas no Wycliffe College em Toronto, Canadá. Atuou como coadjutor na Catedral de St. James, em Toronto, e diretor da Catedral de St. Paul, em Brockville, Ontário, e da de St. Paul, em Halifax, Nova Escócia. É autor de vários livros. Entre eles, *The Church of England before the Reformation* (A Igreja da Inglaterra antes da Reforma), 1897.

### **1.3.1.6 Sobre George Frederick Wright**

O americano George Frederick Wright (1838-1921) — responsável pelo décimo segundo capítulo de *Os fundamentos*, sob a designação *O testemunho arqueológico para as Escrituras* —, nasceu em Whitehall, estado de Nova Iorque. Formou-se em Oberlin College em 1859. Recebeu o título de mestre pelo Seminário Teológico de Oberlin em 1862. Atuou como pastor e professor de apologetica. Lecionou no mesmo seminário em que estudou como professor de língua e literatura do Novo Testamento. Chegou a lecionar uma matéria denominada *harmony of science and revelation* (harmonia da ciência e revelação). Interessava-se por geologia e pela relação existente entre ciência e religião. Atuou como geólogo assistente do serviço geológico da Pensilvânia. Foi eleito membro da Sociedade Geológica da América em 1890. Foi presidente da Ohio Historical Society (Sociedade Histórica de Ohio) de 1907 até pouco antes de morrer. Alcançou o título de *doctor of divinity* – DD<sup>19</sup>. Inicialmente foi um defensor ferrenho do darwinismo, chegando até mesmo a atuar como líder de um grupo de darwinistas cristãos, mas acabou mudando sua forma de conceber a criação e devotando compromisso com uma forma de evolução teísta. Em colaboração com o botânico Harvard Asa Gray (1810-1888), procurou harmonizar a teoria da evolução (seleção natural) de Charles Darwin com os princípios do cristianismo ortodoxo, um esforço que provocou amáveis palavras do próprio Darwin. Um quarto de século mais tarde, Wright despontou como uma das principais autoridades científicas entre os fundamentalistas americanos. A mudança de posição de Wright

---

<sup>19</sup> Em latim *divinitatis doctor*, doutor em divindade, título proferido por algumas instituições eclesiásticas americanas e inglesas.

de defensor do darwinismo a apologista do fundamentalismo é curiosa, pois geralmente o movimento se dá ao contrário, de fundamentalista criacionista a evolucionista. Teve uma carreira prolífica como escritor. Publicou obras nas áreas de geologia, história e teologia. Entre suas publicações, encontram-se *The logic of christian evidences* (A lógica das evidências cristãs), de 1880; *Studies in Science and Religion* (Estudos sobre ciência e religião), de 1882; *The divine authority of the Bible* (A autoridade divina da Bíblia), de 1884; e uma biografia de Charles Finney (1891), além de sua autobiografia (1916). Seu profundo interesse pela geologia o levou a viajar pelo mundo — Alasca, Groenlândia, China, Mongólia, Manchúria, Sibéria, Turquestão e as montanhas do Cáucaso e Líbano — coletando informações para embasar as obras que publicou, principalmente na área de geologia. *Greenland icefields and life in the North Atlantic. With a new discussion of the causes of the ice age* (Campos de gelo da Groenlândia e da vida no Atlântico Norte. Com uma nova discussão sobre as causas da idade do gelo), 1896; *The glacial boundary in western Pennsylvania, Ohio, Kentucky, Indiana, and Illinois* (O limite glacial no oeste da Pensilvânia, Ohio, Kentucky, Indiana e Illinois), 1890; *Scientific confirmations of Old Testament history* (Confirmações científicas da história do Antigo Testamento), 1906; *Origin and antiquity of man* (Origem e antiguidade do homem), 1906; *Scientific aspects of Christian evidences* (Aspectos científicos da evidências cristãs), 1898; e *Studies in science and religion* (Estudos da ciência e religião), 1882, são obras de sua vasta autoria.

### ***1.3.1.7 Sobre James Martin Gray***

A respeito deste autor (1851-1935), afirmou Dwight Lyman Moody: “O melhor professor da Bíblia que já encontrei”<sup>20</sup>. Na década de 1890, Gray e Moody atuaram juntos nas campanhas evangelísticas de Nova Iorque, Boston e Chicago. Gray escreve *A inspiração da Bíblia — definição, extensão e prova*, capítulo 14 de *Os fundamentos*. No círculo protestante, Gray foi considerado um notável expositor das Escrituras Sagradas, conferencista conceituado, além de escritor e educador. Atuou como reitor da Primeira Igreja Episcopal Reformada em Boston (1879-1894) e como professor de Bíblia na A. J. Gordon Missionary and Training School (atualmente Gordon College). Foi reitor e presidente do *Moody Bible Institute* (Instituto

---

<sup>20</sup> GRAY, James Martin. *A inspiração da Bíblia — definição, extensão e prova*. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 129-139.

Bíblico Moody) em 1924 e 1925 respectivamente. Foi editor da Bíblia de Referência de Scofield, proferiu palestra na Grã Bretanha e escreveu vários livros e numerosos hinos evangélicos. Entre os seus livros mais importantes estão: *How to master the english bible* (Como Dominar o Inglês Bíblico), *Christian Worker's Commentary* (Comentários do obreiro cristão), republicado por Kregel Publications como *Home bible study commentary* (Comentários para o estudo bíblico em casa), e *Why a christian cannot be an evolutionist?* (Por que um cristão não pode ser um evolucionista?).

### **1.3.1.8 Sobre Arthur Tappan Pierson**

Um dos feitos do missionário americano nova-iorquino Arthur Tappan Pierson (1837-1911) e que depôs em seu favor projetando-o no cenário evangélico como pregador, foi a notável tarefa de substituir o pregador mundialmente conhecido Charles Haddon Spurgeon no púlpito do Metropolitan Tabernacle, em Londres, quando este ficou doente. Ali permaneceu de 1891 a 1893. Da obra *Os fundamentos*, escreveu o décimo oitavo capítulo, intitulado *O testemunho da unidade orgânica da Bíblia à sua inspiração*. Inicialmente atuou nas igrejas congregacionais e presbiterianas em Nova Iorque e Pensilvânia. Assim como James Martin Gray, foi um dos editores da *Scofield Reference Bible* (Bíblia de Referência Scofield) como consultor do texto original. Foi um exímio pregador, proferindo mais de 13.000 sermões. Tornou-se conhecido principalmente devido a sua atuação como pregador na Escócia e Inglaterra. Sua reputação era de pregador erudito. Escreveu mais de cinquenta livros. Entre suas obras mais importantes, estão: *Crisis of Missions* (Crise das missões), *The coming of the Lord* (A vinda do Senhor), e *Miracle of Missions* (O Milagre das missões). *Arthur Tappan Pierson and forward movements of late-nineteenth-century evangelicalism* (Arthur Tappan Pierson e movimentos à frente do evangelicalismo no final do século XIX), 1984; *The Believer's life, etc* (Vida do crente, etc), 1907; *The Miracles of missions: the modern marvels in the history of missionary enterprise* (Os Milagres de missões: as maravilhas modernas da história da empresa missionária), 1899; *Many infallible proofs: a series of chapters on the evidences of Christianity, or, The written and living Word of God* (Muitas provas incontestáveis: uma série de capítulos sobre as evidências do cristianismo, ou, a Palavra escrita e viva de Deus), 1891; *Knowing the Scriptures: rules and methods of Bible study* (Conhecendo as Escrituras: regras e métodos de estudo da Bíblia), 1910.

### **1.3.1.9 Sobre Thomas Whitelaw**

Ministro presbiteriano escocês, Thomas Whitelaw (1840-1917), escritor de *O cristianismo não é fábula*, vigésimo nono capítulo de *Os fundamentos*, recebeu educação formal no *United Presbyterian Hall*, em Edimburgo, Escócia. Foi ordenado em 1864. Atuou como pastor e administrador em igrejas presbiterianas e também na Igreja Livre Unida. Escreveu muitos livros. Entre seus escritos mais difundidos constam os comentários e estudos sobre Gênesis e Atos dos Apóstolos. Ele também escreveu sobre a divindade de Cristo. Suas obras mais conhecidas estão: *Genesis* (Gênesis), 1913; *The Old Testament critics: an inquiry into the character, effect, and validity of their teaching, a question for the Christian people of today* (Os críticos do Antigo Testamento: um inquérito sobre o personagem, efeito e validade de seu ensino, uma questão para o povo cristão de hoje), 1903; *The Gospel of St. John: an exposition exegetical and homiletical, for the use of clergymen, students, and teachers* (O Evangelho de São João: uma exposição exegética e homilética para o uso de clérigos, estudantes e professores); *The old lamp: short studies in and on the Bible* (A lâmpada antiga: estudos de curta duração na e sobre a Bíblia), 1912.

### **1.3.1.10 Sobre Cyrus Ingerson Scofield**

O teólogo americano Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921) é muito conhecido no meio evangélico, principalmente entre os fundamentalistas, por causa da Bíblia de estudos que leva o seu nome, Bíblia de Referência Scofield. Estudou direito em St. Louis em 1869. Atuou como advogado no Kansas. Serviu na Legislatura do Estado de Kansas em 1871, e foi nomeado procurador em 1873. Foi licenciado ao ministério pastoral em 1880 e, no ano seguinte, organizou uma pequena Igreja Congregacional em Dallas, Texas (hoje, a Igreja Memorial de Scofield). Em 1883 foi ordenado ministro da Igreja Congregacional. Em 1901 empreendeu o plano para sua Bíblia de referência, que foi publicada pela primeira vez em 15 de janeiro 1909 pela *Oxford University Press*. Em 1917, uma nova edição da Bíblia de referência de Scofield foi publicada. Ajudou na fundação da Faculdade Bíblica da Filadélfia em 1914. Em 1967 foi realizada uma revisão completa de sua Bíblia de estudos/referências. Scofield é conhecido mundialmente, principalmente nos círculos protestantes dos EUA, devido a sua posição teológica dispensacionista<sup>21</sup> aplicada na interpretação da Bíblia. Na América Latina, a Bíblia

---

<sup>21</sup> Posição teológica que enfatiza a distinção entre a Igreja Neotestamentária e o antigo Israel do Antigo Testamento. O termo dispensacionista vem da concepção de que entre a criação e o juízo final existem sete

de Scofield teve grande aceitação, tornando-se popular, especialmente nas igrejas pentecostais, que se apoiaram na hermenêutica literal constante em suas anotações. Os últimos anos de Scofield foram voltados ao ministério de conferências sobre a Bíblia. Algumas de suas obras: *The truth about hell* (A verdade sobre o inferno), 1916.

## 1.4 Autor de Religião e Ciência

### 1.4.1 Sobre Bertrand Russell

Bertrand Arthur William Russell (1872-1970), filósofo e matemático inglês de origem da aristocracia formada por nobres liberais. Teve uma infância de orientação cristã puritana, mas ainda na adolescência mostrava-se cético acerca dos dogmas religiosos, abandonando a fé cristã aos dezoito anos. Para ele, o fim essencial da vida residia na felicidade terrena. Acreditava que “a filosofia deve preparar o terreno para uma ciência pragmática que permitirá ao homem dedicar-se ao aperfeiçoamento do mundo em que vive” (Verbete - Encyclopaedia Britannica Do Brasil). Entre diversas atividades, foi professor universitário, conferencista e jornalista. Como filósofo, sua ênfase se centrava no que ele entendia ser o caráter libertador da lógica. Defendia pontos de vista neopositivistas<sup>22</sup> e behavioristas<sup>23</sup>. Entendia que a visão correta do mundo seria a visão científica. Três vezes candidato ao parlamento inglês, chegou a atuar como porta-voz do movimento pelo voto feminino. Em 1931, com o falecimento de seu irmão, ocupou uma cadeira na Câmara dos Lordes. Em 1938 lecionou nos Estados Unidos, assumindo várias cátedras.

Entre os anos de 1938 e 1944, Russell mora nos EUA. Ocupa o cargo de professor na Universidade da Califórnia. Em 1940, chega a ser nomeado professor de filosofia no *City College* de Nova Iorque, mas tem sua nomeação anulada por um tribunal, devido a suas opiniões secularistas, como as encontradas em seu livro *Marriage and Morals* (Casamento e moral). A rejeição de Russell como professor no *City College* de Nova Iorque tem motivações religiosas. A nomeação de Russell foi aprovada pelo presidente do *City College* em exercício e pelo comitê administrativo do Conselho de Educação Superior. Dos vinte e dois membros do conselho, dezenove estiveram presentes e todos votaram a favor da nomeação de Russell como professor daquela instituição. Mas ao tornar-se pública a nomeação de Russell, o Bispo Manning, da Igreja

---

períodos distintos na relação entre Deus e a humanidade. Atribui-se a Scofield a influência no posicionamento teológico do pré-milenarismo dispensacionalista.

<sup>22</sup> Sistema filosófico que tem origem no positivismo de Auguste Comte. Baseia-se na crítica às ciências positivas e à análise lógica. Também conhecido como positivismo lógico ou empirismo lógico.

<sup>23</sup> Corrente da psicologia impulsionada no início do século XX pelo americano John B. Watson. Tem como método a observação comparada do comportamento humano e a restringir a psicologia ao estudo desse comportamento.

Episcopal Protestante escreve uma carta a todos os jornais de Nova Iorque denunciando a ação do conselho nos seguintes termos:

Que é que se pode dizer de colégios e universidades — escreveu ele — que apresentam ante a nossa juventude, como professor responsável de filosofia, um homem que é propagandista notório de ideias não só contrárias à religião como à moralidade, e que defende especificamente o adultério...? Pode alguém que se interessa pelo bem-estar de nosso país estar disposto a ver divulgados tais ensinamentos com a aprovação de nossos colégios e universidades? [...] Há pessoas tão confusas, moral e mentalmente, que não veem nada de mal na nomeação de... alguém que, em escritos publicados, disse que ‘fora dos desejos humanos não existe padrão moral algum (RUSSELL, 1972, p. 198).

Os jornais eclesiásticos e a imprensa juntamente com quase todos os políticos democratas de então se uniram em uma campanha de difamação contra Russell. O jornal *The Tablet* escreveu que a nomeação de Russell “foi recebida, ‘pelos velhos nova-iorquinos e por todos os verdadeiros americanos, como um choque e uma ofensa brutais’”. Em um editorial, chegou a descrever Russell como “professor de paganismo”, ainda como “o filósofo anarquista e o niilista moral da Grã-Bretanha” (RUSSELL, 1972, p. 198). Esses exigiram a revogação da nomeação de Russell. Acusações e difamações contra Russell não faltaram. Muitas foram as cartas que chegaram aos jornais exigindo uma postura da sociedade contra Russell. “Se o Conselho de Educação Superior não rescindir o contrato, disse um dos correspondentes do *The Tablet*, então “haverá o risco de areias movediças! A serpente está na relva! O verme está a corroer o espírito!”. Essa carta na verdade foi uma transcrição de um telegrama enviado ao prefeito La Guardia, o qual dizia: “Rogo a V. Exa. [...] proteja a nossa juventude da calamitosa influência daquele que tem a pena envenenada — um macaco de talento, ministro do demônio entre os homens” (RUSSELL, 1972, p. 199).

Exigindo uma investigação por parte do Conselho de Educação Superior, o *Journal & American* (hoje *Journal-American*) do consórcio Hearst, afirmava que Russell era a favor da “nacionalização das mulheres... de partos de filhos ilegítimos... de crianças educadas e dadas em penhor a um Estado ateu”. Valendo-se do estratagema de citações de trechos de um livro escrito muitos anos antes, aquele jornal também tachava Russell de expoente do comunismo. Apesar da conhecidíssima oposição de Russell ao comunismo soviético, os fanáticos referiam-se a ele, a partir de então, como “pró-comunista”. De todos

os traços dessa campanha de ódio, nenhum talvez tenha sido mais repulsivo do que essa caricatura grotesca (RUSSELL, 1972, p. 199).

O senador Phelps, democrata de Manhattan, apresentou uma resolução fazendo com que a Assembleia registrasse em seus anais a seguinte afirmação: “um defensor de uma moralidade de pátio de estrebaria não é pessoa que esteja em condições de ocupar lugar importante no sistema educacional de nosso Estado a expensas de seus contribuintes” (RUSSELL, 1972, p. 199). Dessa forma uma parcela significativa da população americana conservadora foi sendo mobilizada contra Russell.

Em 15 de março daquele ano foi apresentada uma moção na Câmara Municipal de Nova Iorque pedindo ao Conselho de Educação que anulasse a nomeação de Russel. A votação obteve aprovação da anulação por 15 votos contra 5. Russell chegou a ser atacado moralmente com o termo “cão”. Um dos vereadores chegou a discursar nos seguintes termos: “se tivéssemos um sistema adequado de imigração, esse vadio não poderia desembarcar dentro de mil milhas de nossas costas” (RUSSELL, 1972, p. 202). Miss Martha Bymes, oficial de registro do condado de Nova Iorque, bradou que Russel deveria ser “alcatroado, coberto de penas e expulso do país” (RUSSELL, 1972, p. 202).

Esses acontecimentos colocam Bertrand Russell bem no seio da cultura americana da primeira metade do século 20 e em contato direto com os protestantes norte-americanos, com suas ideologias e posturas éticas-morais advindas de um protestantismo muitas vezes radical e intolerante, atuando em nome de uma ideologia teológica. Esta é a mesma cultura protestante que produziu a obra *Os fundamentos*, e da qual surgiu o movimento fundamentalista protestante. É certo que nem todos compartilhavam dessa postura radical adotada contra Russell. Este contou com o apoio dos círculos acadêmicos. Os mais eminentes filósofos, cientistas e intelectuais americanos saíram em defesa de Russell. Dezesete das mais ilustres personalidades daquele país enviaram uma carta ao prefeito da época, La Guardia, protestando contra “o ataque organizado à nomeação do filósofo Bertrand Russell, de renome mundial” (RUSSELL, 1972, p. 202).

Se o ataque fosse bem sucedido, prosseguia a carta, “nenhum ‘college’ ou universidade americana estaria a salvo de controle inquisitorial por parte dos inimigos da livre investigação... Receber instrução de um homem da estatura intelectual de Bertrand Russell constitui raro privilégio para estudantes de qualquer parte... Seus críticos deviam enfrentá-lo no campo aberto e leal da discussão intelectual e da análise científica. Não têm o direito de silenciá-lo,

impedindo-o de ensinar... A questão é tão fundamental que não comporta qualquer acomodação sem que isso ponha em perigo toda a estrutura da liberdade intelectual sobre que se apoia a vida universitária americana” (RUSSELL, 1972, p. 203).

Em sua vida longa e agitada, Bertrand Russell passou por quatro casamentos. Uma de suas obras mais conhecidas é o *best-seller History of Western Philosophy*, “História da Filosofia Ocidental” de 1945. Russell foi agraciado com a mais alta condecoração britânica, a *Order of Merit*<sup>24</sup> (Ordem do Mérito). Também foi agraciado com o mais alto prêmio que um escritor pode alcançar no cenário internacional, o prêmio Nobel de literatura<sup>25</sup> em 1950, concedido a título de porta-voz do pensamento livre, da razão e da humanidade e em reconhecimento à sua variada e significativa produção literária, com ênfase em seus ideais humanitários e na liberdade de pensamento. Michael Ruse<sup>26</sup> atribui tal conquista à obra *Religião e ciência*. Faz questão de mencionar que essa obra foi reeditada mais de doze vezes (RUSSELL, 2009, p. viii).

Em 1954 faz um polêmico pronunciamento condenando os testes da bomba de hidrogênio. Em 1966 protestou contra a guerra do Vietnã. Organizou o tribunal que leva o seu nome *Tribunal Russell*. Suas atividades voltadas para a paz mundial lhe renderam uma fundação, a *Fundação Bertrand Russell para a paz*. Esta fundação tinha o olhar voltado principalmente para os países do terceiro mundo. Russell foi considerado uma das mentes mais brilhantes da Inglaterra e do mundo. Mesmo sendo cético, gostava de um texto bíblico que lembrava seu avô e lhe trazia conforto “Não tomarás o partido da maioria para fazeres o mal” (Êxodo 23.2)<sup>27</sup>. Moralista e pacifista ativo, Russell estava sempre envolvido com os debates de seu tempo. Em sua autobiografia, declara: “Três paixões simples, irresistivelmente arraigadas em mim, governaram minha vida: a necessidade de amor, a sede de conhecimento e uma dolorosa comunhão com todos aqueles que sofrem” (RUSSELL, *apud*, HUISMAN, p. 850). Tais afirmações não apontam para um Russell religioso. É declaradamente agnóstico e ateu. Faz oposição a todo tipo de religião. Para ele, as doutrinas religiosas são indefensáveis intelectualmente. Observa que a religião, ao longo do tempo, foi nefasta. Para Russell, “o

---

<sup>24</sup> Prêmio conferido como recompensa por serviços extraordinários prestados nas Forças Armadas, Ciência, Arte, Literatura ou pela promoção da Cultura.

<sup>25</sup> “Foi com mérito que recebeu o Prêmio Nobel justamente por este volume *Religião e Ciência*, publicado primeiramente em 1935 e reeditado mais de doze vezes, sendo ainda hoje tão atual quanto o foi em sua primeira edição” (RUSSELL, 2009, p. viii).

<sup>26</sup> Escreve a introdução de *Religião e ciência* em edição recente em inglês pela Oxford USA Trade e na edição brasileira pela FUNPEC-Editora.

<sup>27</sup> Citados segundo a tradução da Bíblia de Jerusalém.

começo da sabedoria reside na aceitação do fato de que o universo não se importa com as nossas aspirações, e de que êxito e fracasso não são proporcionais ao mérito” (RUSSELL, *apud*, HUISMAN, p. 850). Para ele, o segredo da felicidade residia em reconhecer o fato de o mundo ser horrível. Dizia ele: “Quando paramos de medir o universo com o metro das necessidades antropomórficas, podemos nos concentrar nas metas que estão ao nosso alcance, sem perdermos tempo compadecendo-nos de nós e do mundo” (RUSSELL, *apud*, HUISMAN, p. 850). Em quase um século de vida deixou obras notáveis e ainda hoje é considerado um dos grandes pensadores da Era Moderna. “A chave da teoria do conhecimento de Russell e sua originalidade residem na ênfase que deu à construção lógica” (STRATHERN, p. 18).

## CAPÍTULO 2

### A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA MODERNA, SEGUNDO A OBRA *OS FUNDAMENTOS*

*Nenhuma compreensão real dos efeitos sociais do discurso é possível sem olhar de perto o que acontece quando as pessoas falam ou escrevem.*

– Norman Fairclough –

*Perdemos a capacidade de interpretar as velhas histórias de deuses caminhando pela terra, mortos saindo do túmulo, mares se abrindo miraculosamente. Passamos a entender conceitos como fé, revelação, mito, mistério e dogma de uma forma que muito surpreenderia nossos ancestrais.*

– Karen Armstrong –

A obra *Os fundamentos*, na edição brasileira, aqui em seguida parcialmente investigada, apresenta um total de 710 páginas, 64 capítulos e 49 autores, alguns destes com mais de um capítulo. Desse total, para a finalidade da presente pesquisa, optou-se pelo estudo de 11 capítulos, escritos por 9 autores.

Escolhemos estes capítulos porque eles nos pareciam os mais relevantes, tanto em relação a presença de conceitos chave nos títulos quanto nos respectivos textos. Como nosso interesse é discutir, nas duas obras, conceitos e, eventualmente, preconceitos, escolhemos as palavras “ciência” e “religião” e seus derivados para ver como eles aparecem em obras apologéticas, como em outras que defendem a predominância da religião sobre a ciência ou da ciência sobre a religião.

Para apresentar uma ideia geral da presença e distribuição de ambos os termos nos onze textos escolhidos, apresentamos, em um primeiro momento, duas tabelas. Foram feitas 73 citações, abaixo descritas. A tabela a seguir apresenta um quadro quantitativo em relação ao recorte entre autores, capítulos/temas e páginas citadas. A primeira tabela menciona autores, os títulos dos seus respectivos capítulos, e as páginas onde se encontram as citações.

Texto Número	Autores	Cap	Títulos/Assuntos	Páginas citadas		
				Outros	Religião	Ciência
1	Luiz Sayão		Prefácio à edição brasileira	9, 10.		
2	F. Bettex Trad. David Heagle <sup>28</sup>	03	A Bíblia e a crítica moderna	34.	31, 31, 33, 34, 35.	33, 34.
3	James Orr	04	As Sagradas Escrituras e as negações modernas	40.		
4	James Orr	08	As primeiras narrativas de Gênesis		84, 86, 87.	
5	Canon D. Hague	11	O valor doutrinal dos primeiros capítulos de Genesis		108, 109, 117.	107.
6	George F. Wright	12	O testemunho arqueológico para as escrituras		122.	
7	James Orr	13	Ciência e fé cristã		130, 131, 131, 131, 132, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 139.	130, 131, 131, 135, 136, 138, 139, 139.
8	James Martin Gray	14	A inspiração da Bíblia — definição, extensão e prova		141, 142, 142, 145, 145, 146, 146, 148.	141, 142, 145, 145.
9	Arthur T. Pierson	18	O testemunho da unidade orgânica da Bíblia à sua inspiração		204, 204, 204. 204, 204.	204, 204, 204, 204, 204.
10	Reuben A. Torrey <sup>29</sup>	26	A certeza e a importância da ressurreição corporal de Jesus Cristo dentre os mortos		299, 301.	
11	Thomas Whitelaw	29	O cristianismo não é fábula		297, 327, 327, 329, 335, 337, 337, 337.	
12	Cyrus. I. Scofield	36	A graça de Deus		405.	

Tabela 2: Visão geral das citações de “ciência” e “religião” nos capítulos escolhidos da obra *Os fundamentos*.

A tabela mostra que, mesmo entre os textos escolhidos, há aqueles que em maior ou menor incidência temática respondem a nossa pergunta principal. Os mais favoráveis são aqueles que integram os dois conceitos e se referem tanto à ciência como à religião. Esse é o caso, especialmente, dos textos 7 a 9, parcialmente, 2 e 5. Já os textos 2, 4, 5, 10 e 11, mesmo que não se refiram à religião, ainda sim apresentam um entendimento específico da ciência, o

<sup>28</sup> O capítulo 3, *A Bíblia e a crítica moderna* na edição brasileira de *Os fundamentos*, aponta David Heagle como autor e o reverendo F. Bettex como tradutor. Na verdade é o contrário, o autor desse capítulo é o reverendo F. Bettex. A tradução do original em alemão para o inglês é feita por David Heagle.

<sup>29</sup> Na edição brasileira o nome de Reuben Archer Torrey está grafado errado. O correto é Archer e não “Ancher”.

que contribui para a obra como um todo. Com a finalidade de mapear a obra *Os fundamentos* quanto a suas palavras-chave em relação ao tema escolhido, o que remete à importância de sua utilização para o presente trabalho, apresentamos uma segunda tabela, agora no sentido qualitativo mais especificamente. Nesta tabela listamos, além dos termos “ciência” e religião”, sua qualificação por adjetivos e conceitos que pertencem aos respectivos campos linguísticos.

Ciência(s)	81	Religião(ões)	156
Ciência moderna	07	Religioso(as)	80
Ciência crítica	02	Religiosamente	02
Ciência natural	01		
Ciência da teologia	01	Fé	290
Ciência do Sec. 20	01		
Ciência divina	02		
Ciência da conversão	02		
Ciência humana	02		
Ciências físicas	02		
Ciências exatas	01		
Ciência contemporânea	01		
Ciências especiais	02		
Ciência materialista	01		
Ciência(s) natural(is)	02		
Científico(as)	64		
Cientista(s)	16		
Cientificamente	02		
Ciência e religião			08
Religião e ciência			02

Tabela 3: As palavras “ciência” e “religião com especificações encontradas na obra *Os fundamentos*.

As tabelas 2 e 3 apresentam, então, os lugares onde as palavras posteriormente analisadas aparecem na obra *Os fundamentos* e algumas das suas formas específicas. Resumimos que são palavras que aparecem em um número significativo, o que justifica que o nosso argumento seja baseado nelas.

## 2.1 Os fundamentos: contexto e relação entre religião e ciência moderna

O nosso propósito é então, em seguida, identificar alguns pontos em que tais áreas do conhecimento se chocaram, pelo menos em determinados momentos da história e em determinada perspectiva. Para isso, investigamos as citações em ordem cronológica e temática.

Na obra *Os fundamentos* encontramos a seguinte declaração: “A Bíblia é um registro da revelação divina. O cristianismo é um sistema sobrenatural, no sentido de uma entrada direta de Deus na palavra e na história humana para fins benévolos, e o milagre é a essência disso” (TORREY, 2005, p. 131). Apenas esses quatro termos: “revelação divina”, “Deus”, “sobrenatural” e “milagre”, são suficientes para levantar uma discussão sem tamanho entre religião cristã e ciência moderna. Palavras e termos próprios do ambiente religioso podem causar estranheza quando utilizados no meio científico. Alguns deles, advindos da teologia cristã, apresentam dificuldades no estabelecimento de um possível diálogo, não encontrando pontos de interseção entre esta e a ciência moderna. O mesmo se pode dizer do vocabulário próprio do meio científico: se utilizado no ambiente religioso, poderá ocasionar as mesmas dificuldades.

Palavras como: inspiração, revelação, iluminação, milagre, sobrenatural, entre outras, não são objetos de estudo da ciência moderna. Ela não se move por esse viés nem se utiliza dessa linguagem ou desses expedientes para explicar suas leis. Esses são termos próprios da religião. Não é possível submeter tais artigos religiosos às experimentações científicas nem conduzi-los ao laboratório. Os investimentos científicos se dão por meio de comprovações, experimentações e demonstrações, baseando-se em métodos e leis próprias das ciências naturais. Para a ciência, se algo é demonstrado, deve ser passível de repetição sob as mesmas condições. Já as práticas religiosas ou as experiências de fé se movem por estruturas advindas do sobrenatural, tais como: mistério, milagre, fé, espiritualidade, Deus, entre outras. Algo que se afirma ter acontecido àquele que crê, não necessariamente tem que ser demonstrado, a exemplo da ciência. O cristianismo, por exemplo, utiliza expressões bíblicas como “pela fé”. A carta aos Hebreus diz: “Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Carta aos Hebreus 11:4)<sup>30</sup>. Cyrus Ingerson Scofield, no capítulo 36 de *Os fundamentos*, intitulado *A graça de Deus*, afirma: “Desde Lutero, o protestantismo tem consistentemente aceito a justificação pela fé por meio da graça” (TORREY, 2005, p. 405). Termos como: “pela fé” ou “por meio da graça”, não são objetos de estudo da ciência moderna. Esta se estabelece como portadora de um

---

<sup>30</sup> João Ferreira de Almeida Atualizada.

conjunto de conhecimentos construído com base na observação empírica. É por meio do processo de investigação que ela alcança o conhecimento que por sua vez “Tem como finalidade fornecer fundamentos que permitam à humanidade viver mais e melhor no mundo que a cerca” (SILVA, 2009, p. 55).

Uma característica da ciência moderna, diferenciando-se assim da *ciência primitiva*, é a crença de que o mundo natural pode ser explicado sem que seja necessário recorrer ao sobrenatural. James Orr, autor do capítulo 13 de *Os fundamentos*, sob o título *Ciência e fé cristã*, referindo-se à Bíblia Sagrada, afirma que “todo o livro se estabelece sobre a ideia de uma estrutura sobrenatural da graça — o todo deve ser rejeitado, pois está em conflito com a mente moderna” (TORREY, 2005, p. 132). Em uma definição mais acurada, tratar-se-ia dos milagres, “*de algum efeito na natureza, ou desvio de seu curso comum, devido à interposição de uma causa natural*. Deve-se observar que, conforme a ideia bíblica de milagre, as ações naturais devem ser empregadas sempre que possível”<sup>31</sup> (TORREY, 2005, p. 132). Dito de outra forma, os milagres “dependem de uma transcendência completa das leis naturais” (TORREY, 2005, p. 133). Ao se afirmar que toda a Bíblia se estabelece sobre a ideia de uma estrutura sobrenatural, James Orr está se utilizando de um recurso ideológico. Tal afirmação não é verificável, o que não significa que seja uma inverdade, apenas não é verificável como se faz com os dados científicos. Tais declarações partem de um *a priori*, que é a transcendência completa das leis da natureza. Como a Bíblia é um artigo de fé, deve-se crer nas afirmações inferidas a partir das questões teológicas/doutrinárias, que não são necessariamente verificadas. As afirmações de James Orr, ao serem admitidas, atingem o status de naturalizadas e automatizadas, alcançando assim a condição de senso comum, o que estabelece de uma ideologia a respeito de milagres.

Nesse exemplo entra em vigor a suspensão das leis naturais, movendo-se em direção à dimensão da transcendência — que projeta/transcende o sujeito para algo fora dele —, com a suspensão completa das leis que regem a ciência, compreensão esta que, de acordo com Orr, “está em conflito com a mente moderna”, ou seja, está para além da mente moderna. Como religião e ciência são dois magistérios distintos, o cristão nesse contexto deve fazer a opção pelo sobrenatural — aquilo que ultrapassa o natural, que está além da natureza humana —, rejeitando assim as possíveis explicações científicas, as quais, de qualquer modo, não

---

<sup>31</sup> Itálico conforme o original.

explicariam satisfatoriamente, apenas aumentariam o conflito. O mais importante é que esse não é o espaço de atuação da ciência moderna, mas sim da fé, da religião.

O cientista e paleontólogo Stephen Jay Gold defende a tese de que religião e ciência são dois magistérios distintos e completamente diferentes, mas não necessariamente interferentes. Para conceituar o respeito mútuo dos limites entre ambos, ele denomina os dois magistérios de não-interferentes (MNI): “a ciência se interessa pelo tempo, e a religião, pela eternidade; a ciência estuda como funciona o céu, e a religião como ir para o céu” (GOLD, 2002, p. 13). Argumenta ainda: “Se a religião não pode mais estabelecer as conclusões factuais da natureza, que fazem parte do magistério da ciência, então os cientistas tampouco podem alegar qualquer conhecimento de uma verdade moral a respeito da constituição empírica do mundo” (GOLD, 2002, p. 16). Dyson Hague, autor do capítulo 11 *O valor doutrinal dos primeiros capítulos de Gênesis*, de *Os fundamentos*, afirma que “O começo e o fim das coisas estão ambos absolutamente ocultos da ciência, conforme foi afirmado. A ciência diz respeito aos fenômenos. Quando a ciência confessa sua impotência é que entra a revelação, e, com a autoridade de Deus, revela essas coisas que estão acima da ciência” (TORREY, 2005, p. 107). Dyson Hague tem a pretensão de explicar o começo e o fim das coisas baseando-se e apoiando-se no magistério religioso, o que é compreensível e legítimo. A dificuldade surge quando sugere que a ciência tem um aspecto de impotência e que é suprida pela revelação. Como foi dito antes, revelação, pelo menos nesse contexto, é um termo essencialmente teológico e não científico. O texto de Hague deixa a entender que há uma hierarquia entre a revelação e a ciência, e quando esta, absolutamente incapaz de conhecer o começo e o fim das coisas, confessa sua impotência, entra em cena a revelação, revestida da autoridade divina — em suas palavras: “acima da ciência” — então serão reveladas as coisas ocultas à ciência.

James Orr admite ainda que a Bíblia não pretende antecipar as descobertas científicas dos séculos 19 e 20. Entende que as pretensões científicas são diferentes dos propósitos bíblicos. Segundo ele, o propósito da Bíblia é

Revelar Deus, Sua vontade, Seus propósitos de graça para os homens, e, como Ele está envolvido com eles, Sua relação geral com o mundo criado, a dependência desse mundo Nele, em todas as suas partes, e Seu governo ordenado em providência para Seus fins sábios e bons (TORREY, 2005, p. 135).

Essa seria a função primordial das Escrituras Sagradas. O mundo que ela retrata seria o mundo que a humanidade conhecia e não como a ciência moderna revela em suas teorias. Dessa forma, Orr termina corroborando com a ideia de James Gold quanto à não interferência dos dois magistérios, uma vez que está posto o propósito da Bíblia Sagrada.

Ainda sobre milagres — fenômeno de pouca aceitação no meio científico —, do ponto de vista fundamentalista, opera sob uma condição *sine qua non*<sup>32</sup>: “Deve-se admitir de uma vez por todas que o milagre só pode ser discutido de modo proveitoso com base em um ponto de vista teísta do universo” (TORREY, 2005, p. 134). Essa afirmação de James Orr se fecha na opção teísta sobrenaturalista, dificultando qualquer mobilidade em direção a outras possibilidades ou discussão, principalmente com o meio científico. Mas, ao mesmo tempo que o discurso de Orr impõe uma condição para que haja proveito na discussão, admite que a Bíblia utiliza uma linguagem de aparências para falar do movimento da Terra em relação ao Sol.

logo se percebeu que a Bíblia, usando uma linguagem de aparências, não estava falando do movimento literal do Sol ao redor da Terra, como nossos almanaques modernos o fariam, os quais empregam as mesmas formas de fala. Uma pessoa teria de viajar muito longe naqueles dias para achar um cristão que sentisse que sua fé fora afetada de alguma forma pela descoberta da verdadeira doutrina do sistema solar [...] Mas as coisas, como no caso da astronomia, são agora melhor entendidas, e poucos ficam perturbados ao ler suas Bíblias, porque sabemos que o mundo é imensamente mais velho que os seis mil anos que a antiga cronologia estimou que tivesse (TORREY, 2005, p. 136; 138).

Aqui percebe-se James Orr se utilizando da tecnologização discursiva. Retomando o conceito faircloughiano sobre esse elemento do discurso, é um recurso que apresenta em seu conteúdo o binômio *conhecimento e poder*, principalmente o conhecimento sobre linguagem. Orr se utiliza do conhecimento científico, ou mais especificamente, do conhecimento de astronomia — conhecimento esse, que nesse contexto endossa e valida o discurso, conferindo autoridade/poder ao autor do texto —, para se pronunciar a respeito do movimento dos astros. Indo mais a fundo na questão da tecnologização discursiva, Orr demonstra conhecimento sobre linguagem ao afirmar que a Bíblia se utilizou de uma “linguagem de aparências” dito de outra forma, linguagem simbólica, para falar dos astros. Isso demonstra o conhecimento desse sobre

---

<sup>32</sup> Sem a/o qual não pode ser.

linguagem literal e linguagem simbólica. Por fim, sem levar em conta as opiniões ou posicionamentos de James Orr sobre a ciência moderna, fica claro no capítulo 13 de *Os fundamentos*, como o próprio título sugere, *Ciência e fé cristã*, que ele é detentor de um conhecimento especializado e é dotado de uma capacidade discursiva notável sobre ciência e religião além do conhecimento sobre teologia. Constam em seu currículo: uma graduação pela Universidade de Glasgow na Escócia; ocupação do cargo de ministro de Igreja Presbiteriana Unida de Est Bank em Hawvich; professor de História da Igreja na Faculdade Teológica da mesma denominação; professor de apologética e dogmática; especialista em estudos da doutrina da igreja e autor de duas obras, *The christian view of God and the world* (A visão cristã de Deus e do mundo), 1983, e *The progress of dogma* (O progresso do dogma), 1897.

Religião e ciência em alguns períodos da história e em determinados círculos se relacionaram de diversas formas. Entre o cristianismo e a ciência moderna já houve momentos de estranheza e enfrentamento, momentos de independência e períodos de diálogos, como também, de integração. (BARBOUR, 2004). Religião e ciência são duas áreas, dois magistérios distintos, ambos capazes de conferir conhecimento e significado à humanidade. A relação entre eles dependerá exclusivamente de como os seguidores de cada magistério enxerga o outro. Um é científico e o outro mítico-simbólico. Eles podem desempenhar seus papéis sem interferência, desde que se estabeleça e reconheça a área de atuação e propósito de cada um deles com suas diferenças e capacidade de ação.

Segundo John Hick, autor da obra *A metáfora do Deus encarnado*, o conjunto de ideias, “que constitui o quadro em cujos termos os cristãos há muito compreenderam o universo e seu lugar nele, somente começou a sofrer séria pressão no século XVII, quando começou a tomar forma a cosmovisão científica moderna” (HICK, 2000, p. 17), o que, segundo Hick, produziu uma dissonância cognitiva por volta do final do século 19, criando um abismo “entre aqueles que gradualmente vieram a aceitar os novos conhecimentos — em que a evolução biológica e o estudo histórico das Escrituras foram os tópicos mais disputados — e aqueles que, em sentido contrário, reagiram com uma adesão intensificada à sua cosmovisão ameaçada” (HICK, 2000, p. 17, 18). A dissonância cognitiva produzida pela cosmovisão científica moderna e o abismo estabelecido entre esses dois posicionamentos, segundo Hick, geraram divergências profundas entre cristãos. Tais divergências, segundo ele, devem-se ao fato de a teologia ser uma criação humana, produto de teólogos, “alguns deles extremamente inteligentes e atentos — e outros menos —, e que foram, como todo mundo, capacitados mas também limitados pelos

pressupostos e recursos cognitivos de um tempo e de um lugar específicos” (HICK, 2000, p. 18). Completa: “E porque a teologia é um artefato humano, ela mudou quase a ponto de não podermos reconhecê-la à medida que mudaram as circunstâncias da vida humana” (HICK, 2000, p. 18). Como exemplo, ele cita a fórmula dogmática *extra ecclesiam nulla salus*, “fora da Igreja não há salvação” que perdurou como dogma cristão por mais de mil anos. Essa fórmula, oficialmente, fora instituída no Concílio de Florença (1438-45), prevalecendo até o Concílio Vaticano II (1962-65). “O sistema de crenças efetivo de um católico, anglicano, presbiteriano, luterano, congregacionalista ou metodista típicos no Ocidente é hoje muito diferente daquele de até mesmo cem anos atrás”. Em sua percepção, “Esta prontidão das principais igrejas no sentido de repensar suas crenças, mesmo que de modo muito relutante no início, à luz de um influxo maciço de novas informações, salvou-as de ficarem marginalizadas em um gueto cultural” (HICK, 2000, p. 19).

Muitos conflitos estabelecidos entre a religião — como por exemplo a ortodoxia protestante do final do século 19 e início do século 20 —, e a ciência moderna, têm origem em uma postura radical por parte de alguns grupos protestantes<sup>33</sup>, em resposta aos desafios lançados pela ciência moderna, principalmente quando esta critica determinadas doutrinas cristãs. O fundamentalismo protestante do início do século 20 foi um desses movimentos que em nome de uma ideologia teológica se isolaram em seus “fundamentos”<sup>34</sup>, rejeitando tudo que pudesse contrariar seus princípios e crenças, fechando-se então para o diálogo com outros que não compartilhassem das mesmas ideias. A origem dessa postura radical pode ser encontrada em uma das obras mais publicadas no mundo evangélico anglófono do início do século 20, que é a obra *The Fundamentals* (Os fundamentos), publicada no Brasil em 2005. No prefácio à edição brasileira é feito o seguinte comentário a respeito de Reuben Archer Torrey, um dos escritores e editor da obra: “o exemplo de R. A. Torrey tem muito a ensinar” (TORREY, 2005, p. 9). Há um reconhecimento de que a obra é de cunho apologético e que contemplou o contexto iluminista europeu, que por sua vez “trouxe uma difícil relação entre ‘o mundo científico’ e o ‘mundo da fé’. [...] A obra de Torrey representa uma reação a tal vertente, procurando de todas

---

<sup>33</sup> O termo protestante surge em 1526 a partir da Dieta de Spira, assembleia teológica católica reunida na cidade de Spira na Alemanha. Em 1529, na segunda Dieta de Spira, diante da maioria de Estados católicos um grupo de cinco príncipes e quatorze cidades livres protestam contra a decisão do imperador Carlos V de revogar a decisão anterior que dava o direito a cada príncipe aderir ou não ao movimento da Reforma. Alguns ramos advindos da Reforma Protestante, como os batistas, preferem a designação reformados. Protestantes evangélicos ou reformados será utilizado como termos intercambiáveis para designar os cristãos oriundos ou consonantes com a Reforma Protestante.

<sup>34</sup> Referência às doutrinas elaboradas pelos protestantes fundamentalistas, autores da obra *Os fundamentos*.

as formas, destacar a confiabilidade, a razoabilidade e a afirmação das Escrituras” (TORREY, 2005, p. 10). A referida obra contribuiu de forma significativa com o pensamento evangélico norte-americano, alcançando inicialmente o mundo protestante de língua inglesa e demais países alvos da evangelização americana, como por exemplo, o Brasil. Levando-se em consideração as intenções dos autores da obra, que foram: conquistar “novos convertidos” ao protestantismo; disseminar a teologia fundamentalista; combater a modernidade e a teologia liberal e, por fim, estabelecer normas e doutrinas entendidas pelos fundamentalistas como pilares da verdade cristã, faz-se necessário uma análise crítica mais acurada a fim de entender o conflito estabelecido entres fundamentalistas e alguns cientistas, como, por exemplo, Bertrand Russell, assunto a ser tratado no terceiro capítulo.

## 2.2 Fundamentalismo protestante e o contexto científico

A partir do século 16, com as contribuições de homens da ciência como Galileu Galilei<sup>35</sup> (1564-1642), Nicolau Copérnico (1473-1543), Johannes Kepler (1571-1630), Isaac Newton (1642-1727) e muitos outros, a ciência no Ocidente foi ganhando cada vez mais notoriedade e importância. A humanidade, a passos largos, foi se inserindo no mundo das ciências. O planeta Terra foi mapeado, a relação entre a Terra e o Sol foi desmistificada, o corpo humano foi dissecado e estudado em seus mínimos detalhes, desenvolveram-se antibióticos e vacinas para curar doenças antes letais, instrumentos de navegação foram desenvolvidos com precisão notável, estudos sobre a evolução das espécies colocaram em xeque as explicações sobre a origem do universo ensinadas pela igreja a partir do livro de Gênesis. Essas e outras descobertas conferiram à ciência uma posição de destaque. Sem dúvida, a humanidade muito se beneficiou das descobertas advindas da ciência moderna, mas não sem antes enfrentar o jugo da religião cristã. Não foi fácil para os cientistas anunciarem suas descobertas. A igreja institucionalizada, que antes conduzia a humanidade através do conhecimento, agora se via ameaçada por alguns

---

<sup>35</sup> Conforme o próprio Bertrand Russell, autor cuja obra será analisada no capítulo 3, “Galileu Galilei (1564-1642) foi a figura científica mais memorável de seu tempo, tanto devido às suas descobertas, como ao seu conflito com a Inquisição”. [...] “estava sujeito ao ódio constante daqueles que acreditavam que a verdade deveria ser buscada em livros e não em experimentações”. Os resultados de suas pesquisas contribuíram de forma significativa com os estudos da dinâmica, campo da física, e “foram o início do conhecimento exato de como os corpos se movem”. Com genialidade “foi ele quem iniciou a prática da experimentação visando chegar à lei matemática, desta forma, capacitando a matemática a ser aplicada à matéria, para o qual não havia algum conhecimento *a priori*” [...] “Experimentações com corpos em queda, apesar de irritarem os intolerantes, não poderiam ser condenadas pela Inquisição” (RUSSELL, 2009, p. 20-22). Publicamente e de joelhos, Galileu foi obrigado a recitar um longo preceito feito pela Inquisição, no qual declarava: “Eu repudio, amaldiçoo e abomino os erros e heresias cometidos... e juro que nunca mais direi ou afirmarei qualquer coisa, verbalmente ou por escrito, que possa suscitar alguma suspeita deste tipo sobre mim” (RUSSELL, 2009, p. 27).

cientistas que contrariavam sua percepção de mundo. A mesma igreja que até então se propunha a guiar a humanidade nos diversos campos da existência, tais como nas questões éticas e morais, além de responder a outros anseios da humanidade, como, por exemplo, a origem do universo. Até então, essa instituição exercia um papel hegemônico sobre o Ocidente. Essa hegemonia fez parte de sua história desde a união entre Igreja e Estado durante o domínio do Império Romano até o surgimento da ciência. A partir de então, seria necessário lidar com a possibilidade de perder tal hegemonia, pois outro ramo da sociedade se propunha a oferecer respostas às grandes questões da humanidade tais como: qual é a origem do universo?; qual é a idade do planeta?; como surgiu a humanidade?; e tantas outras.

A partir da Idade Moderna no Ocidente, a religião e a ciência tiveram seus encontros e desencontros. Muitos cristãos viram na ciência uma aliada, mas outros não a viram com bons olhos. Vez por outra se estabeleceram diversos conflitos entre esses dois magistérios. No início do século 20, alguns cristãos protestantes, tais como os liberais, ousaram dar crédito à ciência, principalmente naqueles quesitos em que se colocava em xeque a crença cristã na origem do universo conforme relatado em Gênesis capítulo 1 a 11. Até então as explicações dadas para o surgimento do universo tinham como pano de fundo as Escrituras Sagradas. Os teólogos liberais entendiam que era necessário harmonizar o cristianismo com a modernidade, conferindo relevância e sentido à fé cristã nos tempos modernos, levando em conta a interpretação bíblica, que ainda relutava com o modelo medieval.

Em 1859 o biólogo inglês Charles Darwin (1809-1882), ao publicar sua obra *A origem das espécies*, incendiou o conflito entre alguns grupos cristãos protestantes e alguns cientistas. No início do século 20, protestantes fundamentalistas reagiram de acordo com suas crenças e valores contra questionamentos que iam de encontro ao seu livro sagrado. Sentiram-se compelidos a responderem à altura aos cientistas, valendo-se de intelectuais e eruditos para combaterem as novidades científicas da modernidade que viessem a confrontar a fé cristã protestante. A obra *Os fundamentos* se opõe a algumas das teorias da ciência moderna, estabelecendo inicialmente uma relação de conflito entre a ciência moderna e a fé cristã, percebida pelo filósofo, também inglês, Bertrand Russell, que chegou a publicar em 1935 a obra *Religião e ciência*, apresentando, segundo ele, os principais conflitos entre religião e ciência.

Popularmente há uma crença de que fundamentalistas são conservadores e de mentalidade arcaica, mas não é isso que pensa Karen Armstrong. Diz ela: “Tem-se a impressão

de que os fundamentalistas são inerentemente conservadores e aferrados ao passado, e no entanto suas ideias são essencialmente modernas e inovadoras” (ARMSTRONG, 2001, p. 10). Completa ela: “Se queriam voltar ao ‘fundamental’, os protestantes americanos agiram de um modo peculiarmente moderno” (ARMSTRONG, 2001, p. 10). Uma particularidade dos movimentos fundamentalistas contemporâneos é que estabeleceram uma relação simbiótica com a modernidade. Eles “Podem rejeitar o racionalismo científico do Ocidente, mas não têm como fugir dele. A civilização ocidental mudou o mundo. Nada — nem a religião — será como antes” (ARMSTRONG, 2001, p. 12). O fundamentalismo, portanto, é uma experiência da modernidade.

A religião emprega a linguagem simbólica para falar do espiritual. O simbolismo tão necessário à religião ocorria mais naturalmente no mundo pré-moderno<sup>36</sup> do que na modernidade (ARMSTRONG, 2011, p. 10). Karen Armstrong menciona como exemplo os cristãos da Idade Média, que, mesmo não entendendo o latim pronunciado em voz baixa pelos padres durante a missa, envolviam-se num espaço mental separado do cotidiano e numa mística ritual de contexto litúrgico elevado. “Hoje, muitos podem ter um exemplar da Bíblia ou do Alcorão e sabem ler, mas, no passado, a maioria das pessoas tinha uma relação totalmente diferente com suas escrituras”. Continua: “Os pregadores lhes recomendavam que não tomassem esses textos ao pé da letra e sugeriam interpretações figuradas”. (ARMSTRONG, 2011, p. 10). Mas a modernidade muda essa maneira de lidar com a religião. O movimento teológico fundamentalista se enquadra nesse contexto de modernidade ao optar por uma interpretação bíblica historicista e literalista, além de assumir uma postura de enfrentamento à ciência moderna, pelo fato de esta ter levantado dúvidas quanto às interpretações bíblicas vigentes. Armstrong salienta que o fundamentalismo não é exclusividade dos grandes monoteísmos: está presente entre budistas, hinduístas e até confucionistas. A particularidade reside no fato de que os fundamentalistas “rejeitam muitas das conquistas da cultura liberal, lutam e matam em nome da religião e se empenham em inserir o sagrado no campo da política e da causa nacional” (ARMSTRONG, 2001, p. 10).

Para explicar a opção fundamentalista pela razão, Karen Armstrong contempla as duas formas de pensamento das culturas pré-modernas: o *mythos* e o *logos* (razão), percebidas por ela como essenciais à humanidade e cada uma atuando em sua esfera de competência. Explica que elas não se contrapunham e nem eram colocadas em posição de superioridade uma em

---

<sup>36</sup> Utilizaremos a expressão pré-moderno para demarcar historicamente o período que antecede a modernidade.

relação à outra. Apresenta o *logos* como a forma pragmática do pensamento e da existência humana. É a forma de atuação eficaz no mundo que corresponde à realidade exterior. Para se produzir utensílios, organizar expedições, controlar o meio ambiente ou inventar ferramentas, recorria-se ao *logos*. Ele era essencial para a sobrevivência da espécie. Foi essa dimensão do pensamento humano que levou a sociedade moderna ao *logos* científico.

Em outra dinâmica de atuação, como diante do sofrimento humano e dos questionamentos quanto ao significado da vida e da morte, recorria-se ao *mythos* ao invés do *logos*. “O mito, considerado primário, referia-se ao que se julgava intemporal e constante em nossa existência. Remontava às origens da vida, aos fundamentos da cultura, aos níveis mais profundos da mente humana. Reportava-se a significados, não a questões de ordem prática” (ARMSTRONG, 2011, p. 13). Na percepção de Armstrong, se o ser humano não encontrar significado em sua vida, entrará em desespero. Esse tipo de pensamento era capaz de elevar o ser humano a uma dimensão subjetiva e criativa capaz de oferecer respostas às suas inquietações, mesmo que fossem provisórias. “Quando iniciaram o estudo científico da alma, Freud e Jung, instintivamente, se voltaram para esses mitos antigos” (ARMSTRONG, 2011, p. 11). Esses dois conceitos serão utilizados para demonstrar suas importâncias e contrapor a opção unilateral e supervalorizada do *logos* pelos fundamentalistas protestantes no início do século 20. A interpretação literal afasta a possibilidade de uma leitura mítico-poética-simbólica das escrituras. Os onze primeiros capítulos de Gênesis costumam ser alvo de especulações e polêmicas justamente pelo fato de se estabelecer uma dicotomia entre narrativas históricas e narrativas mitológicas. Aos que atribuem a esses textos bíblicos o status de históricos, responde a historiadora: “O mito não comportava demonstrações racionais; suas percepções eram mais intuitivas, como as da arte, da música, da poesia, da escultura” (ARMSTRONG, 2011, p. 14). Para Joseph Campbell, “os mitos são os sonhos do mundo. São sonhos arquetípicos, e lidam com os magnum problemas humanos [...] Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar [...] o mito é o sonho da sociedade. O mito é o sonho público” (CAMPBELL, 1990, p. 29, 46, 52).

O teólogo John Hick entende que o mundo teológico cristão em processo de formação está situado no ponto móvel de flexão entre duas estruturas: “a estrutura de crença cristã que dominou a civilização ocidental por muitos séculos” e “a nova estrutura, ainda em formação, de um cristianismo consciente de si mesmo enquanto uma resposta válida, entre outras existentes, à realidade transcendente infinita que chamamos Deus” (HICK, 2000, p. 11). Ainda segundo Hick, em decorrência das múltiplas modificações na consciência humana dos últimos

dois séculos, surge uma busca por uma nova autocompreensão cristã que tem se desenvolvido de várias formas.

Cristãos fundamentalistas protestantes entre o final do século 19 e início do 20 desenvolveram um sentimento de antipatia pela ciência moderna e que se estende até os nossos dias. Muitos grupos protestantes conservadores estabelecem suas cosmovisões religiosas e forma de lidar com a Bíblia e a fé a partir da produção teológica fundamentalista. Quase um século após a sua publicação nos EUA, a obra *Os fundamentos* volta a ser reeditada em 2005, só que agora no Brasil. Em 1925, dez anos após a publicação do último volume dessa obra, o filósofo e matemático inglês Bertrand Russell publica *Religião e ciência*, apresentando seus argumentos em direção contrária à da religião. As duas obras supracitadas seguem direções opostas. Enquanto a primeira se propõe a responder as afirmações da ciência moderna que colocaram em dúvida as interpretações bíblicas da época, a segunda, de certa forma, propõe um afastamento desses princípios cristãos. No ímpeto de combater a religião cristã, além de *Religião e ciência*, Russell chega a escrever outras obras com argumentos semelhantes, entre elas: *Porque não sou cristão*; *Ensaio cético* e *No que acredito*. Seus argumentos invariavelmente partem dos parâmetros científicos na tentativa de refutar os argumentos da religião cristã.

Após o Iluminismo,<sup>37</sup> acreditava-se que a religião, pelo menos no Ocidente, estaria com os seus dias contados. Esperava-se que a partir da Era Moderna, principalmente com os avanços da ciência, a religião seria relegada a uma atividade de segunda categoria e sem muita importância para a humanidade. Immanuel Kant (1724-1804), em resposta ao que é Iluminismo, chegou a descrever os novos tempos de racionalidade como o momento da saída do homem da sua menoridade culpada. “Feuerbach vê a religião como alienação, Karl Marx como ópio do povo, Nietzsche como debilidade gregária e Freud como sobrevivência nociva e patológica da imagem paterna na ideia de Deus” (ZILLES, p. 17). Atualmente já se fala em pós-modernidade e a religião continua marcando presença ignorando todas essas afirmações e movimentos culturais. Os movimentos fundamentalistas ainda continuam crescendo.

---

<sup>37</sup> Iluminismo ou Esclarecimento. “Esclarecimento [«Aufklärung»] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem” (KANT, 2005. Pg. 63-71).

Em 2005 foi editada no Brasil a obra que se tornou referência no segmento fundamentalista protestante, *Os fundamentos*, pela editora Hagnos, com a seguinte chamada na capa: “Os fundamentos: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais”. No prefácio da edição brasileira consta: “*Os fundamentos* é uma famosa coletânea teológica de perfil apologético...” depois, é explanada a importância da obra, apresentando segundo o prefácio, “grandes expressões do mundo evangélico de fala inglesa”. Diz ainda:

Tal empreendimento acentuará nosso frutífero diálogo com a história do pensamento evangélico, mormente quando compreendemos que nossas raízes evangélicas devem muito à contribuição de missionários da outra América que, sob severas dificuldades e fatores limitantes, vieram ao Brasil para proclamar o evangelho (TORREY, 2009, p. 9).

Coincidência ou não, no mesmo ano da publicação de *Os fundamentos*, foi inaugurada em São Paulo, na rua Maria Amália Lopes de Azevedo, uma igreja intitulada *Igreja Batista Conservadora Fundamentalista*. A obra *Os fundamentos* é centenária, mas no Brasil sua tradução é recente. Sendo uma novidade no cenário religioso brasileiro, ela poderá se tornar uma referência, assim como a Bíblia de Estudos Scofield o foi entre os pentecostais. O discurso fundamentalista protestante ainda dá sinais claros de seu vigor apologético e anticultural. Acreditamos que uma análise do discurso fundamentalista a partir dessa obra chega em momento oportuno. Até o presente desconhecemos publicações que tratem da análise comparativa do discurso religioso-científico entre a obra de Russell e *Os fundamentos*. Por enquanto o discurso é pontual e caracterizado por posicionamentos excludentes, tanto do lado da religião quanto do lado da ciência.

*Os fundamentos* apresenta o fundamentalismo com um discurso que justifica sua permanência no cenário cristão evangélico atual, pois se vale de suas ideologias e doutrinas para se firmar como tal. Assim como é possível às nações se estabelecerem a partir do poder, seja por força, guerras, golpe de estado, invasão, tendo como base um discurso justificador que o legitima, assim é possível que aconteça com a religião, como no caso dos fundamentalistas protestantes. Para estes, a autoridade bíblica é um de seus pilares. Sob a alegação de que a Bíblia é a palavra de Deus, pastores ensinam as Escrituras Sagradas a partir de pressupostos doutrinários bem estabelecidos, sem oferecer possibilidades a possíveis questionamentos. Por exemplo, a rejeição dos mitos e a opção pelo historicismo, que são as ideologias que justificariam a interpretação literal de textos com possibilidades de leitura simbólica ou mítica.

Alegam que as narrativas bíblicas não contêm esse gênero literário, ou seja, a Bíblia não contém mitos. A doutrina fundamentalista afirma que as narrativas encontradas nos onze primeiros capítulos de Gênesis são acontecimentos históricos.

## **2.3 Fundamentalismo protestante: precedentes históricos, filosóficos e teológicos**

Para uma melhor compreensão da obra *Os fundamentos*, é importante que se conheça o contexto histórico em que os fundamentalistas protestantes estavam inseridos e alguns movimentos culturais, filosóficos e teológicos que despertaram o posicionamento doutrinário de alguns protestantes no EUA, entre o final do século 19 e início do século 20. Partiremos inicialmente do Deísmo, passando pelo Iluminismo — movimento impulsionador da modernidade —, contemplando a importância desses movimentos na utilização da razão e a importância dada às ciências modernas na explicação das atividades humanas, inclusive à religião. Também abordaremos a importância do modernismo como escola teológica.

### **2.3.1 Modernidade**

Esse é um termo muito amplo e complexo, mas, no presente estudo, utilizaremos o termo para nos referirmos ao movimento de ruptura com os valores e formas de pensar do homem medieval. Enfatiza-lo-emos como o projeto cultural ocidental de construção de um novo mundo que envolveu e influenciou os costumes, as artes, as ciências, as esferas acadêmicas, como também as religiões. Uma das propostas da Modernidade era desmistificar o mundo através da razão, sem a necessidade de recorrer a mitos, lendas ou superstições. A ciência moderna vai ocupando o espaço que antes era privilégio da religião.

O homem moderno dá gradativamente menos importância às crenças em fantasmas, bruxas, seres imaginários, como era habitual na Idade Média. Passa a destruir os reinos das superstições, erguendo em seu lugar o reino da razão. A ciência adquire crescente autonomia após separar-se da moral e das artes, antes regidos pela religião, conquistando assim seu próprio espaço. Tais modificações estruturais, culturais e sociais deram-se principalmente em favor de um longo processo de racionalização da vida, que atingiu a economia, a política, a cultura, a religião, as ciências e muitos outros segmentos da sociedade. “Os homens do século XVI julgavam estar vivendo em um mundo novo (*moderno*), embora o passado greco-romano devesse ser respeitado na construção desse novo mundo e do novo homem, liberto do ‘obscurantismo’ medieval” (SILVA, 2009, p. 297). Para a historiadora Kalina Vanderlei, “Modernidade é um conceito histórico que difere do sentido original da palavra e surgido com

o Iluminismo, tendo seu ápice nos séculos XIX e XX [...] um conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida” (SILVA, 2009, p. 297). A sociedade se abre mais para uma mentalidade empresarial, fundamentando-se nos cálculos, nas previsões, nas técnicas científicas e racionais. Paulatinamente abre mão da visão religiosa teocêntrica, inserindo-se em uma visão antropocêntrica.

O início da Idade Moderna coincide com as descobertas do Novo Mundo e com a Reforma Protestante no século XVI. Surge o conceito de Estado Moderno no século seguinte e a passagem do feudalismo para o Estado liberal burguês. No cenário político, presencia-se um deslocamento do poder vinculado ao carisma e ao direito divino que passa a ser legitimado em fundamentos racionais através de contratos e regras estabelecidos pelos cidadãos. O indivíduo passa a existir como unidade social com direitos e deveres, podendo confrontar tanto as autoridades seculares quanto as eclesiásticas. A Reforma Protestante beneficiou-se desse processo. Com o tempo, os cristãos não só podiam interpretar o que estavam lendo nas Escrituras Sagradas como podiam formar a sua própria comunidade para cultuar a Deus sem a intervenção da instituição religiosa dominante, a Igreja Católica Apostólica Romana. Um homem valoroso não era mais aquele homem religioso apegado às suas crenças. Em seu lugar surgia o homem de ciência, que passou a combater o fanatismo e o dogmatismo.

### **2.3.2 Iluminismo**

O termo Iluminismo ou Ilustração é originário do alemão *Aufklärung* com o sentido de *esclarecimento*. Expressão filosófica utilizada pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) para designar o movimento filosófico europeu ocidental dominante no século XVIII, que tinha como elementos básicos a razão e o progresso, o que contribuiu com a Revolução Industrial e conseqüentemente para o crescimento científico. Não se tratou de uma única filosofia delineada por regras fixas, mas sim de várias correntes filosóficas da sociedade burguesa europeia ocidental. Três pontos eram comuns aos iluministas: 1) a defesa do pensamento racional; 2) a crítica à autoridade religiosa e ao autoritarismo de qualquer tipo; e 3) a oposição ao fanatismo religioso. O movimento iluminista foi influenciado pela revolução científica do século XVII, principalmente pelo racionalismo e pelo cientificismo de Descartes. O Iluminismo se apresentava como possibilidade de alcance da única ferramenta capaz de esclarecer a humanidade: a razão crítica. Dessa forma seria possível combater o fanatismo e a ignorância,

saindo assim a humanidade da zona de influência da religião. Kalina Silva afirma que “Em linhas gerais, o pensamento iluminista foi elitista e intensamente progressista” (SILVA, 2009, p. 211), estava voltado para o público instruído. Os filósofos iluministas pretendiam educar os “bons burgueses”, mas pouco tinham a dizer ao povo comum e aos trabalhadores. Alguns esboçavam uma postura otimista em relação à sociedade, acreditavam que a história, em constante mudança, alteraria seu curso em favor e melhoria da sociedade, desde que observados os princípios iluministas. Alguns acreditavam que o ser humano era dotado de uma capacidade infinita de se aperfeiçoar, o que permitiria, em tese, às sociedades tornarem-se cada vez mais competentes, uma vez que se baseassem no papel crítico da razão, a qual se pressupunha ser capaz de julgar o mundo.

Essa classe social se inspirou no Iluminismo para construir a retórica e as bandeiras de suas revoltas naquele momento. Foi o caso da independência dos Estados Unidos, planejada e realizada por seguidores do Iluminismo, como Thomas Jefferson, assim como da Revolução Francesa e da independência da América Latina. O resultado foi que, com essas revoltas tornando-se vitoriosas, o Iluminismo se transformou na base dos novos Estados e da mentalidade emergida desses movimentos. [...] As sociedades ocidentais dos séculos XIX e XX constituíram-se, dessa forma, sobre esse fundamento iluminista, defendendo como naturais conceitos elaborados pelo *Esclarecimento*: a razão acima da fé, o progresso, o governo representativo da vontade popular, as liberdades individuais, o culto à ciência. Desse contexto, iluminista e industrial, nasceu o pensamento moderno das sociedades contemporâneas (SILVA, 2009, p. 212).

Considera-se que a abertura para a secularização do mundo ocidental se deu com a Reforma Protestante, mas que foram os pensadores iluministas no século XVIII, conhecido como “o século das luzes”, que laicizaram o Ocidente de vez. Os cristãos reformados ainda seguiam alguns princípios religiosos, tais como o dogma do pecado original e temores relacionados a salvação e condenação eternas. Pensadores iluministas questionavam todas essas crenças e a religião revelada com apelo ao sobrenatural. Em seu lugar, propunham a racionalização das ações humanas e uma melhor relação entre o ser humano e a natureza. A técnica e a tecnologia poderiam auxiliar o ser humano nessa relação, permitindo eficiência na produção de bens, como também na esfera política. Em suma, seria a total liberdade do ser humano e o controle deste sobre a natureza, com possibilidades de controlar inclusive seus

semelhantes. A razão, como se supunha, deveria colocar a termo o projeto universalista de emancipação da humanidade a partir da utilização da razão como norteadora e avaliadora de todas as coisas. Para os filósofos iluministas, “o século das luzes” seria o ápice da maturidade intelectual e racional da humanidade. Essa forma de pensar alcançou a filosofia, as ciências sociais e naturais, a educação e a tecnologia. Suas críticas eram dirigidas principalmente ao absolutismo, à religião — no contexto europeu tratava-se da Igreja Católica —, e à estrutura do Antigo Regime. Assim, o Iluminismo lança as bases e o fundamento da modernidade com fortes inclinações aos valores burgueses.

De fato houve progresso material, mas a modernidade ideal proposta pelo Iluminismo não se concretizou. O projeto iluminista trouxe alguns desconfortos, como por exemplo, agressão ao meio ambiente, desumanização nas relações sociais, guerras desastrosas com dizimação de populações, além do mal-estar de se saber que existem armas e poderio atômico suficiente para destruir vários planetas como o nosso de uma só vez. No campo religioso perdeu-se um pouco da ênfase nas relações sociais e em seu lugar celebrou-se o indivíduo. O projeto iluminista não alcançou seus objetivos. De certa forma, o tiro saiu pela culatra. Em decorrência da frustração iluminista, muitos cristãos se aventuraram por outros caminhos filosóficos e teológicos, apresentando diversas formas de se pensar a religião. Assunto a ser tratado a seguir.

### ***2.3.3 Críticas ao Iluminismo***

Após a Segunda Guerra Mundial surgiram críticas acirradas ao Iluminismo. Os sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, membros da Escola de Frankfurt, perguntavam sobre a validade e serventia do progresso e da técnica para a história da humanidade. Estes autores chegaram a se referir ao Iluminismo como “mistificação das massas” (SELIGMAN-SILVA, 2003). Para os frankfurtianos, o Iluminismo não apenas fracassou em sua empreitada de libertar a humanidade do medo e do mito, como também não a emancipou por meio do domínio da ciência e da técnica. “Em vez disso, uma vez derrotado o fanatismo religioso, o homem passou a ser vítima de um novo fanatismo, criando outro dogma, o da ciência e da tecnologia, para a sociedade contemporânea” (SILVA, 2009, p. 212). Outra crítica voraz ao Iluminismo parte dos pós-modernos. Eles criticam o predomínio e imposição das

sociedades ocidentais sobre o mundo, a presunção de supremacia do cientificismo<sup>38</sup> e o culto ao progresso, afirmando que estes entraram em decadência e que os limites estabelecidos pelo Iluminismo entre a razão, senso comum e religiosidade já estão sendo repensados.

### ***2.3.4 Deísmo e Iluminismo***

O Deísmo refere-se às doutrinas filosóficas naturalistas e religiosas que afirmavam a existência de Deus, mas sempre fazendo uso da razão humana fundamentada na natureza e sem a necessidade da fé ou da revelação sobrenatural. Os deístas, em sua origem, foram pensadores religiosos da Europa e da América do Norte no final do século 17. Suas raízes se encontram no humanismo antropocentrista do Renascimento — ao invés de Deus ocupando o centro do universo, como na Idade Média, coloca-se o homem —, no cientificismo, no racionalismo e no empirismo. Em síntese, os deístas eram pensadores cristãos que acreditavam que Deus criou o mundo, mas após criá-lo não interferiu mais em sua obra, restando então à humanidade as leis do universo.

O que estava no centro dessa posição filosófica eram os princípios comuns do raciocínio humano, que, segundo os deístas, era necessário e suficiente para julgar todas as coisas, inclusive as questões religiosas, posição consonante com os princípios iluministas. Pelo fato de os principais pensadores do Iluminismo serem simpatizantes da religião natural, chegou-se a apontar o Deísmo como a religião do Iluminismo. Esse movimento tornou-se um dos precursores da teologia liberal. “O Deísmo foi um esforço no sentido de demonstrar que o cristianismo é a expressão mais sublime e melhor da religião da razão, puramente natural. Para executar esse empreendimento, os deístas tinham que extirpar boa parte da teologia cristã tradicional ou reinterpretá-la de modo radical” (OLSON, 2001 p. 533). Muitos deístas chegaram a desprezar algumas doutrinas centrais do cristianismo clássico, tais como a divindade de Jesus Cristo e a doutrina da Trindade. “Assim que as leis de blasfêmia deixaram de ser executadas na Inglaterra e na América do Norte, a maioria dos deístas passou a negar abertamente tais doutrinas ou a relegá-las à obscuridade como insignificantes, na melhor das hipóteses”

---

<sup>38</sup> Ideologia de origem positivista e de tendência intelectual que confere à ciência posição de superioridade sobre as demais formas de compreensão humana da realidade, tais como: religiosa, filosófica, metafísica etc. Defende que o conhecimento científico é o único capaz de conferir benefícios práticos devido seu “autêntico” rigor cognitivo e por isso deve estender-se a todos os domínios da humanidade. Uma ideologia voltada ao progresso. “O cientificismo foi a ideologia da ciência como forma de saber superior, criada pelo positivismo no século XIX. Em linhas gerais, ele pensava a ciência como a busca da verdade a partir da rigorosa observação empírica, sem o uso da imaginação ou de emoções” (SILVA, 2009, p. 58).

(OLSON, 2001 p. 533). Roger Olson entende que o Iluminismo se caracterizou em três ideias centrais: 1) ênfase no poder da “razão” para descobrir a verdade a respeito da humanidade e do mundo; 2) ceticismo em relação às instituições e tradições veneráveis do passado; e 3) ascensão do modo científico de pensar que oferecia aos intelectuais uma abordagem alternativa e viável do conhecimento, em contraposição à abordagem que dominou o pensamento medieval. (OLSON, 2001 p. 535). O Deísmo tem origem no desenvolvimento e utilização da razão humana e da ciência no século 17, que, como consequência, levaram muitos cristãos a idealizarem uma religião natural da pura razão. A crença se voltava apenas ao que era possível entender, ou seja, a fé seria a consequência do entendimento. A dúvida era mais importante que a fé; a uniformidade mais importante do que as intervenções sobrenaturais. A razão era soberana, apenas ela era capaz de julgar e discernir o que é verdadeiro.

Desiludidos com as lutas sectárias, desanimados com a intolerância e as controvérsias religiosas e impulsionados por uma nova visão da cultura, da ciência e da filosofia concedidas pelo Iluminismo, os deístas tentaram reconstruir o pensamento cristão. Estavam convencidos de que, a menos que se pudesse demonstrar que era totalmente razoável segundo os critérios usados pelo pensamento do Iluminismo, o cristianismo acabaria se tornando irrelevante e desapareceria. Estavam convencidos que o cristianismo continuaria a se dividir em facções rivais, se não fosse possível demonstrar que se tratava de uma religião universal, racional e natural para todos os pensadores em todos os lugares. O que os deístas queriam era um cristianismo não misterioso, racional e universal que transcendesse as fronteiras denominacionais e confessionais e que não necessitasse da fé suprarracional nem do testemunho interior do Espírito Santo para persuadir e convencer as pessoas de sua veracidade. (OLSON, 2001, p. 535-536).

### **2.3.5 *Modernismo***

No meio teológico, o termo “modernista” foi utilizado originariamente em referência a uma escola de teólogos católicos romanos do final do século 19. Estes defendiam uma visão crítica e cética das doutrinas cristãs tradicionais, em especial aquelas relacionadas à cristologia e à soteriologia. Esses cristãos faziam parte de uma ala de professores progressistas da igreja católica que viam com bons olhos as contribuições da crítica bíblica e estimulavam a dimensão ética da fé cristã em detrimento da dimensão mais teológica. “Em vários sentidos, pode-se

considerar o modernismo uma tentativa de escritores da igreja católica romana de entrar num acordo com a visão de mundo iluminista que havia, até então, sido em sua maior parte ignorada” (McGRATH, 2007, p. 255). Harmonizar o pensamento cristão com o pensamento iluminista, segundo Alister McGrath, foi uma das principais preocupações da maioria dos escritores modernistas, principalmente em relação às ciências naturais em ascendência e aos novos conceitos da História.

Os modernistas foram combatidos com veemência pelos cristãos protestantes fundamentalistas. Estes chegaram a chamar o modernismo de infecção. “Sob a influência de Warfield e de Machen, os fundamentalistas descobriram que a doença chamada modernismo vinha diretamente dessa única infecção e consideravam Schleiermacher responsável por tê-la introduzido na teologia protestante”. (OLSON, 2001, p. 581). Nesse texto, observa-se o grau de intolerância dos fundamentalistas em relação aos modernistas, o que propiciou acalorados debates entre essas duas posições teológicas.

### ***2.3.5 Liberalismo teológico***

O liberalismo teológico é considerado um dos movimentos teológicos mais importantes a surgir no cenário do pensamento cristão na Modernidade. Tem início na Alemanha a partir da metade do século 19. O cenário teológico da época apontava uma crescente consciência por parte de alguns teólogos de que a fé cristã e a teologia deveriam ser reelaboradas à luz do conhecimento moderno. Entre o final do século 19 e início do século 20, a Inglaterra faz aproximações significativas com o pensamento moderno e a teologia liberal. Em 1898, é fundada a Liga dos Clérigos, com o propósito de promover o pensamento religioso liberal. Para se ter noção da importância que alguns teólogos davam às ideias advindas da modernidade, a Liga dos Clérigos, em 1928, altera o nome para Liga dos Clérigos Modernos. A Inglaterra de Charles Darwin, autor da teoria darwinista da evolução, testemunhava que algumas doutrinas tradicionais como a origem do universo conforme os relatos de Gênesis tornavam-se insustentáveis. O liberalismo teológico tinha uma relação direta com as propostas teológicas do teólogo Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768–1834), considerado o pai do protestantismo liberal. Schleiermacher defendia a necessidade dos cristãos relacionarem a fé cristã com a situação humana.

No sentido tradicional e honroso da palavra, o liberalismo [liberalismo teológico] traz um respeito inalienável pelas ideias de outros e abertura para

as mesmas. [...] O crescimento do protestantismo liberal no final do século 19 e começo do século 20 foi considerado por muitos um desafio direto às ideias evangélicas mais conservadoras. [...] Vários escritores argumentaram que Schleiermacher havia, com efeito, reduzido o Cristianismo a pouco mais do que uma experiência religiosa, tomando-o, desse modo, centrado no ser humano, e não em Deus. De acordo com os críticos, a guerra havia destruído a credibilidade dessa abordagem. (McGRATH, 2007, p. 254–257).

Tais propostas não agradavam os grupos mais conservadores, como foi o caso dos fundamentalistas protestantes, principalmente pelo fato dos liberais proporem reformulação da fé cristã, dialogando com as formas culturais contemporâneas e por nutrirem grande simpatia pelas contribuições das ciências. “O liberalismo teológico representa o esforço para encontrar um caminho entre o racionalismo<sup>39</sup> do Iluminismo e o dogmatismo da ortodoxia” (FERREIRA, 2010, p. 87). Foi um empreendimento teológico de reconstrução da fé em resposta à cultura contemporânea.

## 2.4 Os fundamentos: a obra

A obra *The fundamentals (Os fundamentos)* tem influência nas Conferências Bíblicas de Niágara (*Niagara Bible Conferences*), realizadas entre 1878 e 1895 em Niagara Falls, no Canadá. Foi nessa conferência que foram lançados os cinco “fundamentos” que vieram a tornar-se as bases da confissão fundamentalista. “Estes fundamentos eram a inerrância das Escrituras e quatro pontos relacionados com Jesus: seu nascimento virginal, sua morte substitutiva, sua ressurreição física e sua volta iminente” (GONZALEZ, 2004, p. 391). Originariamente, *Os fundamentos* é uma coletânea de textos de cunho apologético publicados nos EUA entre 1909 e 1915. Tinha como objetivo retornar e estabelecer “os fundamentos da fé cristã”. Foi publicada por grupos protestantes de ideologia conservadora como reação a algumas novidades advindas da Modernidade e da ciência moderna.

A obra foi espalhada pelo mundo protestante de língua inglesa e contribuiu para cunhar os termos “fundamentalista(s)” — como eles mesmos se autodenominavam — e “fundamentalismo”, termo muito utilizado hoje, principalmente para referir-se a religiosos

---

<sup>39</sup> Designação atribuída a várias correntes filosóficas que colocavam o *logos* “razão” como instrumento fundamental a serviço do intelecto para compreensão do mundo e do real a partir da confiança na capacidade do intelecto. Essa corrente filosófica afirmava que a *religião* com seus elementos dogmáticos, a *fé*, o *sagrado*, os *mitos* e as *crenças* passariam a categorias menos importantes, relegadas ao passado da humanidade.

radicais. Essas crenças deixaram de ser uma opinião de alguns cristãos e passaram a fazer parte das “doutrinas fundamentais”, mesmo que a ortodoxia protestante e a teologia de Princeton nunca tivessem apoiado tal doutrina. Além dessas doutrinas, optaram por uma interpretação literal, na qual o mundo teria sido formado em seis dias de vinte e quatro horas, posição contrária ao evolucionismo de Darwin e dos teólogos liberais. Analisando os pontos acima, é possível identificar muitas igrejas evangélicas, inclusive no Brasil, que preservam e propagam tais doutrinas.

Como movimento distinto do cristianismo protestante, o fundamentalismo propriamente dito surge por volta de 1910 nos EUA. Surgiu como um movimento contracultural, ou seja, contra o avanço da cultura secular advindo da Modernidade. Utilizaram-se afirmações doutrinárias, segundo eles, fundamentais para definir suas crenças e limites culturais. O termo fundamentalismo foi cunhado em 1915, pelos professores de teologia da Universidade de Princeton quando da publicação da obra *The fundamentals: a testimony of the truth* (1909-1915). Estabelecem suas doutrinas ou “fundamentos teológicos” separando, pelo menos inicialmente, a fé cristã e a ciência moderna. Opõem-se à crítica bíblica, afirmando a doutrina da infalibilidade das Escrituras Sagradas; ao liberalismo teológico, acusando os liberais de colocarem a razão e o intelecto no lugar da Bíblia; ao evolucionismo de Darwin, fazendo a opção pelo criacionismo bíblico e advogando em prol da literalidade bíblica e do historicismo, ou seja, a Bíblia não contém mitos, mas sim fatos históricos. Em síntese, o fundamentalismo propõe a fundamentação da fé cristã em uma “verdade absoluta” que se encontraria na autoridade bíblica e em sua interpretação cristocêntrica.

Uma particularidade sobre os fundamentalistas é que eles “eram intelectuais de alto nível cultural com ampla e profunda consciência cultural e conhecimento filosófico, linguístico e histórico-teológico” (OLSON, 2001, p. 575). Para Alister McGrath, “Em termos sociológicos, o fundamentalismo é um movimento reacionário contracultural com critérios rígidos de membresia, associado especialmente a indivíduos da classe trabalhadora” (McGRATH, 2007, p. 271). Os fundamentalistas estavam chocados e horrorizados com a influência crescente da teologia liberal. Dois influentes executivos cristãos, magnatas do petróleo nos EUA, patrocinaram a publicação e distribuição gratuita de doze compilações de ensaios sobre doutrina cristã, escritos por eminentes estudiosos protestantes conservadores. Essa compilação ficou conhecida como *The fundamentals* (Os fundamentos). Entre 1910 e 1915 foram produzidos três

milhões de exemplares e distribuídos gratuitamente a líderes evangélicos, pastores, professores e diretores de escolas, alcançando vários países, em especial os anglófonos.

O movimento fundamentalista foi influenciado e inspirado pelos grandes reavivamentos do evangelista Dwight Lyman Moody (1837-1899). Tal movimento era formado por antiliberais e antievolucionistas impelidos pela ortodoxia protestante de Benjamim Breckinridge Warfield (1851-1921), os quais contribuíram na formulação das respostas conservadoras à teologia liberal e ao evangelho social<sup>40</sup>, que cada vez mais conquistavam popularidade e influenciavam cristãos protestantes. Na década seguinte outros grupos cristãos protestantes antiliberais instituíram outras listas relacionadas aos fundamentos da fé. “Em geral, essas listas de doutrinas essenciais estavam condicionadas ao liberalismo, pois colocavam no âmago da fé cristã as doutrinas que consideravam ameaçadas por essa teologia” (OLSON, 2001, p. 576). Roger Olson ainda chama a atenção para mais um fato curioso: algumas dessas listas passaram a incluir “crenças nunca antes consideradas doutrinas fundamentais por qualquer grupo significativo de cristãos” (2001, p. 576). Dessa forma, os fundamentalistas iam tecendo seus próprios textos doutrinários, embasados no que eles consideravam ser o fundamento da fé cristã.

Os fundamentalistas utilizam um raciocínio lógico com ênfase na historicidade e na literalidade dos textos sagrados, mesmo aqueles com apelo mítico-poético. No cenário europeu, o teólogo alemão Albert Schweitzer, em 1906, publica *A busca do Jesus histórico*. Intelectuais pesquisadores da Bíblia utilizam os métodos historiográficos a fim de reconstruir a biografia de Jesus Cristo. Nesse período estava em alta um certo dualismo entre o Jesus histórico e o Jesus da fé. Esses estudos, de certa forma, levantavam dúvidas se realmente existiu o Cristo como descrito nos evangelhos. Falava-se de um Jesus histórico que não necessariamente havia realizado tais milagres conforme relatados no Novo Testamento, o que contribuiu para aumentar a desconfiança que os fundamentalistas tinham das ciências utilizadas no auxílio dos estudos bíblicos. Para estes, o Jesus dos Evangelhos é histórico, pois assim a tradição o tem proclamado até então.

Os primeiros a se autodenominarem “fundamentalistas” foram os membros da Associação dos Fundamentalistas fundada em 1920 por Curtis Lee Laws (1868-1946), diretor

---

<sup>40</sup> Escola de pensamento liberal cujo proponente principal era o teólogo batista Walter Rauschenbusch, autodenominado teólogo “liberal evangélico”, considerado o grande teólogo do evangelho social. Tal corrente teológica enfatizava mais a ordem social humana do que a vinda de Cristo ou o governo e reino de Deus no futuro.

da revista batista conservadora *Watchman-Examiner* (Sentinela-examinador). Laws usou o termo “fundamentalista” pela primeira vez na edição de 1º de julho de 1920, referindo-se aos protestantes separatistas que rejeitavam o liberalismo e que estavam em consonância com as doutrinas dos evangelicais<sup>41</sup>. Em 1921, John Gresham Machen (1881-1937), defensor da ortodoxia protestante e da inerrância bíblica, reconhecido como um legítimo erudito, assume o seminário de Princeton, berço da ortodoxia protestante. Em 1923 publica um livro que torna-se a sensação do público. Nessa obra, Machen faz sérias acusações contra a teologia protestante liberal. Diz que tal teologia representa uma religião diferente do cristianismo e seus proponentes deveriam ser honestos e admiti-lo. O livro de Machen, *Christianity and liberalism* (Cristianismo e liberalismo), publicado em 1923, fez bastante sucesso entre protestantes fundamentalistas. Nele, o teólogo de Princeton argumentou que a teologia protestante liberal representava uma religião diferente do cristianismo e que seus proponentes deveriam ser honestos o suficiente para admiti-lo. Afirmou que:

Se fosse concebível uma situação na qual toda a pregação da igreja fosse controlada pelo liberalismo, que já se tornou preponderante em muitas paragens, acreditamos que, nesse caso, o cristianismo finalmente desapareceria da face da terra e o evangelho nunca mais seria proclamado (*apud*, OLSON, 2001, p. 577).

Tal afirmação caracteriza bem o espírito fundamentalista e explica o sucesso de *Cristianismo e liberalismo* de Machen, pois reverbera o discurso dos protestantes contrários ao liberalismo teológico que se espalhava rapidamente entre protestantes do início do século 20. Esse era um discurso a ser propagado em prol de uma hegemonia ideológica para combater doutrinas advindas da teologia liberal.

## **2.5 Segregação e declínio no fundamentalismo**

Um fato que vai marcar o fundamentalismo protestante é a sua participação e intervenção na esfera pública. Até o começo da década de 1920, o sentimento dos americanos

---

<sup>41</sup> Evangelicalismo refere-se ao movimento surgido na Inglaterra puritana do século 17 e fortalecido pelo Primeiro e Segundo Avivamento organizados na Inglaterra e na América do Norte. Os evangelicais consideravam a Bíblia completamente inspirada e a infalível regra de fé e prática. Enfatizava-se a divindade de Cristo, seu nascimento virginal e a segunda vinda de Cristo. Os evangelicais se opunham aos liberais. Na concepção do historiador Earle E. Cairns, “A linha principal dos evangelicais tem sido marcada em geral pela adesão ao consenso da Reforma, à inerrância, à criação especial e geralmente ao pré-milenismo. Durante a primeira metade do século XX, essa linha principal e o fundamentalismo eram virtualmente sinônimos” (CAIRNS, 2008, p. 509).

em relação ao darwinismo era o mesmo que o dos ingleses. A teoria da evolução foi aceita, até então, sem causar conflitos com a religião. Sessenta anos após a publicação da teoria de Darwin, a América do Norte é atingida por uma cruzada antievolucionista que surpreendeu o mundo. Entra em cena no sul dos Estados Unidos um tipo de cristianismo extremista. No estado do Tennessee institui-se uma lei proibindo o ensino da teoria da evolução nas escolas. “Eles têm lutado contra o ensino da teoria da evolução nas escolas públicas, porque contradiz a história da criação narrada no primeiro capítulo do Gênesis” (ARMSTRONG, 2011, p. 15).

Em julho de 1925, a *American Civil Liberties Union, ACLU*, “União Norte-americana de Direitos Civis”, provoca a prisão de um professor de biologia do ensino médio. Em Dayton, no estado do Tennessee, o professor John Thomas Scopes foi processado sob a alegação de ensinar a teoria da evolução de Charles Darwin. “Nos Estados Unidos, os fundamentalistas protestantes elaboraram uma ideologia conhecida como ciência da criação, que considera os *mythoi* da Bíblia cientificamente acurados” (ARMSTRONG, 2011, p. 15). A questão vai parar nos tribunais, transformando-se no famoso “caso Scopes do julgamento dos macacos”. Um dos líderes ativistas do fundamentalismo era William Jennings Bryan (1860-1925), ex-candidato à presidência dos Estados Unidos e secretário de Estado do presidente Wilson. Bryan liderou o processo no julgamento de Scopes como promotor, assumindo o papel de porta-voz do fundamentalismo e antagonista incansável do que ele denominava de “progresso ímpio”. Declarava ele: “Estou mais interessado na Rocha Eterna que na idade das rochas” (BBC). Bryan acusava o darwinismo de corromper a moral dos americanos. Por causa de sua postura, transformou-se numa espécie de herói popular e folclórico. O interessante da crença de William Bryan era que ele entendia os períodos da criação em Gênesis não como dias literais de 24 horas, mas cada um dos seis dias como eras geológicas de tempo. Defendia o criacionismo da Terra Antiga. Ele até acreditava que a Terra tinha milhões de anos, mas não aceitava a teoria de Darwin.

O defensor de Scopes foi Clarence Darrow, um famoso advogado criminalista e agnóstico de Chicago. Durante o processo chegou a afirmar: “se hoje tratam como crime o ensino da evolução na escola, amanhã poderão proibir livros e jornais” (BBC). Devido à ingenuidade dos fundamentalistas representados pelo promotor Bryan, em responder às indagações do advogado de defesa, o processo se transformou em um espetáculo cômico na mídia a julgar pelo título dado: “caso Scopes do julgamento dos macacos”. Foi o primeiro evento a ser transmitido ao vivo pelo rádio em rede nacional. Os fundamentalistas acabam

sendo ridicularizados e humilhados pelo público e pela imprensa, a qual participa em peso informando ao mundo o que estava acontecendo naquele estado “em nome de Deus”.

É possível identificar na linha da história do fundamentalismo um divisor de águas entre este e a ciência. Esse momento crucial aconteceu em 1925 no famoso “caso Scopes do julgamento dos macacos” em Dayton, estado do Tennessee. Até esta data, o fundamentalismo exercia prestígio, força cultural e política nos EUA, mas o antievolucionismo intolerante, a opção pelo historicismo e literalismo bíblico e a cisma com a ciência moderna — devido as acusações feitas à religião, como fez Bertrand Russell —, mudou a história do fundamentalismo. O fundamentalismo passou a ser visto por muitos como obscurantista. O julgamento resultou na condenação do professor Scopes, e também na humilhação do fundamentalismo. Afirma Olson:

As respostas de Bryan no banco das testemunhas de defesa às perguntas de Darrow foram de uma ingenuidade constrangedora e Darrow e Mencken fizeram Bryan e o ímpeto do fundamentalismo contra o evolucionismo parecerem tolos obscurantistas determinados a atrasar o relógio cultural aos tempos pré-modernos e pré-científicos. Cinco dias depois do julgamento, Bryan morreu em desonra e, posteriormente, as leis antievolucionistas foram revogadas por tribunais superiores (OLSON, 2001, p. 579).

O fundamentalismo sai de uma fase moderada para uma fase extremada. Pouco se parecia com aquele fundamentalismo que teve influência da teologia de Princeton e de homens como Charles Hodge e John Gresham Machen, agora estava tomando outro rumo. Nas décadas de 1950 e 1960 apenas algumas comunidades lideradas pelos ultraconservadores Rice, Jones e McIntire, poucas se autodenominavam “fundamentalistas”.

O fundamentalismo primitivo, com influência na teologia de Princeton e na obra *Os fundamentos*, em muito se assemelhava à ortodoxia protestante. Mas depois do caso Scopes em 1925 e do afastamento do teólogo erudito Machen tanto da Igreja Presbiteriana quanto do Seminário de Princeton em 1929, muita coisa mudou entre os fundamentalistas. Houve um período de retraimento. Alguns fundamentalistas adotaram posições extremadas como John Richard Rice, Bob Jones e Carl McIntire, os quais incentivaram uma postura separatista, a recusa em conviver ou cooperar com outros cristãos que não partilhassem das mesmas ideias fundamentalistas (OLSON, 2001, p. 579).

Os defensores mais moderados da ortodoxia protestante e os herdeiros do pietismo ortodoxo adotaram o rótulo de ‘evangélicos’ para descrever seu movimento [...] Enquanto a maioria dos que se identificavam com os fundamentalistas rejeitavam qualquer comunhão com os católicos romanos e até mesmo com os não conservadores moderados, os evangélicos se mostravam cada vez mais dispostos a dialogar e cooperar com eles em alguns empreendimentos sociopolíticos e até mesmo evangelísticos (OLSON, 2001, p. 580).

### ***2.5.1 A crítica bíblica***

O século 19 trouxe grande impacto advindo das transformações ocorridas no pensamento científico e histórico, os quais influenciaram a teologia bíblica. Essas transformações contribuíram para o surgimento de métodos de estudos bíblicos, como foi o caso da crítica bíblica. Os adeptos dessa escola foram chamados pelos conservadores de “modernistas” ou “liberais”, por terem respondido positivamente às novidades da modernidade.

Crítica bíblica é a designação utilizada para se referir aos estudos acadêmicos da Bíblia que faz opção pelos métodos e técnicas científicas para examinar a Bíblia Sagrada. Essa forma de estudar a Bíblia se valeu de métodos utilizados anteriormente para estudar livros seculares. A alta crítica, por exemplo, estudava e investigava as Escrituras Sagradas utilizando métodos literários e históricos objetivos. O resultado desses estudos acabava em questionamentos quanto aos conceitos tradicionais de autoria, data e composição dos livros bíblicos. Perguntava-se: quando, onde, sob quais razões e circunstâncias, por quem e para quem tais textos foram produzidos? A alta crítica se utiliza da arqueologia, antropologia, linguística, entre outras ciências, para implementar os estudos bíblicos. Com essa perspectiva nos estudos das Escrituras Sagradas, observa-se certa ênfase nos artefatos naturais ao invés dos sobrenaturais.

### ***2.5.2 A obra Os fundamentos no Brasil***

A obra *Os fundamentos*, na edição brasileira (TORREY, 2005) está dividida em 64 capítulos. No presente trabalho são analisados 11 desses capítulos. 3) A Bíblia e a crítica moderna; 4) As sagradas escrituras e as negações modernas; 8) As primeiras narrativas de Gênesis; 11) O valor doutrinal dos primeiros capítulos de Gênesis; 12) O testemunho arqueológico para as escrituras; 13) Ciência e fé cristã; 14) A inspiração da Bíblia – definição,

extensão e prova; 18) O testemunho da unidade orgânica da Bíblia à sua inspiração; 26) A certeza e a importância da ressurreição corporal de Jesus Cristo dentre os mortos; 29) O cristianismo não é fábula; e 36) A graça de Deus.

### **2.5.3 A fixação do discurso fundamentalista**

Uma das questões que contribuíram para a postura não dialógica do fundamentalismo em relação a outros movimentos teológicos foi a fixação do seu discurso, ou seja, a publicação de suas ideologias. Enquanto as discussões entre a ortodoxia protestante e os liberais estavam no nível do discurso falado, ainda havia a possibilidade do diálogo entre tais grupos, mas, após a fixação das doutrinas na obra *The fundamentals*, o potencial dos problemas aumentara. Segundo Fairclough, quando o diálogo se move da oralidade para o texto escrito, os problemas se agravam. Nessa nova condição do discurso, as possibilidades de negociação acabam, “porque não temos mais a negociação contínua de significado dentro do diálogo, que, pelo menos nos dá alguns indícios de como as coisas estão sendo destinadas e interpretadas” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 11).

### **2.5.4 Pressuposição**

Segundo Fairclough, “As pressuposições são formas efetivas de manipular as pessoas, porque elas são frequentemente difíceis de desafiar. [...] são proposições que são tomadas pelo(a) produtor(a) do texto como já estabelecidas ou ‘dadas’” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 155, 156). No capítulo três de *Os fundamentos*, intitulado *A Bíblia e a crítica moderna*, introduz-se o assunto com a seguinte pergunta: “Como a Bíblia pode provar ser divinamente inspirada, um livro que nos foi dado pelo céu, uma comunicação do Pai a Seus filhos, e, portanto, uma revelação?” (TORREY, 2005, p. 31). Jean Frédéric Bettex, o autor da pergunta, se habilita a responder.

A proposta de comprovação da inspiração divina, conforme formulação da pergunta, chama a atenção. Tal empreendimento dependerá de uma evidência. Mas será que é possível comprovar tal inspiração? Evidências são expedientes próprios da ciência. Se a Bíblia é um livro escrito para promover fé, conforme o Evangelho de João: “Esses, porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu

nome” (Jo 20:31), procurar evidências conflita com o texto bíblico, pois trata-se de revelação sobrenatural e não de ciência. O próprio Bettex afirma: “uma revelação puramente racional, com certeza, seria uma contradição de termos” (TORREY, 2005, p. 33).

Para formar o *corpus*, conjunto dos enunciados constituídos pelos argumentos, Bettex se propõe a dar três provas, as quais comprovariam que a Bíblia é divinamente inspirada. A segunda parte do texto-pergunta impossibilita uma possível resposta. De acordo com o próprio texto: a) é um livro dado pelo céu; b) é um livro que comunica o Pai (Deus) com os filhos; e c) uma revelação. Bettex parte de um argumento denominado na Análise do Discurso Crítica de pressuposição. Todos esses argumentos partem de uma pressuposição.

### **2.5.5 Críticas à crítica moderna e ao racionalismo**

Os argumentos fundamentalistas empregam a razão para afirmar suas proposições. No entanto têm muita dificuldade de admiti-lo. Inicialmente tece críticas à razão como se ela não fosse necessária e não se utilizasse dela. “A razão compromete-se a falar de coisas inteiramente sobrenaturais, invisíveis e eternas, ela fala como um cego que fala sobre as cores, pois discursa sobre coisas relativas às quais não conhece nem pode conhecer; e assim torna-se ridícula”. Diz ainda: “Ela não ascendeu aos céus nem desceu às profundezas; e, portanto, uma religião puramente racional não é, de forma alguma, religião” (p. 33). Nitidamente há uma intensão de contraste entre as coisas divinas, espirituais, misteriosas e as afirmações feitas pela razão. Os fundamentalistas estão fazendo oposição à teologia liberal, como eles chamam, “essa religião moderna” (TORREY, 2005, p. 34), também tida como religião racional por se utilizar da razão na elaboração de suas doutrinas.

A obra *Os fundamentos* apresenta um parágrafo intitulado *incompetência da razão para a verdade espiritual*. Soa estranho falar de verdade espiritual, parece haver uma verdade espiritual e uma verdade não espiritual. Afirmando de forma incisiva como se conhecesse a razão, afirma: “A razão sozinha jamais inspirou os homens com grandes e sublimes concepções da verdade espiritual, seja no caminho da descoberta seja no da invenção; mas, costumeiramente, ela tem rejeitado e ridicularizado tais questões” (TORREY, 2005, p. 34). De repente fala da profundidade filosófica de Eclesiastes, e da sabedoria de Salomão (TORREY, 2005, p. 34). Os fundamentalistas perguntam: “Será que esses críticos, pergunte a alguns deles, concordam uns com os outros? Longe disso” (TORREY, 2005, p. 34). A mesma pergunta poderia ser feita aos protestantes: será que esses protestantes, pergunte a alguns deles,

concordam uns com os outros? Longe disso. O próprio fundamentalismo é uma clara demonstração de que os grupos protestantes detentores das verdades espirituais estão se dividindo e acusando uns aos outros. O que caracteriza hoje a condição fundamentalista é a sua posição extremada “Portanto, ao repudiar essa crítica moderna, devemos mostrar nossa condenação a ela. O que ela nos oferece? Nada. O que nos tira? Tudo” (TORREY, 2005, p. 35). Essa é a postura fundamentalista diante da possibilidade de utilização da razão. Hoje há diversas formas de protestantismo que não concordam com essas afirmações e nem por isso deixou de existir. Dizem os fundamentalistas: “não são os livros históricos de algum modo os mais importantes na Bíblia? Não é verdade que a doutrina do pecado necessita deles para o ponto de partida do relato da Queda?” (TORREY, 2005, p. 145). Em outro texto diz: “Na verdade, os livros históricos têm o testemunho mais forte, quanto à importância que têm, em outras partes da Bíblia” (TORREY, 2005, p. 146). E também, “Mas se incluimos a história da Bíblia, devemos incluí-la toda, pois quem seria competente para separar suas partes?” (TORREY, 2005, p. 146).

## **2.6 Fundamentalismo protestante e as dificuldades com os mitos**

Para os fundamentalistas, as Escrituras Sagradas não admitem a mínima possibilidade de que em suas páginas haja mitos. Referindo-se à Bíblia e atacando a crítica moderna queixam-se: “Suas histórias mais remotas, que chegam à época dos reis, são amplamente resolvidas por mitos, lendas e ficção. A categoria da história propriamente dita é deixada de lado”. Completam criticando: “Sem dúvida, postulam que as lendas são tão boas quanto a história, e que as concepções, transmitidas na forma de lendas, que nos são passadas por elas também são tão boas quanto se fossem transmitidas na forma de fatos” (TORREY, 2005, p. 40). O termo mais apropriado para falar de alguns textos bíblicos não seria lenda, e sim mitos. Esse gênero literário aos olhos do fundamentalismo estaria muito próximo de lenda, conto infantil ou até mesmo em oposição a história, opondo-se a fatos. Aquilo que não é história seria mito. Daí a queixa de que a história propriamente dita é deixada de lado. Essa opção pelo historicismo opõe-se principalmente aos mitos que constitui um dos problemas do fundamentalismo. Vê-se isto quando afirma que: “A história da Queda, por exemplo, não é um mito, mas inclui a estarrecedora memória de uma catástrofe moral real que aconteceu no começo de nossa raça e que trouxe maldição e morte ao mundo” (TORREY, 2005, p. 84). Ao invés de apelar para a mensagem e seu valor intrínseco, apela-se para fatos, inclusive fazendo apelo a ciências como

arqueologia e a própria história como ciência para asseverar as narrativas bíblicas como fatos ocorridos na linha do tempo.

Fica claro que as narrativas da criação, ou seja, a Queda, o dilúvio, etc. não são mitos, mas são narrativas que contêm o conhecimento ou memória de transcurso reais. A criação do mundo certamente não foi um mito, mas um fato, e a representação dos diferentes atos criativos tratam igualmente de fatos (TORREY, 2005, p. 86).

Quanto ao dilúvio, considera que: “Foi um fato histórico, e a preservação de Noé e de sua família, dentre as tradições humanas, é um dos fatos mais bem e mais amplamente comprovados” (TORREY, 2005, p. 87). A opção pelo historicismo fica ainda mais clara ao afirmar: “Assumimos desde o começo a historicidade do Gênesis e sua autoria mosaica”. Ou ainda: “O livro de Gênesis não pode ser considerado como possuidor da autoridade divina, se não for verdadeiro. Pois, se não for história, não é confiável; e se não for revelação, não possui autoridade divina” (TORREY, 2005, p. 108, 109).

Muitas ciências se utilizam dos mitos em busca de uma mensagem mais profunda como é o caso da psicanálise e da psicologia com Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Estudiosos como Joseph Campbell, Mircea Eliade, Lévi-Strauss e tantos outros dedicaram anos de suas vidas pesquisando os mitos nas diversas etnias e o assunto ainda está longe de se esgotar. Atualmente há inúmeros pesquisas e estudos nessa área. Os mitos se propõem a oferecer respostas às questões complexas e enigmáticas da condição humana. Antes de existir ciência tal como a conhecemos hoje, existiam os mitos. Eles se pronunciaram antes mesmo de existir história, códigos de leis, explicações lógicas ou corpos doutrinários. Desempenham a função de conduzir as sociedades conferindo sentido à vida. E mesmo hoje com todo avanço das ciências nos diversos campos do saber ainda há espaço para as narrativas míticas. Elas conferem sentido às sociedades e explicam os mistérios ainda indecifráveis e dialoga com o intrigante, com os deuses, com os antepassados, com os monstros, com os heróis, com o futuro e com os sonhos. Talvez uma das impossibilidades do ser humano seja calar-se diante das grandes questões da humanidade. Antes de qualquer ciência o mito se pronuncia oferecendo uma resposta, mesmo que seja provisória.

Os mitos não têm compromisso com a História, pois está para além dessa dimensão que tem a ver com o tempo. Do mesmo modo, está para além do espaço. Ele não vai para o laboratório aguardar comprovação científica, pois está para além das investigações

laboratoriais. É uma janela que se abre em direção ao impossível, aproximando o ser humano do reino do sobrenatural. Todas as culturas primeiramente tiveram suas origens explicadas pelos mitos. Enquanto existir os mistérios os mitos também existirão. Ainda “há mais mistério entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia” (William Shakespeare). É importante lembrar que, “Mesmo hoje, poetas, filósofos, matemáticos e cientistas descobrem que a contemplação do insolúvel é uma fonte de alegria, admiração e contentamento” (ARMSTRONG, 2011, p. 14). Mas o pensamento fundamentalista negligencia esse aspecto. Dizem eles: “Se a realidade histórica de Adão e Eva é abandonada, uma das bases principais da doutrina cristã é removida” (ARMSTRONG, 2001, p. 117).

## **2.7 Fundamentalismo protestante e a opção pelo historicismo**

Na obra *Os fundamentos*, há em geral, uma certa fixação pelas evidências históricas, ou seja, pelo historicismo. Assim também depositam os fundamentalistas certa importância nos títulos acadêmicos dos escritores ou editores da referida obra, por exemplo, o título de doutor. Ao se referir a autenticidade e credibilidade da Bíblia, James M. Gray no Capítulo 14 *A inspiração da Bíblia – definição, extensão e prova*, diz que “Elas têm que ver com a historicidade da Bíblia, historicidade essa que para nós é a base de sua autoridade” (TORREY, 2005, p. 142). Em outra parte consta: “Compare, por exemplo, os relatos da criação, da Queda, do dilúvio, etc., encontrados em Gênesis com aqueles já descobertos por escavações em terras bíblicas” (TORREY, 2005, p. 145). No capítulo 15 de *Os fundamentos*, sob o título *o testemunho arqueológico para as escrituras*, o autor faz questão de registrar que o propósito do capítulo é fornecer resultados de uma parte da pesquisa em questão, e dessa forma “proporcionar um exame razoável da competência e honestidade dos historiadores do Antigo Testamento, assim como da fidelidade com que seus registros nos foram transmitidos” (TORREY, 2005, p. 122). Há uma preocupação de fato pelos aspectos históricos das narrativas, valendo-se nesse caso da arqueologia para asseverar tais fatos, o que revela a opção fundamentalista pelo historicismo. Nesse sentido o discurso fundamentalista ao mesmo tempo em que critica alguns aspectos da ciência, exalta outros, como é o caso da pesquisa arqueológica praticada por historiadores “sagrados” e não “profanos”, fazendo diferenciação entre historiadores cristãos e não cristãos. Ao referir-se às questões históricas do livro de Daniel, Gray diz “Assim, o que antes foi considerado como uma objeção insuperável à precisão histórica do livro de Daniel prova ser uma marca de precisão [...] Assim, a arqueologia dá

testemunho à historicidade desses reis Israelitas”. Em seguida ao referir-se ao achado da Pedra Moabita, descoberta em 1868 em Dibon, a leste do Jordão, afirma: “Uma das mais importantes descobertas para o Antigo Testamento” (p. 123, 124). O historicismo guarda relação de proximidade com o literalismo, pois na perspectiva fundamentalista os fatos são mais importantes que a mensagem em si. As questões simbólicas e metafóricas próprias das religiões são negligenciadas. Na compreensão da historiadora Karen Armstrong, essa forma de pensar indica que “Perdemos a capacidade de interpretar as velhas histórias de deuses caminhando pela terra, mortos saindo do túmulo, mares se abrindo miraculosamente. Passamos a entender conceitos como fé, revelação, mito, mistério e dogma de uma forma que muito surpreenderia nossos ancestrais” (ARMSTRONG, 2001, p. 402). Não que os fatos sejam menores ou menos importantes do que as narrativas míticas e metafóricas, mas em termos religiosos as narrativas como mensagens são tão importantes quanto os fatos. Por muito tempo discutiu-se e ainda hoje discute-se sobre o Jesus da história e o Jesus da fé. O importante para a dinâmica da fé é que a mensagem cristã perdurou por muito tempo por conferir sentido à vida e não por que se conseguiu de fato comprovar que um homem chamado Jesus existiu como o Deus encarnado.

Alguns títulos da obra *Os fundamentos* chamam a atenção pela presunção assumida em colocar as narrativas bíblicas em status de história. Vejamos alguns deles: “Pode ser provado pela história e natureza da Bíblia” (TORREY, 2005, p. 148), e “O cristianismo não é fábula” (TORREY, 2005, p. 327). O termo mais apropriado para se referir aos textos bíblicos dos primeiros capítulos de Gênesis e que se propõe a dar uma explicação sobre a origem do universo não é fábula nem lenda nem tampouco ficção, mais sim mito, como uma categoria de narrativa própria da religião e de determinada cultura e época. Em outro capítulo encontramos o seguinte título: “A Certeza e a Importância da Ressurreição Corporal de Jesus Cristo dentre os Mortos” (TORREY, 2005, p. 297). Discorre-se então sobre uma “certeza”, para falar da importância de tal “fato”. “As afirmações contidas nos quatro evangelhos que admitem a ressurreição de Jesus Cristo são afirmações de fato ou ficção, fábulas ou mitos? Existem três linhas independentes de prova de que as afirmações contidas nos quatro evangelhos em relação à ressurreição de Jesus Cristo são afirmações exatas do fato histórico” (TORREY, 2005, p. 299). Sobre a “certeza” e a importância da ressurreição corporal de Jesus Cristo dentre os mortos” diz Reuben Archer Torrey: “É verdade que os relatos têm a ver com o sobrenatural, contudo, os próprios relatos são muito naturais. Há uma notável ausência de toda tentativa de dar cor e efeito. Não há nada,

senão o simples e sincero narrar dos fatos como eles realmente ocorreram” (TORREY, 2005, p. 301).

Thomas Whitelaw no capítulo 29 de *Os fundamentos* “O cristianismo não é fábula” advoga em prol da ideia de que o cristianismo não contém fábula. Argumenta da seguinte forma: “A primeira marca da veracidade do cristianismo deve ser encontrada em sua suprema excelência como um sistema religioso. A beleza inacessível e encanto irresistível de sua concepção, e o caráter único dos meios pelos quais ele conclui seus objetivos, não são reconciliáveis com a noção de fábulas” Whitelaw argumenta que, se apesar disso o cristianismo for mesmo uma fábula, “então é a fábula mais divina que a linguagem humana jamais pôde expressar” (TORREY, 2005, p. 327). Pergunta ele: “é possível crer que embusteiros e enganadores poderiam e puderam ter inventado um conto tão divino?” (TORREY, 2005, p. 329).

Whitelaw ao negar que o cristianismo seja fábula, ficção ou lenda afirma: “penso que ele não é uma fábula, mas um fato; não uma lenda, mas uma história; não um conto imaginário, mas uma verdade sólida” (TORREY, 2005, p. 335). Diz ainda Whitelaw: “podemos descansar seguros de que o cristianismo não é uma fábula engenhosamente criada, mas uma verdade divinamente revelada — apenas ele contém a esperança para o mundo como um todo, e geração após geração passará até o dia em que ele preencherá o globo” (TORREY, 2005, p. 337). Thomas Whitelaw coloca as fábulas, as ficções, os mitos e as lendas em uma única categoria. Estas seriam sinônimos de invenções que podem ser alteradas. Seu entendimento sobre mitos é que este faz oposição à verdade. Mas essa não é a noção correta sobre mitos. Eles não são sinônimo de mentira. O mito é uma construção explicativa para determinadas necessidades humanas em um tempo primordial em que a ciência ainda não explicou determinados fatos. As sociedades, mesmo as mais primitivas, sempre tiveram explicação para os fenômenos da natureza e essas explicações poderiam ser em forma de mitos. O mito se presta a atender uma necessidade humana. É uma construção muito bem elaborada que visa explicar o fantástico, o ainda inexplicável e que perdura através dos tempos até que haja uma explicação plausível, e só então os mitos não seriam mais necessários como modalidade explicativa.

quando alguém se lembra que o cristianismo construiu a igreja cristã, e que a igreja cristã foi o fator mais poderoso para se criar a civilização moderna, torna-se uma impossibilidade creditar a alegação, ou mesmo abrigar a

suspeita, de que ele foi fundamentado sobre uma mentira (TORREY, 2005, p. 337).

Whitelaw entende o cristianismo como a religião que fora construída em fatos. Para ele não há a mínima possibilidade do cristianismo se utilizar dos mesmos expedientes que utilizaram outras religiões, para difundir sua mensagem. Ele insiste em afirmar que o cristianismo não é uma “fábula engenhosamente criada” (TORREY, 2005, p. 337). Sua preocupação reside em apresentar fatos, como ele mesmo diz, “verdade sólida”. Dessa forma Whitelaw negligencia e rejeita outras formas interpretativas que não estejam ancoradas na linha da história como acontecimento.

## **2.8 Fundamentalismo protestante e o cientificismo**

Em alguns discursos na obra *Os fundamentos* há uma preocupação em comparar o discurso bíblico com o discurso científico. Ideologicamente, o discurso científico, mais especificamente o cientificismo, exalta a ciência moderna, conferindo-lhe elevado status, como aconteceu na época do positivismo — posição ideológica que vê na ciência a única forma de conhecimento verdadeiro. Arthur Tappan Pierson, autor do capítulo 18 de *Os fundamentos*, sob o título *O testemunho da unidade orgânica da Bíblia à sua inspiração*, argumenta que “A correspondência geral entre o relato mosaico da criação e as descobertas mais avançadas da ciência prova que somente aquele que construiu o mundo, poderia construir o livro. Quanto à ordem da criação, Moisés e a geologia estão de acordo” (TORREY, 2005, p. 204). O autor dessa afirmação, ao mesmo tempo em que faz um discurso embasando-se nos relatos bíblicos, que são da ordem da fé e da espiritualidade, faz uma aproximação com a ciência moderna. Ele relaciona as descobertas mais avançadas da ciência, endossando seu discurso na geologia, com o relato da criação no livro de Gênesis. Em seu entendimento, tanto Moisés como a geologia estão em pleno acordo.

Depois, de certa forma contradizendo-se, apresenta outros discursos eximindo a Bíblia Sagrada de uma possível comparação, atribuindo a esta o fato de não ser um livro científico, não havendo, portanto, nenhum ensino direto que antecipe a verdade científica. “A Bíblia não é um livro científico, mas segue uma lei consistente. Como uma locomotiva em seu trilho, ela ressoa no trilho da ciência, mas jamais se desvia de seu próprio trilho” (TORREY, 2005, p. 204). A partir daí apresenta três pontos explicando a relação entre as afirmações da Bíblia Sagrada e as verdades científicas.

(1) Aqui não se encontra nenhum ensino direto ou antecipação da verdade científica. (2) Nenhum fato científico é afirmado de forma equivocada, embora seja empregado uma fraseologia comum, popular. (3) Utiliza-se um conjunto elástico de termos, que contêm em germe toda verdade científica, como a semente contém a árvore. A linguagem é tão elástica e flexível a ponto de contrastar-se com a estreiteza da ignorância humana, e ainda expande-se às dimensões do conhecimento. Se a Bíblia pode, por meio da linguagem imperfeita, selecionar os termos que podem sustentar verdades ocultas até que épocas futuras cheguem para descortinar o significado interior, isso deve parecer ser a melhor solução desse difícil problema. Agora, quando chegamos a comparar a linguagem da Bíblia com a Ciência moderna, descobrimos ser isso um fato. (TORREY, 2005, p. 204).

Em outro texto, Pierson inclui outra ciência em seu discurso, além da geologia, a anatomia comparativa, aproximando assim as afirmações bíblicas das constatações científicas: “A geologia e a anatomia comparativa se unem para ensinar que a ordem vai dos tipos inferiores aos superiores; primeiro, o peixe, em seguida os répteis, depois o homem. Esta é exatamente a ordem seguida por Moisés” (TORREY, 2005, p. 204). Além de afirmar que a ordem apresentada pela geologia e pela anatomia comparativa estão em consonância com a ordem apresentada por Moisés, faz ainda uma referência a outra ciência, dessa vez a astronomia. “Podemos pegar o exemplo desta garantia científica na astronomia. Jeremias 33.22 diz, ‘Não se pode contar os exércitos do céu, nem medir a areia do mar’” (TORREY, 2005, p. 204). Ao mesmo tempo em que afirma que a Bíblia Sagrada não é um livro científico, Pierson acaba fazendo comparações com a ciência moderna.

No capítulo 13 da obra *Os fundamentos*, sob a designação *Ciência e fé cristã*, consta: “Até o presente momento, a ciência e as visões bíblicas de Deus, do homem e do mundo não estão em nenhuma relação real de conflito” (TORREY, 2005, p. 139). Essas são as palavras do professor James Orr, professor da Faculdade da Igreja Livre Unida de Glasgow, na Escócia, ao rebater as críticas de que, com o avanço das ciências físicas, tais como: astronomia, geologia e biologia, estaria causando danos quase que destrutivos no que diz respeito às reivindicações da Bíblia e da verdade do cristianismo. O professor Orr discorda que os interesses da ciência e do cristianismo sejam antagônicos. Lembra que a maioria dos antigos investigadores da ciência eram cristãos piedosos, entre eles cita: Galileu, Kepler, Bacon, Newton, Faraday, Brewster, Kelvin, entre outros (TORREY, 2005, p. 130). Entende que tanto do lado da ciência como da

igreja houve “enganos infelizes” e erros dolorosos. Admite que a “igreja dominante” investiu para abafar o avanço da verdade por meios de perseguições. Mas “Se a teologia resistiu às novidades da Ciência, foi porque frequentemente teve boas razões para isso” (TORREY, 2005, p. 131). Se reconhecidamente houve enganos infelizes e dolorosos por parte de alguns teólogos, tal reconhecimento é louvável, mas ao mesmo tempo é questionável afirmar que a teologia, ao resistir às novidades da ciência, teve boas razões. Além disso, nada garante que esses erros não continuam acontecendo ainda hoje.

Na tentativa de harmonizar o relato da criação, conforme descrito em Gênesis 1 e 2, com as teorias modernas sobre a origem do Universo, James Orr argumenta: “que tipo de ‘dias’ eram esses que tiveram curso antes do sol, com as vinte e quatro horas de medida diuturna, que foram designados para aquele fim?” (TORREY, 2005, p. 139). Na tentativa de encontrar uma explicação plausível, diz ele: “Nenhuma violência é feita à narrativa quando substituimos em pensamento os dias ‘eônicos’ — vastos períodos cósmicos — por ‘dias’ de nossa escala mais estreita, os que são medidos pelo sol. Desse modo, o último traço de aparente ‘conflito’ desaparece” (TORREY, 2004, p. 139). Essa explicação encontra-se na teoria da Terra antiga.

Os “seis dias” podem permanecer como uma dificuldade para alguns, mas, se isso for mais do que a fixação simbólica do quadro — uma grande “semana” divina de trabalho — pode-se bem perguntar, como Agostinho o fez muito antes que a geologia viesse a cogitar sobre que tipo de “dias” eram esses que tiveram curso antes do sol, com as vinte e quatro horas de medida diuturna, que foram designados para aquele fim? (TORREY, 2004, p. 139).

Na esperança de que um dia a relação entre religião e ciência se inverta ou quem sabe a religião cristã do Ocidente volte a ocupar posição de destaque, como era antigamente — levando-se em conta que a sociedade ocidental moderna secularizada questiona os antigos ensinamentos bíblicos e deposita elevada confiança nas ciências modernas —, diz James M. Gray: “Feliz o dia quando a investigação voltar para cá, e feliz a geração que não esquecer a maneira como ir ao encontro dela” (TORREY, 2005, p. 141, 142). A referência à ciência moderna aqui compreenderá o conjunto das ciências reformuladas após a Idade Média a partir do processo de modernização da sociedade ocidental. “Chamamos de ciência moderna uma forma de estudar a natureza que surgiu ao longo dos séculos XVI e XVII e que considerava ser a linguagem matemática e a experimentação os caminhos verdadeiros para se compreender a natureza” (BRAGA, 2006, p. 68).

Para corroborarem seus discursos, tanto os autores de *Os fundamentos* como os cientistas, contrários à religião cristã, se utilizaram basicamente da mesma lógica e linguagem, ou seja, o mesmo tipo de discurso utilizado pela ciência moderna. Os fundamentalistas inicialmente se opõem às novidades da ciência moderna, mas logo se utilizam da linguagem científica para responder aos cientistas e adeptos da ciência moderna, críticos à religião. Dessa forma as obras *Os fundamentos* (1909 a 1915) e *Religião e ciência* (1935), se entrecruzam em seus discursos e argumentos. Elucidar a razão da polaridade e ao mesmo tempo da lógica discursiva entre essas duas dimensões do saber, fé cristã na ótica protestante fundamentalista a partir da obra *Os fundamentos* e ciência moderna na ótica russelliana a partir da obra *Religião e ciência* — a ser abordada no capítulo 3 —, será uma das tarefas do presente trabalho.

Submetendo os discursos acima a uma abordagem analítica e crítica na perspectiva faircloughiana, percebe-se que eles se enquadram em um conceito central da Análise do Discurso Crítica denominado coerência por Fairclough. Essa dimensão da ADC enxerga os autores dos textos como sujeitos sociais do discurso, com suas experiências sociais prévias e orientados para as múltiplas dimensões da vida social. Nessa condição, os autores acabam impondo suas experiências particulares prévias e suposições àquilo que apreenderam dos textos bíblicos em relação ao discurso científico, que é a sua própria interpretação, seu discurso particular. Para Fairclough, a coerência está ligada aos propósitos do autor, o que retira deles a condição de imparcialidade. Como um artifício do discurso, a coerência poderá acarretar indeterminações e ambivalências, elementos notados nos textos acima. Há indeterminação quando Pierson afirma que entre o relato mosaico da criação e as descobertas mais avançadas da ciência há uma prova de que apenas Deus poderia ter construído o mundo. Tal afirmação não é consenso entre os dois magistérios, ciência e religião, nem tampouco trata-se de uma prova, são apenas as conexões e suposições impostas por Pierson em sua posição interpretativa.

Na tentativa de harmonizar o discurso científico com os textos bíblicos, nutrindo simpatia pelos dois magistérios, e apelando à autoridade da ciência em sua função legitimadora das afirmações da modernidade, Pierson incorre em ambivalência, uma das características da coerência na Análise do Discurso Crítica. Ao invés de impetrar um discurso ideológico emancipador, como fez a ciência moderna ao se emancipar das estruturas religiosas da Idade Média, acaba incorrendo em ambivalência discursiva, conseguindo, no máximo, uma emancipação parcial do cristianismo protestante em relação à ciência moderna em seu discurso.

Deixa a entender que o discurso religioso deve se justificar perante os ataques advindos da ciência moderna.

Nesse capítulo, a religião lançou um olhar para a ciência moderna, fazendo críticas severas a muitos de seus seguidores e até mesmo rejeitando algumas práticas. Ao invés de se depositar confiança nesse magistério (a religião), foi feito um convite para que se confie e busque auxílio no sobrenatural, a dimensão não verificável pela ciência moderna. No capítulo seguinte será a vez da ciência, através de um de seus adeptos, Bertrand Russell, olhar para a religião. Assim como fizeram os fundamentalistas em relação à ciência moderna, Russell não poupará os religiosos. Serão lançados contra a religião diversos argumentos, sem economia de esforços. As críticas não serão menos intensas do que as dos fundamentalistas. Acrescente-se ainda que um escritor do porte de Bertrand Russell, ganhador de um Prêmio Nobel de Literatura, mundialmente conhecido, naturalmente desfrutará de uma grande vantagem ao difundir suas ideias.

### CAPÍTULO 3

## A RELAÇÃO ENTRE A CIÊNCIA MODERNA E A RELIGIÃO

### SEGUNDO A OBRA *RELIGIÃO E CIÊNCIA*

*Sempre houve um longo conflito entre religião e ciência, e nos últimos anos, a ciência tem se saído invariavelmente vitoriosa.*

— Bertrand Russell —

*Quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado.*

— Leonardo Boff —

O presente capítulo se propõe a investigar os ataques deliberados feitos por Bertrand Russell à religião, como se esta fosse algo ultrapassado e que precisa ser superada. Tais discursos serão analisados em suas ideologias e motivações, considerando e identificando os elementos da Análise do Discurso Crítica a partir da concepção faircloughiana que, por sua vez, possibilitará identificar as nuances performativas que delineiam o discurso russelliano. O que levou seu autor a dirigir palavras tão duras e, às vezes, até irônicas? A religião é algo a ser superado de fato, conforme apresenta Russell? Quais são os elementos encontrados no texto que podem lançar luz sobre o conflito estabelecido? O conflito alegado por Russell é realmente uma barreira intransponível? Religião e ciência são dois magistérios antagônicos e incapazes de diálogo? Iniciaremos o capítulo apresentando duas tabelas abordando os dois principais temas do presente trabalho: religião e ciência. Serão contemplados os temas abordados pela própria obra: 1) Fundamentos do conflito; 2) A revolução copernicana; 3) Evolução; 4) Demonologia e Medicina; 5) Alma e corpo; 6) Determinismo; 7) Misticismo; e 8) Proposta Cósmica. Para o propósito do presente trabalho, o oitavo capítulo *Ciência e ética* não será analisado. Entendemos que todos esses temas contribuem para explicar a rejeição da religião por Russell. Neles é possível identificar as várias ciências que constituem o que se passou a chamar, de forma genérica, ciência moderna.

A tabela seguinte oferece um panorama da pesquisa realizada no livro *Religião e ciência* e os capítulos/temas abordados por Bertrand Russell considerados relevantes para a presente pesquisa. Em conformidade com a importância do assunto, algumas páginas foram citadas mais de uma vez. Quanto ao último capítulo *Ciência e ética*, não consta citação.

Cap.	Assuntos	Religião	Ciência
01	Fundamentos do Conflito	2, 3, 4, 4, 6, 7, 8, 8, 8, 8, 14, 15.	1, 2, 2, 6, 6, 7, 7, 7, 8, 8, 14, 15.
02	A Revolução Copernicana	29, 24, 25, 27, 27, 28.	24, 25, 27, 28.
03	Evolução	34, 35, 35, 42, 44, 45, 46, 46, 49, 53, 53, 55, 55.	34, 35, 36, 46, 46, 46, 49, 53, 53, 55.
04	Demonologia e Medicina	59, 60, 63, 63, 64, 69, 73, 73, 76, 79.	60, 63, 64, 73, 73, 76.
05	Alma e Corpo	81, 92, 99, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 108.	81, 92, 98, 99, 100, 108.
06	Determinismo	126, 129, 130, 131, 132, 134.	126, 126, 129, 130, 131, 132, 132, 133, 134.
07	Misticismo	141, 141, 143, 145.	145.
08	Proposta Cósmica	172, 172, 174, 175, 175, 176.	171, 171, 173, 175, 176.

Tabela 4: Visão geral das citações de “ciência” e “religião” nos capítulos escolhidos da obra *Religião e ciência*.

Assim como foi exposto no capítulo primeiro, quanto às palavras-chave de *Os fundamentos*, o mesmo será feito quanto às palavras-chave de *Religião e ciência*. Dessa forma, levando-se em consideração a incidência de algumas palavras, será possível ter uma ideia da importância dos dois principais temas abordados na obra. Vale salientar que o termo *ciência moderna*, pelo fato de aparecer apenas duas vezes, não possui menor importância, pois a ciência à qual Bertrand Russell se refere encontra-se no contexto da ciência moderna.

A partir dessa pequena estatística constata-se que os dois temas mais apreciados por Bertrand Russell, na obra em questão, são *religião* e *ciência*, o que justifica o título do livro. A palavra *ciência* e seus termos correlatos aparecem 250 vezes, enquanto *religião* e seus correlatos, 93 vezes. Entre os dois temas, percebe-se que Russell enfatiza mais a ciência que a religião, a qual aparece como um tema de menor importância. Inclusive, segundo o próprio Russell, na relação conflituosa entre religião e ciência nos últimos anos, a vitória pertence à ciência. Seu elaborado discurso ideológico em prol da ciência destaca-se pelos argumentos.

Ciência(s)	158	250	Religião(ões)	60	90
Científico(as)	81		Religioso(as)	25	
Cientista(s)	06				
Cientificamente	03				
Ciência moderna	02				
Ciência e religião	03		Religião e ciência	05	

Tabela 5: Visão especial das citações de “ciência” e “religião” nos capítulos escolhidos na obra *Religião e ciência*.

Neste capítulo, preparando o cenário para o entendimento quanto à entronização da ciência moderna no século 20, serão apresentadas algumas questões que antecederam a crise e a discussão desta com a religião cristã no Ocidente, mais especificamente com o fundamentalismo protestante. A obra *Religião e ciência* de Bertrand Russell foi escolhida para que possa trazer equilíbrio e lançar luz às discussões e desavenças entre religião e ciência, especialmente no início do século 20, período que coincide com a publicação das obras *Os fundamentos* e *Religião e ciência*.

O pensamento russelliano a partir de seu livro *Religião e ciência* trata da discussão entre dois magistérios distintos, conforme sugerido no título, posicionando-se do lado da ciência moderna para combater a religião. Bertrand Russell, sendo cientista e contemporâneo do movimento fundamentalista, tendo até mesmo atuado como professor universitário nos EUA por sete anos na primeira metade do século 20 (1938-1944), poderá trazer equilíbrio à discussão entre essas duas áreas doadoras de sentido, a saber: religião e ciência.

O discurso científico de Bertrand Russell parte do princípio de que a religião e a ciência mantêm uma relação de conflito. Do outro lado, encontra-se a obra *Os fundamentos*, afirmando que há apenas um suposto conflito entre cristianismo e ciência (TORREY, 2005, p. 131).

Segundo Leonardo Boff, o fundamentalismo não possui apenas um rosto religioso. “Todos os sistemas, seja culturais, científicos, políticos, econômicos e até artísticos, que se apresentam como portadores exclusivos da verdade e de solução única para os problemas devem ser considerados fundamentalistas” (BOFF, 2002, p. 38). Na compreensão de Boff, atualmente vivemos sob o império feroz dos vários fundamentalismos. Assim como há fundamentalistas religiosos, também há cientistas fundamentalistas.

Assim como os religiosos fazem análises dos discursos científicos direcionados à religião, o meio científico também faz suas considerações e análises de como a religião encara a ciência. Ian Graeme Barbour, físico nuclear e teólogo, em sua obra *Quando a ciência encontra a religião*, em uma abordagem científica, pergunta como a religião se relaciona com a ciência (BARBOUR, 2004). Para ele há quatro possibilidades possíveis para essa relação: conflito, independência, diálogo e integração. Os parágrafos que se seguem abordarão os quatro últimos séculos em que a relação entre religião e ciência estiveram em evidência.

### **3.1 Os últimos quatro séculos de discussão entre religião e ciência**

#### **3.1.1 Século 17**

Demarcando uma linha histórica dos encontros entre religião e ciência no Ocidente, Barbour aponta para a revolução científica<sup>42</sup> do século 17, entendendo ser o primeiro encontro entre religião e ciência. Esse teria sido um encontro amigável ocorrido entre os fundadores da revolução científica. Neste período, a maioria dos cientistas tinham motivações religiosas, pois eram cristãos devotos e convictos, preocupados em estudar a obra do Criador. Johannes Kepler (1571-1630) queria descobrir o padrão que Deus impusera ao cosmo, Isaac Newton (1642-1727), um dos principais nomes na revolução científica, extremamente religioso, acreditava na inspiração verbal da Bíblia e na hipótese criacionista para explicar a origem do Universo. Russell o acusa de nada ter feito para desequilibrar a ortodoxia religiosa (RUSSELL, 2009, p. 36). A revolução científica se opõe aos métodos medievais de se explicar o mundo, fazendo opção pelos métodos científicos da modernidade, rejeitando totalmente a magia e o misticismo, dessacralizando o mundo a partir de sua matematização e manipulação científica.

#### **3.1.2 Século 18**

Esse é o século que evidencia o momento da ascensão do pensamento racional oriundo do Iluminismo, quando a ciência assume papel de destaque no Ocidente, apontando para o fato de muitos cientistas cristãos apresentarem um posicionamento religioso diferente do século anterior. Estes acreditavam em um Deus criador, mas não em um Deus pessoal envolvido ativamente no mundo e na vida das pessoas. Abria-se assim precedentes para questionamentos

---

<sup>42</sup> Revolução científica do século 17 promovida por figuras como Newton e Descartes. Havia questionamentos quanto às origens físicas do universo, mas ainda tentava-se conciliar explicações científicas com as religiosas.

das doutrinas cristãs vigentes. É nesse século que surge a primeira versão da Teoria da Evolução ou o lamarckismo, elaborada pelo naturalista e biólogo francês Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), que percebeu que os organismos vivos não só mudavam ao longo do tempo como também se adaptavam ao meio ambiente. Suas teorias sobre a evolução das espécies posteriormente iria influenciar o biólogo inglês Charles Darwin (1809-1882), que elabora a teoria da seleção natural apresentada na obra *A origem das espécies*, explicando o mecanismo das mudanças apresentado anteriormente por Lamarck em sua Teoria da Evolução.

A partir de Newton, o século dezoito adquiriu sua marca singular de devoção, no qual Deus aparecia essencialmente como o Legislador, primeiro criando o mundo e depois as leis que determinavam todos os eventos vindouros, sem qualquer necessidade de Sua intervenção especial. Os ortodoxos permitiam exceções: havia os milagres associados à religião. Mas para os deístas, tudo, sem exceção, era regulado pela lei natural. Ambas as visões podem ser encontradas no *Ensaio sobre o Homem* de Alexandre Pope (RUSSELL, 2009, p. 36).

Para Russell, a primeira tentativa louvável de se construir uma teoria científica do desenvolvimento do Sol, dos planetas e das estrelas só veio a acontecer em 1755, com Immanuel Kant (1724-1804), em sua obra *A História Natural Geral e a Teoria do Céu, ou Investigação da Constituição e a Origem Mecânica da Estrutura Total do Universo, tratada de acordo com os princípios newtonianos*. E o primeiro escritor a apresentar uma visão científica moderna em geologia foi James Hutton (1726-1897), com *Teoria da Terra*, primeiramente publicada em 1788, e de forma expandida em 1795. Como se vê, outras ciências, como foi o caso da geologia, criada no século 16, também despontavam no cenário, a fim de contribuir com o conhecimento humano. Mas, mesmo com todo o conhecimento científico que se avolumava, Russell chama a atenção para as dificuldades ainda advindas da religião. “Por volta de 1795, quase todas as pessoas abastadas da Inglaterra viam em cada doutrina que não fosse bíblica um ataque à propriedade e uma ameaça da guilhotina. Por muitos anos, a opinião britânica foi bem menos liberal do que antes da Revolução” (RUSSELL, 2009, p. 44).

O francês Georges Luis Leclerc (1707-1788), o conde de Buffon, naturalista e um dos percussores das teorias evolucionistas, chegou a defender quatorze proposições condenadas pela faculdade teológica de Sorbonne, em Paris, tidas como repreensíveis e contrárias à igreja. Uma delas afirmava que as montanhas e vales, como eram vistos, resultavam de causas secundárias e, com o tempo, as mesmas causas destruiriam continentes, morros e vales e

também produziria outros semelhantes. Não pôde sustentar essas afirmações por muito tempo. Foi obrigado a se retratar, publicando a seguinte confissão, declarando que não teve a intenção de contradizer os textos das Escrituras: “Acredito firmemente em tudo relacionado à criação, tanto em ordem de tempo como também em evidência dos fatos; rejeito tudo em meu livro a respeito da formação da Terra e, em geral, tudo que possa ser contrário à narração de Moisés” (RUSSELL, 2009, p. 42).

### 3.1.3 *Século 19*

Esse século se caracteriza pelo apogeu da ideologia do progresso com a ascensão da economia industrial no Ocidente, proveniente da Revolução Industrial, que prega o progresso como necessário, inevitável e benéfico às sociedades civilizadas. No mundo acadêmico surge o saber especializado<sup>43</sup> e, com o ápice do racionalismo, alguns cientistas vão além dos questionamentos científicos, tornando-se até mesmo hostis à religião (BARBOUR, 2004, p. 7). É nesse século que o cientificismo torna-se dogmático, atingindo seu ápice com a especialização das ciências e o domínio do homem sobre a natureza e sobre ele mesmo. Nesse contexto, abre-se espaço para uma nova atitude filosófica frente às religiões, o ateísmo<sup>44</sup>, que torna-se uma espécie de modismo entre os cientistas. Esse século também é testemunha da ideologia positivista conhecida como positivismo<sup>45</sup>. A base teórica do positivismo encontra-se em três pontos:

(1) todo conhecimento do mundo material decorre dos dados “positivos” da experiência, e é somente a eles que o investigador deve ater-se; (2) existe um âmbito puramente formal, no qual se relacionam as ideias, que é o da lógica pura e da matemática; e (3) todo conhecimento dito “transcendente” — metafísica, teologia e especulação acrítica — que se situa além de qualquer possibilidade de verificação prática, deve ser descartado (Encyclopaedia Britanica do Brasil, 1998).

---

<sup>43</sup> A especialização das ciências. “Disciplinas específicas como Física, Química, Matemática, Biologia, Geografia, História, Sociologia, Psicologia, Psicanálise, e assim por diante, foram desligadas da Filosofia e da Teologia, dando início ao saber especializado. Desse modo, a Filosofia e a Teologia perderam terreno para as novas formas de saber, que se tornaram autônomas” (SILVA, 2009, p. 57).

<sup>44</sup> Posição religiosa e filosófica que nega a existência de Deus.

<sup>45</sup> Ideologia filosófica fundada no século 19 por Auguste Comte. Defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. Desconsiderando todo e qualquer conhecimento que não puder ser comprovado empiricamente. Combateu as abstrações teológicas e metafísicas enfatizando o valor da ciência pelo método experimental.

O francês Auguste Comte<sup>46</sup>, considerado um dos pioneiros no empreendimento de colocar a ciência moderna no topo do conhecimento humano, bem acima da metafísica e da religião, consideradas por ele formas inferiores de apreensão da realidade, uma vez que tais áreas do conhecimento não conseguiam demonstrar suas afirmações por meio do método experimental.

### 3.1.4 Século 20

é marcado por grandes crises. A crise do Iluminismo<sup>47</sup> e a crise do Liberalismo<sup>48</sup>, que atinge seu ápice com a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929. Com o advento de duas grandes guerras: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), instala-se uma onda de pessimismo em relação à ideologia de progresso apregoada com tanta veemência pelo positivismo. A partir de então, fala-se na crise da modernidade. É nesse século que o mundo testemunha duas grandes guerras, o avanço do nazi-fascismo, os horrores do holocausto e, lamentavelmente, o mundo conhece o poder da bomba nuclear. Nesse contexto percebe-se a ciência a serviço do poder e da técnica, colocando toda a humanidade em risco. As ciências recebem severas críticas advindas de vários segmentos da sociedade moderna. Muitos intelectuais começam a questionar o papel da ciência no mundo, como foi o caso da Escola de Frankfurt<sup>49</sup>. Todos esses eventos iriam também marcar a relação entre ciência e

---

<sup>46</sup> Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857), fundador da sociologia e do positivismo. Suas ideias positivistas alcançaram o Brasil. Seu pensamento positivista influenciou a Proclamação da República no Brasil e a separação entre igreja/religião e Estado. O lema “Ordem e progresso”, inscrito na bandeira nacional brasileira, teve inspiração em sua filosofia positivista de uma sociedade exemplar que teria “o amor como princípio, a ordem como base e o progresso como fim”.

<sup>47</sup> Acreditava-se que Iluminismo traria saber e paz para a humanidade, mas um século depois da Revolução Científica constatou-se que isso não foi possível. Ao invés disso, percebeu-se uma relação entre a ciência e o poder.

<sup>48</sup> Em síntese, o liberalismo refere-se às doutrinas políticas e econômicas que visavam à limitação do poder estatal em benefício da liberdade total do indivíduo. Foi a luta da burguesia intelectual contra a nobreza e o clero. As ideias liberais são formuladas na Europa entre os séculos 17 e 19, fundamentadas nas teorias racionalistas e empiristas do Iluminismo e na expansão econômica gerada pela industrialização. Contrapõe-se à ordem feudal e aos Estados absolutistas e mercantilistas da época, em favor da instituição de governos constitucionais baseados na livre concorrência do mercado econômico. Tais posições estão vinculadas ao desenvolvimento do capitalismo e à ascensão da classe burguesa, principal protagonista desse processo histórico, que até então estava ausente do poder político. O liberalismo, a partir do século 18, converteu-se na ideologia da burguesia contra as estruturas oponentes à livre atuação do mercado econômico e à participação da sociedade na configuração do estado, impregnando profundamente os princípios políticos das sociedades modernas. A célebre máxima “*Laissez faire, laissez passer: le monde va de lui même*” (deixa fazer, deixa passar: o mundo anda por si mesmo) explica o espírito liberal que dominou a Europa entre os séculos 17 e 19.

<sup>49</sup> Corrente filosófica de origem alemã de mesmo nome da cidade onde surgiu o movimento na década de 1930. Seus principais integrantes eram membros do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt. Entre eles havia filósofos, psicólogos e economistas, os quais investiram rigorosas críticas às sociedades industrializadas, questionando o pseudocaráter emancipador do Iluminismo e da ciência moderna. Denunciavam uma “indústria cultural” a serviço do capitalismo, a fim de anular todo o pensamento crítico e um possível movimento de

religião. Concomitante a tudo isso, surge no cenário religioso o fundamentalismo protestante, questionando e se opondo a algumas afirmações da ciência moderna, utilizando-se desta de forma seletiva, concordando apenas em alguns pontos, pois, mesmo mostrando-se antimodernistas em seus discursos, os fundamentalistas convenientemente se utilizam dos recursos da ciência moderna. “De modo aparentemente contraditório, o movimento se expandiu com o auxílio de avançados meios tecnológicos de comunicação de massa, aumentando sua influência política” (SILVA, 2009, p. 162).

Assim como a religião foi questionada a partir do advento da ciência moderna, agora a própria ciência moderna passava a ser questionada. Nesse período algumas descobertas científicas colocavam em xeque grande parte das ideias religiosas clássicas. Alguns eruditos defenderam a tradição cristã e suas doutrinas clássicas, mas outros a rejeitaram. Outros nem defenderam, nem rejeitaram, mas reformularam os conceitos antigos tendo como parâmetro abalizador a ciência, que, pela primeira vez, auxiliava e embasava a religião. É nesse período que é publicada a obra de cunho apologético *Os fundamentos*. A partir daí já se fala de protestantes fundamentalistas.

## **3.2 A discussão sobre a relação entre ciência moderna e religião em uma perspectiva histórica**

### ***3.2.1 Ciência moderna e religião na perspectiva russelliana***

Na perspectiva de Bertrand Russell, a relação entre religião e ciência não é uma relação amigável, mas sim uma relação de conflito que tem como fonte intelectual as crenças, e aqueles que ousaram questionar tais crenças tiveram menor ganho espiritual. O conflito teria estabelecido um vencedor e um perdedor, que, nesse caso, seria a religião. Russell enfatiza um aspecto teórico da ciência afirmando que “A ciência é a tentativa de descobrir em primeiro lugar, através da observação e raciocínio, certos fatos sobre o mundo e conseqüentemente as leis que conectam os fatos entre si e (nos casos bem sucedidos) tornando possível a previsão de ocorrências futuras” (RUSSELL, 2009, p. 1, 2). O autor de *Religião e ciência* conecta a este aspecto teórico da ciência a técnica científica. Em seu entendimento, a ciência “utiliza

---

transformação do regime. O mentor e diretor do Instituto foi Max Horkheimer, crítico do progresso econômico da época. Antipositivista e anticapitalista, enxergava tal progresso como uma nova forma de dominação cultural que promovia a massificação e a perda da individualidade. Ao invés de uma sociedade capitalista, Horkheimer propunha transformação para uma sociedade fundada na razão e na liberdade. Para ele, dessa forma seria assegurado o bem-estar de todos os cidadãos.

conhecimento científico para oferecer conforto e luxo que até então eram impossíveis, ou pelo menos muito mais dispendiosos na era pré-científica. Este último aspecto é o que confere grande valor à ciência, até mesmo para aqueles que não são cientistas” (RUSSELL, 2009, p. 2). Esse aspecto atribuído à ciência como aquela que saiu vitoriosa relega à religião um papel secundário e quando fala desta, fala com ironia. Percebendo-se em uma era não mais orientada pela religião, mas sim pela ciência, Russell vê a religião como algo puramente pessoal, com chances de sobreviver tranquilamente na era científica, desde que se contente em não fazer afirmações que a ciência possa contestar. Para ele, tanto os governantes seculares como os clérigos tiveram bons motivos para temer o ensinamento revolucionário dos homens da ciência.

Uma afirmação de Russell que vai de encontro com os protestantes fundamentalistas é que a Bíblia até tem autoridade, mas apenas nas questões de religião e nos princípios morais. Enquanto que os fundamentalistas afirmam que a Bíblia condena o homem e todas suas obras e que “Ela não louva a sabedoria, a razão, a arte, ou qualquer progresso que ele tenha feito; além disso, ela o retrata como um ser que aos olhos de Deus é um pecador miserável, impossibilitado de fazer qualquer bem, e merecedor apenas da morte e da perdição eterna”. Ainda para os fundamentalistas, “a Bíblia exalta a si mesma bem acima de todos os outros livros meramente humanos...” (TORREY, 2005, p. 31).

### ***3.2.2 Ciência moderna em oposição à religião***

Para Russell, muito da crença do cristianismo passou a ser desnecessária após a Idade Média. “Atualmente, homens e mulheres religiosos vêm sentindo que muito da crença do Cristianismo, como existiu na Idade Média, é desnecessária, e na verdade, um mero impedimento para a vida religiosa” (RUSSELL, 2009, p. 3). Argumenta que, se alguém antes do advento da ciência perguntasse à autoridade cristã por que não deveria cometer assassinato, a resposta jamais deveria ser “porque você seria enforcado”. Seria uma resposta possível, mas, inadequada, pois “o enforcamento necessitava de uma justificação” (RUSSELL, 2009, p. 4). Como os métodos de investigação policial da época eram ineficazes, e muitos assassinos ficavam na impunidade, a resposta então seria “o assassinato é condenado pelos Dez Mandamentos, revelados por Deus à Moisés no Monte Sinai” (RUSSELL, 2009, p. 4). O criminoso que escapasse da justiça terrena recairia na justiça divina, um castigo infinitamente mais terrível que a força. Essa seria a lógica da religião, autoridade nas Escrituras Sagradas. Quando a Bíblia dá a entender que o Sol é quem se move em relação à Terra, argumento algum deveria contrariá-la. Esse foi o problema do italiano Galileu Galilei (1564-1642), quando

afirmou que a Terra é que se move em relação ao Sol e não o contrário, como era entendido até então. Concordar com Galilei ou com a ciência significava correr o risco de encorajamento de assassinos e malfeitores a questionarem os princípios bíblicos norteadores dos bons costumes e da moral necessária para a sociedade daquela época. Significava abrir precedentes ao não temor da ira e da justiça divina, já que a mão da justiça terrena poderia não alcançá-los. Dessa forma, a fé cristã assumia um papel social como abalizadora dos bons costumes e coibidora dos malefícios advindos da humanidade. Segundo Russell, nessa visão do homem instruído da Idade Média, havia uma unidade lógica, mas que fora perdida.

De acordo com Russell, há diferenças notáveis entre uma crença religiosa e uma teoria científica. Enquanto a religião alega a incorporação plena de uma verdade eterna, a ciência é sempre experimental. Na ciência são esperadas modificações de suas teorias atuais, pois os métodos científicos são incapazes de alcançar uma demonstração final e completa (RUSSELL, 2009, p. 6). “Numa ciência avançada, as mudanças necessárias são geralmente aquelas que servem para se chegar a uma precisão ligeiramente maior” (RUSSELL, 2009, p. 6). Quanto às teorias antigas, estas permanecem aproveitáveis apenas no que aproximações inexatas estão envolvidas, mas chegam a ser mal sucedidas quando novas exatidões de observação se tornam possíveis. Observa-se então que a ciência “encoraja o abandono da busca pela verdade absoluta e a substituição do que pode ser chamado de verdade ‘técnica’, que pertence a qualquer teoria que pode ser empregada com êxito em invenções ou na previsão do futuro” (RUSSELL, 2009, p. 7). Diferentemente da crença religiosa, a verdade técnica é uma questão de grau, mais verdadeira ou menos verdadeira, pois, “quanto mais invenções e predições bem sucedidas houverem, mais verdadeira é a teoria” (RUSSELL, 2009, p. 7).

Os argumentos de Bertrand Russell apresentados acima, seguindo o viés da ciência moderna, lança um olhar científico para a religião apresentando uma relação entre elas. O olhar de Russell necessariamente recai em uma ideologia, pois de forma alguma é um argumento/discurso imparcial ou despretensioso, mesmo tratando-se de um discurso científico em sua lógica argumentativa. Para Mészáros, há um mito sobre a neutralidade ideológica, mas segundo ele, “todas as aparências de neutralidade ideológica só podem agravar nossos problemas quando a necessidade da ideologia é inevitável” (MÉSZÁROS, 2012, p. 13).

Talvez a mais eficaz das maneiras pela qual os compromissos de valor são apresentados com a pretensão de neutralidade e incontestável objetividade seja o apelo à autoridade da ciência, em cujo nome a adoção de certas medidas

e cursos de ação é recomendada. Isto se tornou particularmente pronunciado no século XX, embora as raízes desta atitude estejam num passado mais remoto. Para ser mais preciso, remontam pelo menos à ascensão do positivismo na primeira metade do século XIX, e talvez até antes (MÉSZÁROS, 2012, p. 246).

Uma vez que a necessidade das ideologias é inevitável, precisa-se descobri-las e analisá-las. Mészáros diz que em nossa sociedade ocidental as ideologias dominam e determinam os valores sociais de tal forma que “frequentemente não temos a mais leve suspeita de que fomos levados a aceitar, sem questionamento, um determinado conjunto de valores ao qual se poderia opor uma posição alternativa bem fundamentada” (MÉSZÁROS, 2012, p. 58). No caso de Bertrand Russell, primeiramente lembremos que ele enxerga na relação entre religião e ciência uma relação de conflito. Segundo ele, “Sempre houve um longo conflito entre religião e ciência, e nos últimos anos, a ciência tem se saído invariavelmente vitoriosa” (RUSSELL, 2009, p. 7). Percebe-se que há uma expectativa de sua parte sobre um possível vencedor desse conflito, que, para ele, até então tem sido a ciência. Na relação comparativa estabelecida por ele, a vantagem está do lado da ciência. Esta, com frequência, tem apresentado seus valores e vantagens conferidas à humanidade, como as técnicas científicas utilizadas na agricultura, na medicina, na indústria, e em muitos ambientes da sociedade. Quanto à religião, Bertrand a relega a um papel secundário como, por exemplo, a capacidade de influenciar as questões éticas e morais capazes de inibir crimes.

O que nem sempre se percebe é que por trás de um discurso há outros discursos velados que são de interesse daqueles que os proferem. Tais expedientes são passíveis de análise e observações críticas, como sugere a ADC. A origem das ideologias está no fato de sermos sujeitos sociais dotados de uma consciência social que desperta sempre que há conflitos de interesses entre as classes sociais na relação de força e poder. Por exemplo, privilégio de uma classe em relação à outra. Ideologia, na concepção de Mészáros, é “a consciência prática inevitável das sociedades de classe, articulada de modo tal que os membros das forças sociais opostas possam se tornar conscientes de seus conflitos materialmente fundados e lutar por eles” (MÉSZÁROS, 2012, p. 327). Entre as classes sociais sempre haverá uma ideologia dominante e a mudança ideológica ocorrerá através dos conflitos ideológicos. Na Idade Média a ideologia dominante fica por muito tempo nas mãos da Igreja, depois entra em conflito com a coroa, que passa a dominar até o surgimento de uma nova classe, a classe burguesa. O discurso dominante ou hegemônico ou ainda discurso ideológico dominante se estabelece precisamente em seu

“apelo tranquilizador à ‘unidade’ e às preocupações a ela associadas” (MÉSZÁROS, 2012, p. 328). O discurso dominante tem aspirações legitimadoras apriorísticas, mas que visam a seus próprios interesses, mesmo que apresente um discurso de interesse geral da sociedade. Para isso, desenvolve-se o que Mézszáros denomina de “culto à unidade” e do “equilíbrio adequado”, “mesmo que — particularmente em épocas de crises importantes — isso não represente mais do que retórica vazia quando contraposto ao princípio operativo real de *dividir para reinar*” (MÉSZÁROS, 2012, p. 328).

A ciência moderna se estabelece como ideologia emancipadora. Como exemplo dessa ideologia cabe o discurso de Immanuel Kant, quando afirmou que os tempos de racionalidade significavam a emancipação da humanidade de sua menoridade culpada. Essa proposta é um convite a um novo tempo de recomeços rumo a um status nunca atingido antes. Aí está estabelecida uma ideologia. Mézszáros chama a atenção para o fato de que, na segunda metade do século 18, poucas décadas antes do positivismo, estabeleceu-se o clímax do envolvimento positivo da ciência moderna em sua grande luta de emancipação, combatendo outras ideologias anteriores, segundo ele “contra as formas anteriores de controle ideológico obscurantista e interferência no desenvolvimento das forças produtivas” (MÉSZÁROS, 2012, p. 246). Contribuindo assim para a vitória do Iluminismo que, por sua vez, limpa terreno para o desenvolvimento prático da Revolução Industrial. A dimensão prática material da ideologia é crucial para seu estabelecimento. Na Idade Média era muito comum se recorrer à igreja buscando auxílio às dificuldades enfrentadas na agricultura, tais como: enchentes, secas, pragas e outros males. Com a chegada das ciências modernas, aos poucos o crédito vai se deslocando da religião para a ciência. Isto se dá por causa dimensão prática da ciência, como a utilização de pesticidas, adubos, correção de solo, previsão do tempo, entre outros. Por muito tempo atribuiu-se à ciência o status de benéfica, mas, após as duas grandes guerras mundiais, passou-se a questionar os avanços da ciência, estabelecendo-se assim outras ideologias.

### ***3.2.3 Ciência moderna versus religião – a origem do conflito***

Na Idade Média, os escolásticos, herdeiros dos conceitos gregos, colocavam a Bíblia, os dogmas e quase igualmente, os ensinamentos de Aristóteles acima de qualquer julgamento. Tanto o pensamento original como a investigação dos fatos não deviam ultrapassar os limites estabelecidos pelas fronteiras imutáveis do arrojo especulativo. Questões como: os polos são habitados? Júpiter possui satélites, etc., foram respondidas não por observação, como preconiza

a ciência moderna, ou por meio das Escrituras Sagradas, mas por dedução aristotélica. Russell entende que “O conflito entre a teologia e a ciência foi tão grande quanto o conflito entre a autoridade e a observação” (RUSSELL, 2009, p. 7). O conflito se estabelece no momento em que os homens da ciência deixam de acatar determinadas afirmações apenas porque clérigos proeminentes as consideravam verdadeiras. Eles apelaram para a evidência do sentido. Passaram a confirmar apenas as doutrinas que passavam pelo viés das ciências, ou seja, que estavam embasadas em fatos e que fossem patentes a todos que desejassem fazer as observações necessárias. Trata-se de um novo método capaz de conferir as afirmações das autoridades eclesiásticas. Esse novo método alcançou notável sucesso, tanto teórico quanto prático. A partir daí “a teologia foi aos poucos forçada a se acomodar à ciência”. (RUSSELL, 2009, p. 8). A partir do método utilizado pela ciência, os textos bíblicos “inoportunos”, segundo Russell, passam a ser interpretados de forma alegórica ou figurativamente. Nesse contexto histórico, a cristandade no Ocidente conta com dois ramos cristãos distintos, católicos e protestantes, cada um com suas particularidades quanto ao modo de pensar as questões religiosas. Para os católicos a autoridade papal é ponto pacífico. Entre os protestantes há um deslocamento da figura da autoridade religiosa. Eles teriam transferido a posição de autoridade religiosa primeiro da Igreja para a Bíblia e depois para a alma individual. E assim “Pouco a pouco, reconheceu-se que a vida religiosa não depende efetivamente de afirmações, como por exemplo, a existência histórica de Adão e Eva” (RUSSELL, 2009, p. 8).

Russell identifica um aspecto da vida religiosa que é a importância da experiência pessoal — para ele, talvez o mais desejado —, que independe das descobertas da ciência e tem chances de sobreviver à crença quanto à natureza do universo. É quando a religião vai além da associação com as crenças e com as igrejas e alcança a vida pessoal daqueles que sentiram sua importância.

O homem que sente profundamente os problemas da vida humana, que possui o desejo de diminuir os sofrimentos da humanidade e tem esperança de que o futuro trará as melhores possibilidades para nossa espécie, é frequentemente visto como aquele que possui uma visão religiosa, mas que pouco aceita o Cristianismo tradicional (RUSSELL, 2009, p. 8).

O declínio do dogma, assim compreendido por Russell, pode, do ponto de vista psicológico, tornar-se um sentimento, mesmo que temporariamente, mais difícil, uma vez que ficou tão intimamente associado à crença teológica. No entanto, segundo ele, esta dificuldade

não precisa durar para sempre. Ele toma como exemplo aqueles a quem chama de “livres pensadores”. Estes, em suas vidas pessoais, deram prova de que esta forma de sentir não precisa necessariamente estar ligada a uma crença, pois verdade alguma insuperável poderia estar enredada às crenças sem fundamento. “Se a religião passa a ser uma forma de sentir e não somente um conjunto de crenças, a ciência não pode alcançá-la (RUSSELL, 2009, p. 8).

### **3.2.4 Ciência moderna e teologia – a primeira batalha**

Russell destaca a importância e a influência da teologia na Idade Média para a compreensão dos embates entre religião e ciência. Entende que tal teologia, por ser um sistema lógico e único, com pretensões de imutabilidade, não podia se omitir de dar opiniões claras e definidas sobre quase tudo. Tal postura implicava em conflitos com aquela que o tempo todo estava se pronunciando em relação às grandes perguntas da humanidade, a ciência moderna. Diante dos conflitos estabelecidos entre teologia e ciência moderna, Russell tece críticas severas à teologia. Argumenta que “Devido à antiguidade da teologia, grande parte disto era apenas ignorância organizada, dando uma fragrância de santidade aos erros que não teriam sobrevivido numa época mais instruída” (RUSSELL, 2009, p. 29). Em relação aos cometas, por exemplo, na época afirmava-se que tudo que estava acima da atmosfera da Terra era indestrutível.

Para Bertrand Russell, a primeira e mais marcante batalha sombria entre a teologia e a ciência se deu no século XVI a partir da controvérsia astronômica, sob alguns aspectos, considerado o mais marcante conflito. Aponta o Copernicanismo como o marco histórico do embate entre ciência e teologia. Para ele, as sucessivas descobertas científicas levaram os cristãos a abandonarem suas crenças medievais, antes consideradas partes integrantes da fé cristã (RUSSELL, 2009, p. 130).

A controvérsia girou em torno da disputa entre ser a Terra ou o Sol o centro do Universo. O modelo adotado pela igreja — na época, autoridade também nesses assuntos —, foi o modelo de Ptolomeu (c. 130 d.C.), que adotava a Terra como centro imóvel do Universo. O Sol, a Lua, os planetas e o sistema de estrelas fixas, todos girariam ao redor da Terra. Esse modelo perdurou por toda a Antiguidade até a Idade Média. Com o advento da descoberta copernicana, referência a Copérnico (1473-1543), — autor da famosa obra *Sobre as revoluções dos corpos celestes*, e idealizador do novo sistema —, a Terra perde seu status de centro imóvel do Universo e lhe é atribuído não apenas um, mas dois movimentos, o de rotação, girando em seu próprio eixo uma vez ao dia, e o de translação, girando em torno do Sol uma vez ao ano.

Essa batalha venceu, mesmo que momentaneamente, a religião, representada pelo tribunal da Santa Inquisição. Ficou decretado que a afirmação de que “o Sol é o centro e não gira em torno da Terra, é tola, absurda e falsa na teologia, e também herética, pois é expressamente contrária à Sagrada Escritura” (RUSSELL, 2009, p. 49). Também a segunda afirmação, de que “a Terra não é o centro, mas gira em torno do Sol, é absurda, falsa na filosofia e, de um ponto de vista teológico, pelo menos, contraria à verdadeira fé” (RUSSELL, 2009, p. 24). O resultado foi que em 26 de fevereiro de 1616, por ordem papal, Galileu Galilei foi obrigado a se apresentar diante da Inquisição e confessar seus “erros”. Prometeu solenemente que não mais sustentaria ou ensinaria a teoria copernicana, nem mesmo escreveria a respeito. Galilei não teve outra opção, pois dezesseis anos antes, Giordano Bruno (1548-1600) fora queimado vivo para servir de exemplo a quem ousasse questionar os ensinamentos da Igreja. Sete anos depois, em 1623, o Cardeal Barberini, amigo de Galilei torna-se papa sob o título de Urbano VIII. Galileu Galilei retoma a discussão que ficara pendente na confiança de não ser incomodado pela autoridade papal, esperando obter proteção do amigo. Em 1630 conclui uma obra intitulada *Diálogos sobre os dois maiores sistemas do mundo*. A obra faz o maior sucesso na Europa e passa a ser lido e aplaudido no meio científico. Não demora muito para que algumas autoridades eclesiásticas se voltem outra vez contra o cientista. O jesuíta padre Melchior Inchofer alegava que “a opinião do movimento da Terra é a mais abominável de todas as heresias, a mais perniciosa, a mais escandalosa; a imobilização da Terra é triplamente sagrada” dizia ainda “o argumento contra a imortalidade da alma, a existência de Deus e a encarnação deveriam ser aceitas mais rapidamente do que um argumento que prove que a Terra gira”. (RUSSELL, 2009, p. 25). Até aqui as controvérsias se deram no âmbito católico, mas lembremos que a partir de 1517 surgiu outro ramo do cristianismo, que foi o protestantismo. Este também tinha as suas crenças e dificuldades quanto às afirmações da ciência.

### ***3.2.5 Ciência moderna e a reação protestante à astronomia***

Não foram apenas os católicos que se opuseram às novas teorias sobre o centro do Universo. Anteriormente, o contexto das controvérsias se deu no âmbito católico, mas Russell chama a atenção para o fato de que inicialmente os protestantes não foram mais simpáticos às novas teorias da astronomia do que os católicos. Apesar da oposição protestante ter sido de fato menos efetiva, lembra-nos que o mais forte instrumento de repressão contra as teorias astronômicas era católico, a Inquisição. “Não havia entidade mais forte do que a Inquisição

para impor a ortodoxia nos países protestantes; além disso, a diversidade de seitas tornou a perseguição difícil, pois as guerras da religião tornavam desejável uma ‘frente unida’” (RUSSELL, 2009, p. 27). Um ponto importante a ser considerada é o fato de as igrejas protestantes não terem pleiteado posição de infalibilidade como fez a igreja católica. Na compreensão de Russell, “Não há dúvida de que o clero, se tivesse tido poder, o teria usado para impedir a disseminação do Copernicanismo” (RUSSELL, 2009, p. 28) Ele também chama a atenção para um fato ocorrido em St. Louis no final de 1873, quando um ex-presidente do Seminário de Professores Luteranos Americanos publicou um livro sobre astronomia, explicando que “a verdade deveria ser buscada na Bíblia, não nos trabalhos dos astrônomos, e, sendo assim, os ensinamentos de Copérnico, Galileu, Newton e seus sucessores deveriam ser rejeitados” (RUSSELL, 2009, p. 27). Russell classificou esse tipo de protesto como tardio e patético. Os protestantes eram, portanto, quase mais intolerantes contra Ptolomeu do que os católicos. Lutero, o líder da Reforma Protestante chegou a dizer que

As pessoas dão ouvidos a um arrogante astrólogo que se empenhou em mostrar que a Terra gira, não o céu, o firmamento, o Sol e a Lua. Quem deseja parecer ser sábio, deve apresentar um sistema novo, melhor do que todos os existentes. Este tolo deseja alterar completamente toda a ciência da astronomia, mas a Sagrada Escritura nos diz que Josué ordenou que o Sol parasse, e não a Terra (Lutero *apud* Russell, 2009, p. 14).

Calvino também deu seu parecer a respeito da controvérsia: “O mundo também está imóvel e não pode ser movido [...] Quem ousará colocar a autoridade de Copérnico acima do Espírito Santo?”. John Wesley, no final do século XVIII, foi um pouco mais contido, no entanto afirmou que “As novas doutrinas na astronomia ‘tendem à infidelidade’” (RUSSELL, 2009, p. 14). Bertrand Russell vê os propósitos de Deus na criação do Universo com desconfiança. Segundo ele, “parecem ter sido concebidos em relação aos seres humanos”. Agora que a Terra fora destronada de seu status de centro imóvel do Universo, conseqüentemente há também uma destronização do homem em relação à sua importância no imenso Universo.

Quando se soube mais tarde que nossa Terra é pequena comparada a vários planetas e que estes são pequenos comparados ao Sol, quando os cálculos e o telescópio revelaram a vastidão do sistema solar, da nossa galáxia, e finalmente do Universo de inúmeras galáxias — tornou-se imensamente difícil acreditar que este refúgio remoto e limitado poderia ter importância

apenas por ser o lar do Homem, caso o Homem tivesse a significância cósmica atribuída a ele na teologia tradicional (RUSSELL, 2009, p. 15).

A compreensão que a cristandade tinha até então do Universo estava totalmente imersa na crença de um cosmos formado em seis dias, conforme a interpretação literal do livro de Gênesis na Bíblia Sagrada. O mundo havia sido criado perfeito, mas com o advento do pecado (Gênesis 3), por meio de Adão e Eva, após terem desobedecido a Deus e provado o fruto proibido, houve consequências, houve desordem na criação e no Universo, o que explicaria as catástrofes naturais e toda sorte de doenças que atinge os seres vivos. Animais passaram a se alimentar de outros animais, a natureza passou a cultivar ervas daninhas e espinhos, antes inexistentes. Surgiram as diferenças climáticas e o solo, tendo sido amaldiçoado, dificultaria sobremaneira a relação dos homens com este: os homens agora teriam que trabalhar e derramar o suor do rosto para sobreviver. As mulheres passaram a dar a luz com dores, e consequentemente os animais também. Ainda em consequência do pecado, a humanidade tornou-se má ao ponto de Deus destruir a todos, com exceção da família de Noé e os animais que ele conduziu na arca. Mesmo depois da repovoação a partir da família de Noé, não houve mudanças significativas que justificassem o dilúvio, pois a humanidade não se tornou melhor, mas essa era a compreensão que se tinha do Universo supostamente criado por um Deus todopoderoso. Tudo isso se concebia como fatos, inclusive chegou-se a calcular a idade da Terra baseando-se na genealogia apresentada no livro de Gênesis. “Mas por fim a Cristandade Protestante em geral aceitou a data de 4004 AC, fixada pelo Arcebispo Usher” (RUSSELL, 2009, p. 35). Esses estudos baseados nas genealogias bíblicas deram asas à imaginação de muitos estudiosos. O Dr. John Lightfoot (1602-1675), vice-chanceler da Universidade de Cambridge, não apenas acatou os estudos do Arcebispo James Usher (1581-1656), — arcebispo de Armagh e autor da obra *The annals of the world* (Os anais do mundo), como sugeriu uma precisão ainda maior. Segundo ele, o Universo teria sido criado às 9 horas da manhã do dia 23 de outubro.

Isto, entretanto, nunca foi objeto de fé, e pode-se acreditar, sem correr o risco de heresia, que Adão e Eva vieram à existência em 16 de Outubro ou 30 de Outubro, contanto que as razões sejam provenientes do Gênesis. O dia da semana, como todos sabem, foi sexta-feira, já que Deus descansou no sábado (RUSSELL, 2009, p. 35).

Esse era o contexto das crenças sobre a origem do Universo na época de Bertrand Russell. Com o tempo, grupos protestantes foram se subdividindo em outras denominações e

elaborando suas próprias teorias. No entanto, ainda hoje, muitos grupos protestantes mantêm a crença em um Universo criado conforme a leitura literal dos primeiros capítulos de Gênesis, como é o caso dos fundamentalistas. Primeiro, faz um pseudoconvite aos cristãos para que acreditem que Adão e Eva vieram à existência em 16 ou 30 de outubro. Continua ele: contanto que as razões tenham origem no livro de Gênesis, no livro sagrado dos cristãos. Conclui sua ironia afirmando que todos sabem que o dia exato da semana é uma sexta-feira, uma vez que Deus descansou no sábado.

O que chama a atenção aqui não é tanto o contexto, nem tampouco as crenças específicas sobre a origem do Universo, mas sim as afirmações de Russell. Geralmente, espera-se de um cientista um discurso equilibrado, sério e numa linguagem direta e formal. Russell, ao comentar sobre a origem do Universo apresentada pelas deficientes e incompletas teorias mencionadas acima, e mais especificamente sobre os primeiros seres humanos, segundo o relato Bíblico de Adão e Eva no livro de Gênesis, faz uso de um recurso literário utilizado na Análise do Discurso Crítica mencionado por Fairclough, a ironia.

Esse é um recurso para ser utilizado com cautela, sob a pena de se iniciar um conflito desnecessário, como os ocorridos entre fundamentalistas muçulmanos e o jornal dinamarquês Jyllands-Posten, em setembro de 2005, por ter publicado doze charges com caricaturas do profeta Maomé. Para o religioso, seus artigos de fé estão na ordem do sublime, estão para além da compreensão humana e dos limites da razão. Como diz Paul Tillich, “a verdade da fé consiste da verdade dos símbolos para aquilo que nos toca incondicionalmente” (TILLICH, 1996, p. 60)<sup>50</sup>.

É fato que o mundo cristão também fez caricaturas de Charles Darwin peludo, parecendo um macaco, ironizando sua Teoria da Evolução, que sugeria que o ser humano teria uma ascendência genealógica entre primatas. Esse é um conflito infeliz que foge das regras de civilidade, correndo o risco de se estabelecer conflitos mais sérios. Paul Tillich, em sua sabedoria, diz que “O caráter paradoxal da mensagem cristã não é uma ‘ofensa’ às leis do discurso inteligível, mas à interpretação habitual do ser humano com respeito a si mesmo, a seu mundo e à realidade última subjacente a ambos” (TILLICH, 2005, p. 383)<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> TILLICH, Paul. Dinâmica da Fé. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

<sup>51</sup> TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

### 3.3 A discussão russelliana sobre a relação entre ciências específicas e religião

#### 3.3.1 *Biologia – Teoria da Evolução e a religião*

As controvérsias entre religião e ciência surgidas na astronomia, sem dúvida foram marcantes para a história desses dois magistérios. Mas outro conflito que não ficou atrás diz respeito a doutrina da evolução, que para Russell, “apesar de ter começado na astronomia, teve maior importância científica na geologia e biologia, onde também precisou contender com preconceitos teológicos mais obstinados do que aqueles contra a astronomia após a vitória do sistema Copernicano” (RUSSELL, 2009, p. 34).

Subsequente ao avanço da geologia, entra em cena no cenário científico outra ciência que também traria discussões acirradas entre religião e ciência: tratava-se da biologia, principalmente devido ao grande número de fósseis de animais extintos encontrados na natureza. Quanto à antiguidade do mundo, a teologia até poderia concordar com a geologia que os seis “dias” poderiam ser interpretados como seis “períodos” ou eras geológicas. Que é a Teoria da Terra Antiga<sup>52</sup> em oposição à Teoria da Terra Jovem<sup>53</sup>, que defende a idade da Terra entre 4 a 6 mil anos apenas, conforme posição defendida pelo arcebispo Usher. Mas em relação à vida animal, a teologia tinha um grande problema a resolver ou conciliar com a biologia. A crença vigente era de que os animais só se tornaram predadores após o pecado original. E os animais atuais pertenciam às espécies preservadas na arca de Noé<sup>54</sup>. Quanto às espécies extintas, elas teriam sido afogadas durante o dilúvio descrito em Gênesis capítulo 2. Afirmava-se que as espécies eram imutáveis e cada uma delas fora criada por Deus em separado. Contradizer tais afirmações dignificava despertar a hostilidade dos teólogos.

Quando a América foi descoberta, algumas dificuldades começaram a surgir. Se todos os animais existentes pertencem a espécies representadas na arca, como explicar novas espécies encontradas no novo continente? Como eles teriam se deslocado para tão longe sem deixar exemplares pelo caminho? Foi aventada a hipótese dos marinheiros terem transportado esses animais. Seria uma possibilidade. Em 1590, o jesuíta José Acosta coloca mais lenha na fogueira ao fazer algumas perguntas em sua obra *A História Natural e Moral das Índias*.

---

<sup>52</sup> Este é o posicionamento dos cientistas em geral. Sugere-se 13,8 bilhões de anos para o Universo e 4,5 bilhões para o planeta Terra.

<sup>53</sup> Posição defendida pelo físico brasileiro Adauto Lourenço, autor de várias obras relacionadas ao criacionismo, entre elas, *Gênesis 1 & 2; A igreja e o criacionismo; Como tudo começou*.

<sup>54</sup> “Este ponto de vista não era dos mais fáceis. Santo Agostinho confessou não entender porque Deus havia criado as moscas. Lutero, mais ousadamente, decidiu que elas haviam sido criadas pelo Diabo a fim de distraí-lo enquanto ele escrevia bons livros. Esta última crença é certamente plausível” (RUSSELL, 2009, p. 45).

Quem pode imaginar que, em tão longa viagem, os homens se sacrificariam para carregar raposas ao Peru, especialmente as do tipo denominadas “acias” que são as mais asquerosas que já vi? Quem igualmente poderia dizer que tigres e leões foram levados? Realmente é algo para se rir quando se pensa a respeito. Sem a preocupação em carregar lobos e raposas e em sustentá-los no mar<sup>55</sup>, já era mais do que o suficiente lutar contra as tempestades, numa viagem tão longa e desconhecida, ainda escapando vivos (RUSSELL, 2009, p. 45, 46).

Com o descobrimento da Austrália também vieram as mesmas perguntas, agora relacionadas com os cangurus. Perguntava-se por que os cangurus encontrados na Austrália teriam atravessado o Estreito de Torres e nenhum deles ficou para trás? “Nesta época, o progresso da Biologia tinha tornado difícil supor que o Sol e a lama tinham produzido um casal de cangurus, todavia alguma teoria semelhante se fazia mais necessária do que nunca” (RUSSELL, 2009, p. 46).

Tais questões levaram os teólogos a acreditar que as raposas mais repulsivas (acias) e outras feras difíceis de carregar tinham sido espontaneamente geradas da lama pela ação do Sol; mas infelizmente não há nenhuma insinuação disto no relato sobre a arca, mas para isso parecia não haver solução. Como poderia a preguiça, por exemplo, tão lenta em seus movimentos como seu nome já diz, ter alcançado a América do Sul, sendo originária do Monte Ararat? (RUSSELL, 2009, p. 46).

Questões como essas atormentaram as mentes dos homens religiosos em todo o século dezenove e eles cada vez mais perdiam terreno para as ciências modernas. Mesmo assim se esforçavam em dar uma resposta plausível a seus fiéis. Algumas explicações surgiram, mas geralmente eram pouco plausíveis. Além das hipóteses de alguns animais terem sido levados de um continente a outro por marinheiros, também se cogitou a possibilidade de alguns animais terem sido gerados a partir da lama pela ação do Sol.

### ***3.3.2 Zoologia – novos questionamentos à teologia***

E os problemas não pararam por aí. A cada dia surgiam novos questionamentos advindos das ciências modernas, que naturalmente iam colocando as explicações teológicas em xeque. Com o advento da zoologia, milhões de espécies tornaram-se conhecidas e, por dedução,

---

<sup>55</sup> “Citado por White em Batalhas da Ciência com a Teologia” (RUSSELL, 2009, p. 46).

surgiram mais questionamentos. “Os números na atualidade totalizam milhões, e se duas de cada espécie estivessem na arca, haveria ali então uma superlotação. Além disso, Adão havia dado os nomes a eles, o que lhe demandaria um grande esforço no início de sua vida” (RUSSELL, 2009, p. 46). Deduz-se daí que na arca de Noé houve uma superpopulação. A arca comportaria toda essa quantidade de animais? Se coube na arca, como aquela pequena família teria cuidado de tantos animais?

O naturalista francês Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, também conhecido como Chevalier de Lamarck (1744–1829), estudou medicina, física e meteorologia, e publicou em seu livro *Philosophie Zoologique* (1809) a teoria conhecida hoje por “lamarckismo”. Foi o primeiro biólogo a dar importância à doutrina da evolução. De certa forma, ele prepara o terreno para os estudos de Charles Darwin (1809–1882), que despontariam vinte anos depois. Para Russell, o darwinismo teria sido um golpe tão duro na teologia quanto o foi o copernicanismo. A ousada afirmação dos evolucionistas de que os homens descendiam de animais inferiores caiu como uma bomba no meio teológico. “Os teólogos e as pessoas incultas, na verdade, voltaram a atenção só para este aspecto da teoria. ‘Darwin diz que os homens são descendentes de macacos!’, o mundo exclamava em horror” (RUSSELL, 2009, p. 53). Em 1860, na Associação Britânica, um ano após o surgimento da *Origem das Espécies*, Samuel Wilberforce (1805-1873), bispo de Oxford, à época da Inglaterra vitoriana, protestou contra o darwinismo, mesmo sem embasamento científico, exclamando: “O princípio da seleção natural é absolutamente incompatível com a Palavra de Deus” (RUSSELL, 2009, p. 53). O historiador e ensaísta inglês Thomas Carlyle (1795-1881), deão da catedral de Chichester, em um sermão universitário, informou a Universidade de Oxford que “aqueles que se recusam a aceitar a história da criação de nossos ancestrais segundo sua clara intenção literal, e são a favor de sua substituição pelo sonho moderno da evolução, levam o plano inteiro da salvação do homem ao colapso”; Carlyle era um homem profundamente religioso e conservador. Como historiador, concebia a história como fruto da vontade divina e do heroísmo dos grandes homens. Na condição idealista conservador, defendia um retorno ao passado medieval. Referia-se a Charles Darwin como o “apóstolo do culto incrédulo”. (RUSSELL, 2009, p. 55).

Quando a teoria de Darwin foi exposta na obra *A origem das espécies*, publicada em 1859, William Ewart Gladstone (1809–1898), estadista e político liberal britânico, ministro inglês por quatro mandatos, expressou tamanha indignação. “Com base no que é denominado evolução, Deus está desobrigado do trabalho da criação; em nome de leis imutáveis, Ele está

deposto do governo do mundo”. (RUSSELL, 2009, p. 55). Em 1864, cinco anos após a publicação da *Origem das espécies* de Darwin, quando a Comissão Judicial do Conselho Privado inglês absolveu dois clérigos acusados de não acreditarem no juízo final, chegou a afirmar que, se o princípio do julgamento continuasse, dali por diante se estabeleceria uma “completa indiferença entre a fé cristã e a sua negação” (RUSSELL, 2009, p. 55). Gladstone, de certa forma, ilustra a postura das autoridades cristãs leigas e não científicas frente às questões da modernidade que conflitam com o entendimento religioso no final do século XIX.

### ***3.3.3 Ciência moderna e resquícios da Idade Média***

Os cientistas e intelectuais na modernidade tinham seus motivos para rejeitarem a postura científica da cristandade na Idade Média. Estes traziam consigo a crença na tradição cristã, incluindo principalmente os pais da igreja. A prevenção e a cura de doenças se davam por métodos supersticiosos. Gregório Nazianzeno (329–389) afirmava que “a medicina é inútil, mas a imposição de mãos santificadas é com frequência eficaz”; Santo Agostinho (354–460) defendia que “todas as doenças dos cristãos devem ser atribuídas a estes demônios; sobretudo atormentam deveras os cristãos recém-batizados, sim, até mesmo as inocentes crianças recém-nascidas” (RUSSELL, 2009, p. 59). Essa maneira de pensar chegou até a Idade Média, apenas questionada com o advento da Modernidade e conseqüentemente com o progresso de alguns setores da cristandade. A Reforma Protestante é um desses exemplos, pois apressou a descentralização do poder da igreja. A abertura às novidades dos tempos modernos de fato só seria efetuada com muito custo e a longo prazo. A efetivação de algumas ciências como astronomia, biologia, zoologia e medicina dariam o pontapé decisivo rumo à modernidade propriamente dita. A entrada na Idade Moderna não significou que não houvesse elementos religiosos e superstições emergindo o tempo inteiro. Como a crença cristã nas relíquias, que frutificou por um longo período durante a Idade Média e que adentrou a Idade Moderna. Um desses casos constata-se na relíquia dos ossos de Santa Rosália, nascida Rosalia Sinibaldi (1130–1160). Foi uma nobre virgem de Palermo (Sicília), tornada santa pela Igreja Católica. Segundo a tradição, operava a cura de doenças. Os ossos, os quais se dizia pertencerem à santa, foram considerados milagrosos, “mas quando examinados por um anatomista ateu, descobriu-se que eram ossos de um bode” (RUSSELL, 2009, p. 60).

Russell cita um exemplo no qual ele chama de “exemplo excepcionalmente completo”, que foi uma série de supostos milagres atribuídos ao missionário jesuíta Francisco Xavier,

amigo de Inácio de Loyola, considerado o primeiro e mais eminente dos missionários jesuítas no Oriente. Xavier foi missionário por muitos anos na Índia, China e Japão e morreu em 1552. Há muitas cartas suas, relatando seus trabalhos e de seus amigos missionários, mas nunca relatos de curas milagrosas. No entanto, logo após a sua morte, José de Acosta reporta que inúmeros relatos de milagres começaram a surgir. Alguns diziam que ele possuía o dom de línguas, outros afirmaram que ele transformou água do mar em água potável, outros ainda relataram que certa vez quando perdeu um crucifixo no mar, um caranguejo o recuperou. Em outra versão posterior, ele teria acalmado uma tempestade ao jogar o crucifixo no mar. Em 1622, no processo de sua canonização, sendo necessário provar alguns milagres realizados por ele, o Papa Urbano VIII, pontífice entre 1623 a 1644, garantiu oficialmente o dom de línguas e o “fato” de Xavier ter acendido lamparinas com água benta ao invés de óleo. Mas as lendas não pararam por aí. Em 1682, na bibliografia publicada pelo padre Bourhours, há relatos de que Xavier, agora santo, em vida havia ressuscitado quatorze pessoas. Cento e noventa anos após a primeira biografia, o padre jesuíta Coledidge, em 1872, também publica uma biografia de Francisco Xavier reafirmando o dom de línguas.

Russell chama-nos a atenção para dois fatos. O primeiro é que certas doenças podem ser curadas pela fé, como é o caso das doenças históricas<sup>56</sup> — doenças ou males da alma<sup>57</sup> —, originárias muitas vezes de patologias ou transtornos mentais. Segundo RUSSELL, as lendas das curas milagrosas logo se espalham e se ampliam eliminando a distinção entre doenças históricas das doenças físicas, que demandam um tratamento a partir do biológico ao invés do psíquico. O segundo fato é que “uma pequena evidência de fé poderia ser considerada um milagre em períodos em que os documentos eram menos numerosos...” (RUSSELL, 2009, p. 62). Russell lembra que, nesse período, tanto os católicos quanto os protestantes acreditavam em curas milagrosas. Na Inglaterra, por exemplo, havia doenças conhecidas como “o mal do rei”. Pessoas acometidas por tais males procuravam o rei para que este as tocasse. O rei Charles II, (1630–1685), que reinou de 1660 até 1685, chegou a tocar cerca de 100.000 pessoas.

---

<sup>56</sup> Atualmente denominada de transtorno de personalidade histriônica.

<sup>57</sup> Em reportagem apresentada pela Rede Globo de Televisão intitulada *Males da alma* no programa Fantástico iniciado em 21 de julho de 2013, consta que “Nos próximos 20 anos, de acordo com a previsão da Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão deve se tornar a doença mais comum do mundo, afetando mais pessoas do que qualquer outro problema de saúde. O médico Drauzio Varella afirma que: “São tantas pressões na vida moderna, que manter a racionalidade e o equilíbrio muitas vezes requerem malabarismos circenses”. <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/Males-da-alma/noticia/2013/01/drauzio-varella-estreia-nova-serie-males-da-alma.html> (Acesso em: 24 de Set. de 2013).

O cirurgião de Vossa Majestade publicou em relatório sessenta curas eficazes, e outro cirurgião testemunhou (assim afirma ele) centenas de curas decorrentes do toque do rei, várias das quais em casos que desafiavam os cirurgiões mais habilidosos. Existia um serviço especial no Livro das Preces destinado para ocasiões em que o rei exercia seus poderes miraculosos de cura. Estes poderes foram transmitidos com o passar do tempo para James II, William III e para a Rainha Anne, mas aparentemente não conseguiram sobreviver à sucessão hanoveriana<sup>58</sup> (p. 62).

É notável perceber que Bertrand Russell não despreza completamente a ideia de fé. Ele até reconhece sua importância sobre o indivíduo, ao afirmar que algumas doenças, como as doenças da mente, podem ser curadas por meio da fé. Na verdade, o que Russell rejeita e critica é o fato de se recorrer às práticas religiosas quando há meios científicos e precisos para lidar com as doenças, como é o caso da medicina.

### ***3.3.4 Medicina – sob o olhar da Igreja***

Para se entender as dificuldades presentes na modernidade quanto às superstições religiosas e crenças antigas, é necessário compreender algumas posturas cristãs daquela época. As terríveis epidemias e pestes frequentes na Idade Média costumavam ser atribuídas a demônios ou à ira de Deus. Em 1348, quando a peste negra ou peste bubônica assolou a Europa matando um terço da população, houve um surto de superstição dos mais variados tipos e em diversas localidades. Acreditava-se que Deus estava irado com a humanidade e por isso enviou tal castigo, portanto seria necessário aplacar a ira de Deus. “Um dos métodos favoritos para aplacar a ira de Deus era a destruição dos judeus. Na Bavária, foram calculados doze mil mortos; em Erfurt, três mil; em Estrasburgo, dois mil foram queimados; e assim por diante” (RUSSELL, 2009, p. 63). Em 1680, quando Roma fora assolada pela peste, concluiu-se que tal acontecimento se dera em decorrência da ira de São Sebastião, por ter sido negligenciado como santo. Para se obter perdão do santo, foi erigido um monumento em sua homenagem. Como a peste coincidentemente havia cessado, atribuiu-se tal “milagre” ao santo. “Não apenas os métodos supersticiosos de combate às doenças eram universalmente aceitos como eficazes, mas também o estudo científico da medicina, severamente desencorajado” (RUSSELL, 2009, p. 63). Os cristãos eram então desestimulados a praticarem a medicina e encorajados a confiarem mais

---

<sup>58</sup> Dinastia real britânica de origem germânica que reinou conjuntamente sobre a Grã-Bretanha e o estado alemão de Hanover de 1714 a 1837. A Rainha Vitória (1819–1901) foi a última monarca britânica da casa de Hanover.

em Deus. Como os cristãos se viam de mãos atadas para praticarem a medicina, entram em cena os não cristãos, os judeus, que haviam herdado seus conhecimentos dos mulçumanos. Mesmo sendo acusados de praticar magia, não se importavam com isso; pelo contrário, isso era muito bom do ponto de vista econômico.

Um dos motivos da interferência da igreja quanto à prática da medicina era por causa do estudo de anatomia. A prática de dissecação de corpos era considerada desumana e, segundo a crença da época, poderia interferir na ressurreição do corpo. Além do mais, a Igreja abominava o derramamento de sangue. Russell acredita que tal postura eclesiástica deveu-se a uma má interpretação da bula papal de Bonifácio VIII. Na segunda metade do século dezesseis, o Papa Pio V havia renovado os decretos anteriores, ordenando aos médicos que, antes do exercício da medicina, primeiramente convocassem o auxílio de um padre, sob a alegação de que “A enfermidade corpórea com frequência surge dos pecados” e depois a negar tratamento aos pacientes que não se confessassem ao padre dentro de três dias. Talvez esta fosse uma decisão sábia, tendo em vista a condição precária da medicina naqueles dias” (RUSSELL, 2009, p. 64).

### ***3.3.5 Meteorologia científica e a questão dos milagres***

A próxima ciência a entrar no cenário das controvérsias com a religião está voltada para os fenômenos atmosféricos. Trata-se da meteorologia, que trata das leis que regem os fenômenos atmosféricos, principalmente os ocorridos na baixa atmosfera. O trabalho do cientista inglês Isaac Newton (1643–1727) contribuiu para que a humanidade acreditasse que foi Deus quem criou a natureza e decretou suas leis de forma a produzir os resultados que ele pretendia, sem ter que intervir, exceto em ocasiões específicas, como a revelação da religião cristã.

Os protestantes defendiam que os milagres haviam ocorrido durante o primeiro ou o segundo século da era cristã, e então haviam cessado. Se Deus não mais intervinha através dos milagres, era muito improvável que Ele permitisse que Satanás o fizesse. Surgiam os primeiros passos da meteorologia científica, que não deixava margens para interpretações de que velhas mulheres em vassouras pudessem provocar tempestades (RUSSELL, 2009, p. 73).

Durante algum tempo, ainda se considerava profano aplicar os conceitos das leis naturais aos trovões e raios, já que estes fenômenos eram atos específicos de Deus. Esta visão sobreviveu, apesar dos para-raios. Então, quando em 1755, Massachusetts foi sacudida por

terremotos, o Rev. Dr. Price, em um sermão publicado, atribuiu tais terremotos a “pontas de ferro inventadas pelo sagaz Mr. Franklin”, dizendo: “Em Boston há mais delas erguidas do que em qualquer outro lugar na Nova Inglaterra, e Boston parece estar mais terrivelmente abalada. Oh! não há como escapar da mão poderosa de Deus!” (RUSSELL, 2009, p. 73). Mesmo após a advertência do reverendo Price, a população de Boston ignorou tal advertência e continuou a instalar as tais “pontas de ferro” ou seja, os para-raios. E como era de se esperar os terremotos não aumentaram. Estava superada então uma superstição advinda da religião. Aos poucos a crença na interferência divina através dos milagres ia sendo desacreditada.

### **3.3.6 Anatomia e fisiologia – dificuldades com a religião**

O progresso científico teve grande contribuição da anatomia e da fisiologia, mas foi conquistando espaço com muita dificuldade, pois a igreja se opunha à dissecação de cadáveres. O médico belga Andreas Vesalius (1514-1564), autor da publicação *De humani corporis fabrica* (Da organização do corpo humano) um atlas de anatomia publicado em 1543, considerado o pai da anatomia moderna, foi o primeiro a enxergar a anatomia como científica. Por ser médico do imperador Carlos V (1500–1558), rei da Espanha e imperador do Sacro Império Romano-Germânico, conseguiu imunidade da censura oficial por um período. O imperador, temendo por sua saúde, protegeu seu médico favorito. Durante o reinado de Carlos V, em uma conferência teológica, foi decidido que a dissecação não era um sacrilégio, mas seu sucessor, Felipe II, pensava diferente e, não tendo razão para proteger Vesalius por suspeita de sacrilégio, revogou a permissão para dissecação. “A Igreja acreditava que no corpo humano havia um osso indestrutível, o núcleo da ressurreição do corpo; Vesalius, ao ser questionado sobre isso, confessou que nunca havia encontrado tal osso” (RUSSEEL, 2009, p. 74). Essa afirmação lhe trouxe grandes problemas. “No momento em que examinava, com o consentimento dos parentes, um cadáver de um nobre espanhol, observou que o coração — assim seus inimigos relataram — mostrava sinais de vida sob a lâmina. Ele foi então acusado de assassinato e denunciado à Inquisição” (RUSSEEL, 2009, p. 74). Escapou da morte por influência do rei, mas foi obrigado a fazer penitência na Terra Santa. Ao retornar, seu navio afundou. Mesmo tendo conseguido chegar em terra firme, morreu de exaustão. Após os estudos de Vesalius, a medicina vai ganhando espaço nas sociedades mas cultas e desenvolvidas. Aos poucos, as autoridades eclesiásticas vão entendendo que a melhor maneira de se investigar o

corpo humano é por meio da observação, ou seja, a partir da anatomia, da fisiologia e consequentemente pela dissecação de cadáveres.

Após o desenvolvimento da anatomia no auxílio à medicina, foi a vez da fisiologia. Esta ciência se dedica ao estudo das funções do organismo vivo em cada uma de suas partes. Na medicina, é responsável por conhecer os meios físicos ou químicos dos processos básicos da vida. O responsável em tornar científica a fisiologia foi o médico britânico William Harvey (1578-1657), a quem é atribuída a descoberta da circulação sanguínea. Harvey, ao contrário de Vesalius, teve mais liberdade na prática da medicina, pois não sofreu perseguição como seu antecessor. A medicina, nesse estágio, encontra-se bem desenvolvida.

### **3.3.7 Vacinação – intervenção teológica**

A segunda metade do século XVII foi mais liberal quanto aos assuntos médicos, principalmente nos países protestantes. Já nos países católicos, em virtude dos preconceitos teológicos, a abertura foi mais lenta. Na Espanha, por exemplo, o estudo da circulação do sangue ficou proibido até o final do século XVIII e a dissecação de cadáveres não fazia parte do currículo nas universidades de medicina. As coisas começavam a se acalmar, mas a descoberta da vacina trouxe de volta os embates entre a religião e a ciência. Os eclesiásticos chegaram a considerar a vacinação um “desafio aos próprios céus, e até ao desejo de Deus” (RUSSELL, 2009, p. 76). A Universidade de Sorbonne — nome alusivo ao teólogo Robert de Sorbon (1201–1274) — em Paris, França, pronunciou-se contrária a imunização contra a varíola. Eclesiásticos provocaram vários protestos contra a vacinação.

Um eclesiástico anglicano publicou um sermão no qual dizia que as pústulas sem dúvida eram decorrentes da inoculação pelo Diabo, e muitos ministros escoceses se uniram em um manifesto que afirmava que isso era “uma tentativa de confundir um julgamento divino”. Entretanto, o efeito na diminuição da taxa de mortalidade ocasionada pela varíola foi tão notável que os terrores teológicos não conseguiram ultrapassar o medo da doença. Além disso, em 1768, a imperatriz Catarina e seu filho foram imunizados, e apesar de não ser um modelo sob o ponto de vista ético, ela era considerada um guia seguro com relação à prudência terrena (RUSSELL, 2009, p. 76).

Várias manifestações ocorreram contra a vacinação da população. Na Universidade de Cambridge foi proferido um sermão contra a vacinação. E em 1885, em Montreal, diante de um

surto de varíola, parte da população católica recusou a vacinação com o apoio do clero. Um padre chegou a afirmar: “Se fomos afligidos pela varíola, é porque tivemos um carnaval no inverno passado e banqueteamos a carne, o que ofendeu o Senhor” (RUSSELL, 2009, p. 76). Muitos foram encorajados pelo clero a confiarem em exercícios de devoção e a saírem em procissão pelas ruas em apelo solene à Virgem Maria e apoiando a condenação da vacina.

### **3.3.8 Anestesiologia – intervenção teológica**

Em fins do século XIX surgiu outra intervenção teológica, dessa vez contra a utilização da anestesia. A medicina evoluía em favor do sofrimento humano, mas os clérigos de plantão, quanto aos avanços da medicina, não admitiam determinadas intervenções médicas. Em 1847, o médico escocês James Young Simpson (1811-1870) recomendou a utilização de anestésias nas mulheres em trabalho de parto. Para os eclesiásticos contrários à anestesia isso era um absurdo e para eles o motivo era muito claro – em Gênesis 3:16a está escrito: “À mulher ele disse: Multiplicarei as dores de tuas gravidezes, na dor darás à luz filhos”<sup>59</sup>. Como poderiam as mulheres sentir dor se tomassem a anestesia? Afinal de contas, não se tratava de qualquer dor, mas a dor designada pelo próprio Deus. Apenas um bom argumento poderia solucionar tal impasse. Simpson então teve uma ideia e a utilizou contra seus opositores. Argumentou que não havia mal algum em administrar anestésicos às pessoas, pois o próprio Deus havia conduzido Adão a um sono profundo antes de extrair sua costela para formar sua companheira Eva. “Mas os homens eclesiásticos permaneceram irresolutos em relação aos sofrimentos das *mulheres*, em qualquer circunstância de nascimento” (RUSSELL, 2009, p. 76).

## **3.4 Apologia russelliana à ciência moderna**

Bertrand Russell, como um entusiasta da ciência que é, não poupa elogios à ciência moderna. Em sua obra *Religião e ciência*, cita algumas contribuições da ciência tais como: o melhoramento na saúde, o aumento da longevidade como uma das conquistas mais notáveis de sua época, e outras. Em sua compreensão, mesmo que a ciência não tivesse contribuído em nada para conferir felicidade à raça humana, ainda assim mereceria nossa gratidão pelas conquistas supracitadas. Diz ele: “e aqueles que acreditam na utilidade das crenças religiosas,

---

<sup>59</sup> Bíblia de Jerusalém.

podem ter grande dificuldade em apontar qualquer vantagem comparável que tenham conferido à raça humana” (RUSSELL, 2009, p. 79).

### **3.4.1 Psicologia ou “teoria da alma”? – dificuldades de conceituação**

Até aqui, as ciências modernas descritas acima estão envolvidas ou com a natureza ou com o corpo humano. Já a psicologia se volta às questões mais subjetivas da vida que envolvem o ser humano. Não é uma ciência exata. Está voltada para os aspectos da vida e da sociedade humana. É a ciência que trata dos fenômenos psíquicos e do comportamento humano<sup>60</sup>. “Pode-se dizer, embora grosseiramente, que a física está associada às relações causais fora do cérebro e a psicologia, às relações causais dentro do cérebro” (RUSSELL, 2009, p. 98). O próprio nome dessa ciência em si já apresenta algumas dificuldades em termos conceituais. Psicologia tem origem na junção de duas palavras gregas *psique* “alma” e *logos* “estudo”, “tratado”, “ciência”. Seria o estudo da alma, termo muito utilizado pela religião, principalmente pelo cristianismo. Russell acredita não haver evidências fundamentais entre os constituintes do mundo físico e o mundo psicológico.

A outra questão é que há uma multiplicidade de enfoques, correntes, teorias, paradigmas e metodologias, algumas delas apresentando divergências entre si em suas abordagens. Comparada a outras ciências, a psicologia é relativamente nova, pois surgiu no século 19. Russell reconhece que, dentre os departamentos mais importantes do conhecimento científico, a psicologia foi a ciência que menos avançou em sua época. Para ele, a dificuldade já se inicia com o termo “psicologia”, que deveria significar “a teoria da alma”. Argumenta que a palavra alma, apesar de ser familiar entre teólogos, dificilmente poderá ser considerada um conceito científico. Diz ele: “Nenhum psicólogo diria que o assunto-objeto de seu estudo é a alma, mas se lhe perguntarmos o que é a alma, certamente não saberia dar facilmente uma resposta” (RUSSELL, 2009, p. 81).

Junte-se a esta dificuldade a utilização da palavra alma quando surgiu entre os gregos. Originariamente surgiu em meio a conotações religiosas. Alma em religião costuma fazer

---

<sup>60</sup> Muito diferente da situação na época das observações de Bertrand Russell, a psicologia encontra-se em plena evolução. Atualmente há pesquisas na área de comportamento animal e psicologia animal. Há clínicas de animais especializadas nesse ramo da psicologia. Russell provavelmente ficaria encantado com o atual tratamento dispensado a essa ciência. Estudo sobre comportamento animal: *O significado da pesquisa em Comportamento Animal*. Charles T. Snowdon - Universidade de Wisconsin. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1413-294X1999000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-294X1999000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt) (Acesso em: 07 Jul. 2014).

oposição a corpo e às vezes, como é o caso da doutrina tricotomista entre protestantes, ainda há um terceiro elemento, além de corpo e alma, que é o espírito. Sem a intenção de discutir tais questões teológicas, fica o reconhecimento das dificuldades apresentadas por Russell, quanto a esta ciência no cenário da modernidade. Toda essa discussão orienta em direção do fervilhar do caldeirão das dificuldades estabelecidas entre religião e ciência no cenário da modernidade, objeto da presente pesquisa. Os religiosos percebem todas essas novidades advindas das ciências modernas surgindo como um furacão que alcançará a todos. É uma verdadeira revolução estabelecida entre a religião e a ciência. Em todas as áreas em que os homens se fazem presentes, surgem novas ciências com a tarefa de atender e responder as necessidades e os anseios mais profundos da humanidade. Antes de tudo isso, no Ocidente, a religião cumpria o papel hegemônico de autoridade e fonte doadora de sentido à humanidade, mas com o advento da modernidade, outra fonte de informação se assenhora da situação, colocando em xeque a antiga instituição, a saber, a religião, que aos poucos vai perdendo autoridade e espaço para as ciências modernas. Portanto, não é sem motivo que surgem grupos religiosos fundamentalistas defendendo seu quinhão. Muitas novidades provenientes das ciências modernas tocam em assuntos considerados “valores eternos” aos olhos dos religiosos. Entre outros, há: “vida pós-morte”, “salvação eterna”, “morte eterna”, e muitos outros. Todos esses conceitos são muito preciosos aos olhos de quem crê. Deste modo, é compreensível que haja resistência em ceder aos novos valores impetrados pelas ciências modernas.

### ***3.4.2 Materialismo – diluição entre corpo e alma e o desaparecimento do pecado***

O autor de *Religião e ciência* chama a atenção para um fato novo no cenário da modernidade, o advento do materialismo<sup>61</sup>. Entende que a doutrina cartesiana abriu caminho no século 18 para o materialismo puro, em que o ser humano passa a ser visto como algo completamente governado pelas leis da física “A vontade não tem mais lugar na filosofia e o conceito de pecado desaparece. Não há alma e, portanto, não há nenhuma imortalidade exceto aquela dos átomos individuais que estejam temporariamente agrupados no corpo humano” (RUSSELL, 2009, p. 92). Para Russell, o motivo da diluição da antiga distinção entre alma e corpo foi a chegada do materialismo. A matéria teria perdido a “velha solidez” da mesma forma

---

<sup>61</sup> Designação genérica para as várias concepções filosóficas que têm a matéria como substância de todas as coisas. Admite como realidade única apenas a matéria, que se encontra em movimento, e esta estaria submetida apenas às leis físicas. Nega que existam milagres, mundo espiritual ou divino. Essa forma de pensar se contrapõe ao idealismo, que, por sua vez, tem como elemento primeiro a ideia, o pensamento ou o espírito.

que a mente perdeu sua espiritualidade. Diz ele: “Conhecemos menos do que supúnhamos conhecer, mas conhecemos o suficiente para afirmarmos com bastante certeza que nem a ‘alma’, nem o ‘corpo’ podem encontrar lugar na ciência moderna” (RUSSELL, 2009, p. 99). A crítica russelliana vai mais além. Lembra que a crença cristã da vida da alma após a morte do corpo — doutrina central no cristianismo, que aponta para o paraíso celeste ou inferno eterno —, é uma doutrina que pode ser questionada a partir da própria Bíblia Sagrada. Cita o Evangelho de Mateus, que menciona os fariseus, os quais acreditavam na ressurreição após a morte, e os saduceus, contrário a tal crença. “Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não existir ressurreição, e o interrogaram” (Mt 20:23 – Bíblia de Jerusalém). Lembra que “Nos tempos modernos, os cristãos liberais com frequência tendem a ter a visão de que o inferno não é eterno [...] Mas até a metade do século dezenove, um número muito pequeno de cristãos pregadores duvidava da realidade da punição eterna” (RUSSELL, 2009, p. 99). Lembra ainda que entre os cristãos, o medo do inferno foi a fonte da angústia mais profunda e que diminuía significativamente um possível conforto originado da crença da sobrevivência. Entende que a decadência da crença no inferno não é decorrência de argumentos teológicos, como também não é da influência direta da ciência. Seria decorrência da diminuição geral da brutalidade ocorrida durante os séculos XVIII e XIX.

Isso é parte do mesmo movimento que conduziu, pouco tempo antes da Revolução Francesa, à abolição da tortura judicial em muitos países, e que, no início do século dezenove, levou à reforma do código penal selvagem através do qual a Inglaterra foi difamada. Nos dias atuais, até mesmo entre aqueles que acreditam no inferno, acredita-se que o número dos que estão condenados a sofrer seus tormentos seja bem menor do que antes. Nossos desejos mais intensos, hoje, tomam uma direção política ao invés de teológica (RUSSELL, 2009, p. 100).

Russell acha curioso o fato de que, na proporção em que a crença no inferno foi se tornando menos definida e caindo no esquecimento, a crença no paraíso também perdera a sua força, mesmo fazendo parte da doutrina oficial da Igreja. Segundo ele, a antiga crença de que esta vida seria uma preparação para a vida após a morte não teria mais influência nos tempos modernos, pois a religião estaria mais preocupada em promover uma qualidade de vida aqui na Terra do que apostar em uma possível conexão com a vida futura. “A crença de que esta vida seja meramente uma preparação para outra, que antes influenciava a moral e a conduta, hoje

não tem mais influência, mesmo sobre aqueles que não rejeitaram conscientemente esta crença” (RUSSELL, 2009, p. 101).

### ***3.4.3 Protestantes e católicos na perseguição às bruxas***

Talvez poucos saibam disso, mas a caça às bruxas não foi uma atitude apenas dos católicos. “Os protestantes estavam tão habituados à perseguição às bruxas quanto os católicos” (RUSSELL, 2009, p. 69). Oficialmente a lei contra a bruxaria foi abolida na Escócia e na Inglaterra em 1736. Mas a crença em bruxas continuou viva por muito tempo. O declínio dessa crença aconteceu aos poucos, primeiramente entre as pessoas cultas na Escócia. Na Inglaterra, a última execução oficial por bruxaria ocorreu em 1682, mas há afirmações da existência de execuções em 1712. Na França, a última fogueira foi acesa em 1718. Na Nova Inglaterra ocorreu um surto de caça às bruxas em fins do século dezessete, mas não voltou a se repetir. As leis são estabelecidas, mas as crenças tendem a continuar por muito tempo. Russell cita um caso na Inglaterra em 1863, às portas do século 20, de linchamento de um idoso acusado de práticas de bruxaria. O crime de bruxaria perdurou por mais tempo na Espanha, quando uma feiticeira foi queimada em 1780, e na Irlanda, onde a lei contra a bruxaria só foi abolida após 1821. William Edward Hartpole Lecky escreveu em seu livro *History of rationalism in Europe* (História do racionalismo na Europa), de 1893, detalhando o tema da bruxaria, apontando para o fato de que “a crença na possibilidade de magia negra não foi derrotada por argumentos sobre este assunto, mas pela difusão geral da crença na prevalência da lei” (LECKY, *apud*, RUSSELL, 2009, p. 72).

### ***3.4.4 Os limites do discurso científico***

Russell reconhece que a ciência tem pouco a dizer sobre a imortalidade. Para ele, o que a ciência tem a dizer sobre esse assunto não é muito bem definido. No caso da psicologia, deveria ser considerado o fato de não haver entidades como a alma ou o eu. Não seria possível considerar a alma e o corpo como duas substâncias como na época dos metafísicos. Com o advento da física, já não há mais a crença de que a matéria é imortal. “Enquanto ainda havia substância material supostamente eterna, ficou fácil também argumentar que as mentes deveriam ser igualmente eternas; mas este argumento, embora não muito forte, não pode mais ser usado atualmente” (RUSSELL, 2009, p. 102). Os físicos reduziram os átomos a uma série de eventos e os psicólogos igualmente descobriram que a mente não tem a identidade de uma

“coisa” única e contínua, mas sim uma série de ocorrências interligadas a certas relações íntimas. Para Russell, “A questão da imortalidade, portanto, tornou-se uma questão de haver ou não relações íntimas entre ocorrências em um corpo vivo e entre outras ocorrências após a morte do corpo” (RUSSELL, 2009, p. 102, 103).

Russell duvida que seja possível, a partir de uma visão moderna sobre matéria, um espírito desencarnar. Para ele, só seria possível acreditar na sobrevivência de uma personalidade após a morte do corpo se houvesse continuidade de memórias ou pelo menos de hábitos. De outra forma não haveria razão para acreditar que a mesma pessoa tivesse continuidade. Acreditando que a matéria é uma forma de agrupar eventos, onde há eventos há matéria. Na vida após a morte, segundo a doutrina cristã, não se trata de matéria. E se depender dos hábitos, formados como resultado de experiências passadas acumuladas no cérebro em forma de lembranças, a pessoa dependerá da continuidade do corpo. Também encontra dificuldades a partir do ponto de vista da psicologia.

Hábito e memória são ambos decorrentes de efeitos no corpo, especialmente no cérebro; acredita-se que a formação de um hábito seja análoga à formação do curso de um rio. Assim, os efeitos no corpo que dão origem aos hábitos e memórias são obstruídos pela morte e pela decomposição, sendo difícil imaginar como eles podem ser transferidos, por um tipo de milagre, para um novo corpo que supostamente habitaríamos na próxima vida. Se formos espíritos desencarnados, a dificuldade aumenta. De fato, duvido que, com a visão moderna sobre matéria, um espírito desencarnado seja logicamente possível (RUSSELL, 2009, p. 105).

Para Bertrand Russell, a formação de um hábito é análoga à formação do curso de um rio. “Seria tão fácil transferir uma pessoa para o paraíso sem a perda de identidade quanto transferir o curso de um rio” (RUSSELL, 2009, p. 105).

Outro argumento russelliano diz respeito à formação da personalidade. Esta seria essencialmente decorrente de organização. Uma pessoa é formada por meio de eventos agrupados a partir de certas relações. Por sua vez, o agrupamento se dá por meio de leis causais relacionadas às formações de hábitos, incluindo a memória. Para que haja as leis causais, necessariamente depende-se de um corpo. Russell admite que este argumento não é conclusivo, e que em sua época a psicologia ainda estava por se tornar científica. Mas a crença na imortalidade não pode, em qualquer instância, requerer o apoio da ciência. Percebeu haver sólido apoio científico para se pensar assim, e se isso for verdade: “esperar que uma

personalidade sobreviva à desintegração do cérebro seria como esperar que um grilo sobreviva sem seus membros” Por fim, diz ele: “Podemos lastimar de que não haja vida após a morte, mas seria um consolo pensar que todos os perseguidores, os antissemitas e impostores deixariam de existir por toda a eternidade. Alguns até poderiam dizer que eles se aperfeiçoariam com o tempo, mas eu pessoalmente duvido” (RUSSELL, 2009, p. 106).

### ***3.4.5 O progresso da ciência e o relato da história sagrada da Bíblia***

Com o avanço do conhecimento científico e o progresso decorrente das descobertas científicas na modernidade, Russell entende que o relato da história sagrada da Bíblia e a teologia produzida pela Igreja antiga e medieval aos poucos vão sendo relegados a uma posição menos importante do que possuíam anteriormente. A Bíblia Sagrada passa por um processo de descrédito pelas pessoas religiosas. É o caso da narrativa do Gênesis, contendo duas diferentes explicações para o relato da criação por dois autores diferentes, segundo Russell, “inconsistente”. Outro caso diz respeito às três doutrinas centrais, Deus, imortalidade e livre-arbítrio. Na visão de Russell, estas constituem o que é mais essencial para a cristandade, até o ponto em que não estejam relacionadas aos eventos históricos, que são as doutrinas pertencentes à chamada “religião natural”. Russell lembra que, na opinião de Tomás de Aquino e de muitos filósofos modernos, é possível provar sua veracidade somente através da razão humana, sem o auxílio da revelação. Acredita que a ciência não pode aprová-las nem desaprová-las, pois “nenhum método fora da ciência existe para provar ou desaprovar qualquer coisa” (RUSSELL, 2009, p. 108). Russell entende que “a ciência deve permanecer puramente empírica, nem apoiando, tampouco negando quaisquer das afirmações além do permitido pelas verdadeiras evidências” (RUSSELL, 2009, p. 126). Diz ainda que estas controvérsias surgem do conflito existente entre duas paixões intensas, no entanto irreconciliáveis. “O determinismo usufrui da vantagem de acreditar que através do poder, há a descoberta das leis causais; a ciência, apesar de seu próprio conflito com o preconceito teológico, foi aceita por propiciar poder” (RUSSELL, 2009, p. 126).

### ***3.4.6 Ciência e misticismo***

Russell acreditava haver uma guerra entre a ciência e a teologia e que, em sua época, apresentava características peculiares. Afirma que “A maioria dos homens da ciência apoiou a ortodoxia de sua época. Alguns dos mais eminentes fizeram parte dessa maioria” (RUSSELL,

2009, p. 129), exceção apenas para França e Rússia Soviética do final do século XVIII. Cita Newton, que mesmo sendo ariano (segundo Russell), foi defensor da fé cristã; Georges Cuvier (1759-1832), como modelo de retidão católica; Michael Faraday (1791-1867), pela forma como relacionava ciência e religião, era aprovado pelo clero; Nicolau Copérnico (1473-1543), que chegou a dedicar seu livro ao Papa Paulo III, Galileu Galilei (1564-1642) por ter se retratado; e René Descartes (1596-1650) que, mesmo tendo fugido para a Holanda, onde o governo adotava o princípio de tolerância religiosa, esforçou-se para manter um bom relacionamento com os eclesiásticos. Silenciou suas opiniões, que eram as mesmas de Copérnico, para escapar da censura.

Russell faz menção a uma série de doze transmissões apresentadas pela BBC de Londres no outono de 1930, quando algumas afirmações lhe chamaram a atenção. Cita o padre O'Hara, ao afirmar que “as verdades da revelação são mais exatas do que as da ciência”; cita também Canon Streeter, ao dizer que “um fato marcante nas palestras anteriores foi a tendência a uma única e mesma direção”. Observa que uma ideia se manteve recorrente, “a de que a ciência por si só não é suficiente”. Segundo J. Arthur Thomson: “A ciência, como ciência pergunta *Por quê?* Em outras palavras, nunca faz questionamentos acerca do significado, do sentido ou do propósito desta multiplicidade de Ser, Tornar-se e Ter Sido”. [...] “Assim, a ciência não tem a intenção de ser o fundamento da verdade.” “A ciência”, ele diz, “não pode aplicar seus métodos ao metafísico e ao espiritual”. O professor J. S. Haldane, ao defender que “somente dentro de nós mesmos, em nossos autênticos ideais de verdade, direito, caridade e beleza, e na consequente comunhão com os outros, é que podemos encontrar a revelação de Deus”. Dr. Malinowski, ao afirmar: “a revelação religiosa é uma experiência que, como princípio, está além do domínio da ciência” (RUSSELL, 2009, p. 131-132). Russell reage às afirmações dizendo que os autores que ele citou fazem afirmações que ele considera enganosas. A primeira afirmação de que “a ciência não é suficiente”, por exemplo, seria apenas um clichê, pois a ciência não inclui muita coisa, como arte, amizade, além de outros elementos da vida. Faltou uma afirmação considerada ainda mais importante, sobre a ciência não ser suficiente e que lhe parece verdadeira: “a ciência não intervém em valores e não pode provar proposições do tipo ‘é melhor amar do que odiar’ ou ‘a bondade é muito mais desejável do que a crueldade’”. Para Russell, “A ciência pode inferir substancialmente sobre os *meios* que nos permitam realizar nossos desejos, porém não pode sugerir um desejo em detrimento a outro” (RUSSELL, 2009, p. 132). A segunda afirmação feita e que Russell considera enganosa é “A ciência não tem a

intenção de ser o fundamento da *verdade*”. Essa afirmação implicaria em admitir que existe outro método que não é científico para se alcançar a verdade. E, ao mencionar que “a revelação religiosa... está além do domínio da ciência” (RUSSEEL, 2009, p. 133), afirma o método da revelação religiosa. Cita ainda Dean Inge, ao afirmar que “A prova da religião, então, é experimental”, experiência aqui no sentido de sentir, a exemplo da experiência mística. Diz Inge: “É um conhecimento progressivo de Deus sob os três atributos pelos quais Ele revelou a Si mesmo para a humanidade, algumas vezes chamados de valores absolutos ou eternos, Bondade ou Amor, Verdade e Beleza” (RUSSELL, 2009, p. 133). Dessa forma, Inge afirmava não existir razão alguma para que se leve a religião a entrar em conflito com a ciência natural, pois, enquanto uma lida com fatos, a outra, com valores. Para Russell, isso não é bem verdade. Diz ele: “Já vimos a ciência invadindo os territórios da ética, da poesia, entre outros. A religião não pode fugir do fato de invadir ambas” (RUSSEEL, 2009, p. 133). Para Russell, a ciência deve permanecer neutra. As afirmações feitas pelos adeptos à religião não passaram de afirmações enganosas, um testemunho místico.

A ciência deve ser neutra, já que o argumento é científico, deve ser conduzido exatamente como um argumento seria conduzido sobre um experimento inexato. A ciência depende da percepção e da inferência; sua credibilidade é decorrente do fato de que as percepções sejam de tal modo que qualquer observador pode experimentá-las. [...] A ciência, como tal, não deve ter expectativas positivas ou negativas em relação ao resultado (RUSSELL, 2009, p. 134).

O argumento principal a favor dos místicos é a concordância entre eles. diz Dean Inge: “Não conheço nada mais extraordinário, [...] do que a unanimidade dos místicos antigos, medievais e modernos, protestantes, católicos e até budistas ou muçulmanos, embora os místicos cristãos sejam os mais confiáveis” (RUSSELL, 2009, p. 135). Russell afirma não ter a intenção de subestimar a força desses argumentos — quando falam da extraordinária unanimidade entre eles —, mas dá seu parecer segundo o que conhece de um livro intitulado *Mysticism and logic* (Misticismo e lógica). Ele entende que os místicos apresentam uma variação considerável ao expressar verbalmente suas experiências. Sem a pretensão de apresentar uma explicação completa sobre as questões em que os místicos concordam, cita três tópicos que resumem bem a situação.

(1) Que toda divisão e separação são irrealis, e que o universo é uma única unidade indivisível; (2) que o mal é ilusório, e que as ilusões surgem

falsamente ao considerar uma parte como autossubsistente; (3) que o tempo é irreal e que a realidade é eterna, não no sentido de viver para sempre, mas no sentido de ser sagrado fora do tempo (RUSSELL, 2009, p. 134).

Aqui Russell percebe a incapacidade dos místicos em separar a importância emocional da validade científica. “O fato de os místicos defenderem suas afirmações seria decorrente da incapacidade em separar a importância emocional da validade científica” (RUSSELL, 2009, p. 141). Então apresenta a diferença entre o homem da ciência e o místico. “O homem da ciência, quando deseja que outros vejam o que ele viu, prepara seu microscópio ou telescópio; em outras palavras, faz alterações no mundo externo, mas exige do observador apenas a visão comum”. Quanto à posição do místico, diz ele: “O místico, por outro lado, exige alterações no observador, através de jejuns, exercícios respiratórios ou através de uma cuidadosa abstenção da observação externa. Alguns se opõem a esta disciplina e acreditam que a iluminação mística não pode ser atingida artificialmente” (RUSSELL, 2009, p. 141). Russell não admite outro método que possa conduzir à verdade a não ser o método da ciência. Entretanto, quanto ao reino das emoções, referindo-se ao método dos místicos, diz ele: “No reino das emoções, não posso negar o valor das experiências que originaram a religião. Através de associações com falsas crenças, estas experiências levaram tanto ao mal quanto ao bem; sem esta associação, pode-se esperar que somente o bem perdure” (RUSSELL, 2009, p. 143).

Os homens modernos da ciência, quando não são hostis ou indiferentes à religião, se agarram a uma crença que pode sobreviver por dentre as ruínas dos dogmas, assim chamada de Proposta Cósmica. Os teólogos liberais igualmente a consideram o artigo central de sua crença. A doutrina possui várias formas, contudo todas têm em comum a concepção de Evolução direcionada a algo eticamente válido, que, de alguma forma, motiva este longo processo (RUSSELL, 2009, p. 145).

Mesmo percebendo a incapacidade dos místicos em separar a importância emocional da validade científica, Russell não descarta completamente a experiência destes no reino das emoções. Admite não poder negar o valor de tais experiências, embora acredite que as práticas místicas possam levar o praticante tanto ao mal quanto ao bem.

### **3.4.7 Ciência e ética**

Russell rebate as afirmações sobre a insuficiência da ciência em não poder afirmar nada sobre valores. “Posso admitir isso, mas quando se conclui que a ética contém verdades que não podem ser provadas ou desaprovadas pela ciência, não posso concordar” (RUSSELL, 2009, p. 171). O posicionamento de Bertrand Russell quanto a essa afirmação é pessoal e não científico. “Como não há consenso sobre a ética, deve ficar entendido que o que se segue é minha opinião pessoal, e não um veredito definitivo da ciência”. (RUSSELL, 2009, p. 171). O posicionamento de Russel faz lembrar o apóstolo Paulo quando disse: “Aos outros digo eu, não o Senhor” (1 Co 7:12 – Bíblia de Jerusalém). No entendimento de Russell, as regras de condutas, ainda que haja algumas de origem ritualísticas, “desempenham um grande papel nas vidas dos selvagens e pessoas primitivas” (RUSSELL, 2009, p. 171). Seriam balizas sociais capazes de proporcionar melhores relacionamentos. Cita como exemplo a proibição do assassinato ou o roubo, dizendo: “Têm uma utilidade social mais óbvia e sobrevivem à decadência dos sistemas teológicos primitivos com os quais estavam associados em sua origem”. Mas “à medida que o homem se torna mais reflexivo, tende a dar mais ênfase aos estados da mente em detrimento às regras. Isso se origina de duas fontes — filosofia e religião mística” (RUSSELL, 2009, p. 172). Ele chega a mencionar a importância das passagens dos Profetas e dos Evangelhos em que a pureza de coração é colocada acima da observância meticulosa da Lei. Também faz menção ao capítulo treze da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, que fala sobre o amor, o qual chama de “o famoso louvor de caridade de São Paulo, ou o amor” que ensina o mesmo princípio que se coloca para além das regras morais para se estabelecer como um estado avançado da mente em relação às regras morais. Russell afirma que esses princípios podem ser encontrados em todos os grandes místicos, sejam cristãos ou não. Pois estes “valorizam um estado da mente, fora da qual, eles defendem, a conduta correta deve continuar; para eles as regras são aparentemente externas e insuficientemente adaptáveis às circunstâncias” (RUSSELL, 2009, p. 172).

Russell chama a atenção para a ética protestante e a crença na consciência. Para ele, um caso em que não houve a necessidade de se apelar para as regras externas de conduta: a crença na “consciência” ou “voz interior”, para ele muito importante na ética protestante. Essa convicção se basearia na crença da revelação divina ao coração humano, impedindo assim o pecado, bastando para isso apenas ouvir a voz da consciência (RUSSELL, 2009, p. 172). Mas Russell encontra dificuldade nesta teoria. Primeiramente, o fato de que “a consciência revela coisas diferentes a pessoas diferentes”. Segundo, que “o estudo do inconsciente nos supriu de

uma compreensão das causas mundanas de nossos sentimentos conscientes” (RUSSELL, 2009, p. 172).

Russell entende ser a consciência humana dúbia, primitiva e não científica. Afirma haver diferentes expressões de consciência. Cita o posicionamento do rei George III da Inglaterra por não conceder emancipação católica tendo a consciência de que se o fizesse estaria incorrendo em perjúrio ao fazer o Juramento da Coroa. Mas o mesmo não acontece com seus sucessores, estes não tiveram o mesmo escrúpulo. Segundo Russell, “A consciência leva algumas pessoas a condenar a exploração dos ricos pelos pobres, como defendido pelos comunistas; e outros a condenar a exploração dos pobres pelos ricos, como praticado pelos capitalistas”. Continua ele: “Esta mesma consciência ordena ao homem que defenda seu país em caso de invasão, ao mesmo tempo em que adverte outro homem sobre o mal da guerra. Conclui: “Aqueles que, por quaisquer razões, não aprovavam a guerra, foram compelidos a afirmar suas posições em termos desta concepção de ‘consciência’ um tanto quanto primitiva e não científica” (RUSSELL, 2009, p. 173).

Para Russell, “A diversidade das expressões da consciência é presumível quando se entende sua origem” (RUSSELL, 2009, p. 173). Certos tipos de ações recebem aprovação ainda no início da juventude e outros não. Através do processo normal de associação entre o prazer e o desconforto gradualmente se associariam às ações e não à aprovação e desaprovação. Com o passar do tempo é possível esquecer o treinamento moral inicial, mas ainda assim podem ocorrer desconfortos relacionados a algumas ações, enquanto outras podem proporcionar plenitude da virtude. “Na introspecção, esses sentimentos são misteriosos, uma vez que já não lembramos mais das circunstâncias que originalmente os causaram; sendo, portanto natural atribuir a eles a voz de Deus em nosso íntimo” (RUSSELL, 2009, p. 174).

Russell entende a consciência como produto da educação, podendo ser treinada para aprovar ou desaprovar, numa parcela da humanidade, de acordo com a conveniência dos educadores. “Assim, enquanto haja o legítimo desejo de liberar a ética das regras morais externas, isso dificilmente pode ser satisfatoriamente alcançado através da noção de ‘consciência’” (RUSSELL, 2009, p. 174). Como exemplo, Russell menciona o caso dos filósofos que por outros meios chegaram a uma posição diferente, pois as regras morais de conduta ocupam lugar de subordinação em relação aos códigos morais. Nesse caso, os filósofos estabelecem o conceito de Bem, significando “aquilo que, em si e à parte de suas consequências, desejamos que exista”. Diz ele: “se fôssemos teístas, seria aquilo o que fosse agradável a Deus”.

(RUSSELL, 2009, p. 174). Arremata afirmando que “A maioria concordaria que felicidade é preferível à infelicidade, amizade à inimizade, e assim por diante. De acordo com este ponto de vista, as regras morais seriam justificadas se promovessem a existência daquilo que fosse essencialmente bom, e não por outras razões” (RUSSELL, 2009, p. 174). Para Russell, temos, portanto três sentidos diferentes nos quais um ato pode ser eticamente louvável:

(1) pode estar de acordo com o código moral recebido; (2) pode ter sido sinceramente planejado para produzir bons efeitos; (3) e pode de fato produzir bons efeitos. Este terceiro sentido, no entanto, é geralmente considerado inadmissível para a moral. De acordo com a teologia ortodoxa, o ato de Judas Iscariotes resultou em boas consequências, pois foi necessário para a Expição; embora não tenha sido louvável, sob este aspecto (RUSSELL, 2009, p. 174, 175).

Para Russell, a motivação em se praticar o bem não necessariamente passa pela religião. Muitos filósofos despertaram para a prática do bem indo por um caminho diferente da religião. A percepção do indivíduo quanto aos códigos morais podem conduzi-lo a praticar o bem. Para ele, a consciência do indivíduo pode ser consequência da educação e pode ser treinada pelos educadores para aprovar ou reprovar determinadas ações.

### ***3.4.8 Concepções filosóficas distintas do Bem***

Bertrand Russell chama a atenção para o fato de que diferentes filósofos tiveram concepções distintas do Bem. Alguns defenderam que o bem consiste no conhecimento e no amor de Deus; outros, acreditavam que consiste do amor universal; outros, da contemplação da beleza; e outros ainda, do prazer. Para Russell, “Uma vez definido o Bem, há o desenvolvimento do restante da ética: devemos agir de acordo com o que acreditamos haver maior probabilidade de produzir o maior bem possível, e o menor possível de seu correlativo mal” (RUSSELL, 2009, p. 175).

Russell reconhece que a estruturação de regras morais é assunto para a ciência. Acredita ser bastante difícil definir “o Bem”, mas, uma vez definido, haverá o desenvolvimento do restante da ética. “Devemos agir de acordo com o que acreditamos haver maior probabilidade de produzir o maior bem possível, e o menor possível de seu correlativo mal. A estruturação de regras morais, supondo que se conheça o Bem definitivo, é um assunto para a ciência” (RUSSELL, 2009, p. 175). Para ele, “valores” estão completamente fora do domínio do

conhecimento. As “Questões que envolvam ‘valores’ —, ou seja, o bem e o mal, independentemente de seus efeitos — estão fora do domínio da ciência, como os defensores da religião enfaticamente declaram. Russel acredita que estejam corretos nesse aspecto, no entanto, diz ele: “mas faço disso uma conclusão posterior, que eles mesmos não fazem, de que ‘valores’ estão completamente fora do domínio do conhecimento” (RUSSELL, 2009, p. 176). Para ele, quando dizemos que algo tem “valor”, na verdade estamos expressando nossos sentimentos pessoais, nossas emoções.

Para Bertrand Russell, a ideia de “bem”, inicialmente, teria de alguma forma conexão com os nossos desejos e, contrariamente, aquilo a que temêssemos representaria o “mal”. Diz ele: “Se houvesse concordância em nossos desejos, a questão poderia ser deixada de lado, mas infelizmente nossos desejos são conflitantes. Se digo ‘o que eu quero é bom’, meu vizinho iria dizer, ‘Não, o que *eu* quero é que é bom’”, uma vez que o desejo do ser humano quanto às escolhas entre bem e mal recai em terreno da subjetividade. “Penso que a ética seja uma tentativa — embora não bem sucedida — de sair dessa subjetividade”, pois [...] “Cada pessoa tenta conquistar aliados na demonstração de que seus próprios desejos se harmonizem com os de outras pessoas. Quando isso é obviamente impossível, como no caso de um ladrão, ele é condenado pela opinião pública, e seu status ético é o de um pecador” (RUSSELL, 2009, p. 177).

Chama a atenção o arremate explicativo sobre o que é ética na visão de Russell. Para ele, a ética está intimamente relacionada à política e “é uma tentativa de fazer com que os desejos coletivos de um grupo tenham influência sobre os indivíduos; ou, inversamente, uma tentativa de um indivíduo em fazer com que seus desejos se tornem os desejos desse grupo” (RUSSELL, 2009, p. 177, 178). Na visão de Russell, a ética está intimamente relacionada à política numa tentativa de sobrepor os desejos da coletividade, influenciando assim os indivíduos; ou o inverso, o indivíduo tentando influenciar a coletividade a partir de seus desejos, desde que esses desejos não sejam muito opostos ao interesse geral.

Quando nossos desejos estão voltados para o benefício comum, não parece inconveniente esperar que os outros os aceitem; portanto, o filósofo que valoriza a Verdade, a Bondade e a Beleza aparentemente expressa, em seu ponto de vista, não apenas seus próprios desejos, mas aponta o caminho para a prosperidade de toda a humanidade (RUSSELL, 2009, p. 178).

Russell ainda enxerga a ética relacionada aos nossos desejos como “Uma tentativa de conferir importância universal a alguns de nossos desejos, e não apenas os pessoais” (RUSSELL, 2009, p. 178). Essa prática se daria a partir de dois pontos de vista: a ótica do legislador e a ótica do pregador. O legislador, ao reconhecer interesses relacionados aos seus desejos e bem-estar, não permitirá que haja influência na estruturação das leis.

Dessa forma, ele construirá se puder seu código que conduziria à promoção dos fins valorizados por ele, o que estará de acordo, sempre que possível, com seu próprio interesse individual; e assim ele estabelecerá um sistema de instruções morais que, caso funcione, fará com que os homens se sintam desconfortáveis se perseguirem outras propostas que não sejam as suas (RUSSELL, 2009, p. 179).

Já na ótica do pregador seria necessariamente diferente. Uma vez que não controla a máquina do estado, impossibilitando assim uma harmonização artificial entre seus desejos e os dos outros, seu método consistiria na proposta de convencer outras pessoas aos mesmos desejos que ele sente em si. Nessa dinâmica de atuação ele apela para as emoções.

Cada tentativa para persuadir as pessoas que alguma coisa seja boa (ou má) em si mesma, e não meramente em seus efeitos, depende da arte de incitar sentimentos e não do apelo à evidência. Em cada caso, a habilidade do pregador consiste em criar em outras pessoas emoções similares às suas — ou diferentes, caso ele seja hipócrita. Não quero dizer que isso seja uma crítica ao pregador, mas sim uma análise deste aspecto essencial de sua atividade (RUSSELL, 2009, p. 180).

A importância da eficiência do discurso para a persuasão do indivíduo de que alguma coisa é boa ou má, na percepção de Russell, dependerá da capacidade do pregador em incutir sentimentos. Russell diferencia sentença ética com uma declaração.

Se eu disser “todos os chineses são budistas”, posso ser contestado pela atuação de um chinês cristão ou muçulmano. Se eu disser [2ª] “acredito que todos os chineses são budistas”, não posso ser contestado por nenhuma evidência com relação à China, mas apenas pela evidência de que eu não acredito no que disse; pois o que estou afirmando é algo sobre meu próprio estado mental. Agora, se um filósofo diz: [1ª] “a Beleza é boa”, posso interpretá-lo como “queria que todos amassem a beleza” (correspondendo a “todos os chineses são budistas”) ou como “desejo que todos amem a beleza”

(correspondendo a “acredito que todos os chineses são budistas”). A primeira das sentenças não faz nenhuma afirmação, mas expressa um desejo; uma vez que não afirma nada, é logicamente impossível que deva existir alguma evidência contra ou a favor, ou que ela possua verdade ou falsidade (RUSSELL, 2009, p. 181).

A segunda sentença seria uma declaração sobre o estado mental do filósofo, que só poderia ser contestada pela evidência de que ele não tem o desejo de dizer o que disse. Não pertence à ética, mas à psicologia ou à biografia. Mas a primeira sentença, mesmo não afirmando nada, expressa um desejo, portanto pertence à ética.

A primeira sentença, que de fato pertence à ética, expressa um desejo por algo, mas não afirma nada. Se a análise acima estiver correta, a ética não compreende nenhuma afirmativa, seja ela falsa ou verdadeira, mas consiste de desejos de um tipo geral, tais como aqueles relacionados aos desejos da humanidade em geral — e dos deuses, anjos e demônios. A ciência pode discutir as causas dos desejos e os meios para realizá-los, mas não pode incluir sentenças genuinamente éticas, porque está relacionada com o que é verdadeiro ou falso (RUSSELL, 2009, p. 181).

Russell defende a doutrina da subjetividade de valores partindo da ideia de que é impossível estabelecer argumentos que provem que as coisas possuem um valor intrínseco em si mesmas. Não havendo meios para decidir a diferença relacionada aos valores, pode-se então alegar que há apenas uma diferença de preferências e não uma diferença entre verdades objetivas. A inferência russelliana aponta para a impossibilidade de se encontrar argumentos para falar de valores, principalmente de valores absolutos ou objetivos.

Russell exemplifica as consequências dessa doutrina argumentando inicialmente que “não pode haver ‘pecado’ em qualquer sentido absoluto; o que um homem denomina de ‘pecado’, outro homem pode chamar de ‘virtude’” (RUSSELL, 2009, p. 183). Mesmo que haja antipatia entre as duas posições, não seria possível uma das partes convencer a outra de possível erro intelectual. Complementa Russel: “A punição não pode ser justificada com base na afirmação de que um criminoso seja ‘perverso’, mas apenas baseada no fato de que ele se comporta de uma maneira que os outros não aprovam. O inferno, como um local de punição para os pecadores, torna-se bastante irracional” (RUSSELL, 2009, p. 183).

Dentre as consequências éticas encontradas na doutrina dos valores subjetivos, há a rejeição da punição vingativa e a noção de pecado. Russell reconhece a importância da

obrigação moral que se destina a influenciar a conduta, mas esta não deve subsistir a partir de uma crença, e sim de um desejo. Pois

As pessoas podem dizer, que o desejo é o desejo de ser “bom” num sentido que não posso aceitar. Mas quando analisamos o desejo de ser “bom”, geralmente isto se transforma em um desejo de ser aprovado, ou, alternativamente, a agir de modo a provocar certas consequências desejáveis. Temos desejos que não são puramente pessoais, e, se não os tivéssemos, nenhuma quantidade de ensinamento ético influenciaria nossa conduta, exceto através do medo da desaprovação (RUSSELL, 2009, p. 184).

Ao contemplar a raça humana é possível desejar que seja feliz, saudável, inteligente, guerreira, além de outras qualidades. Na visão russelliana, desejos como esses, quando suficientemente fortes, produzirão sua própria moralidade. A ausência deles, independentemente da ética existente, apenas servirá a propostas sociais enquanto os interesses pessoais e da sociedade estiverem em consonância, do contrário se estabelecem os conflitos de interesse. Para Russell só é possível influenciar e mudar a conduta de um indivíduo a partir da influência de seus desejos, ou não haverá mudanças.

Segundo Bertrand Russell, “Todos os sistemas da ética incorporam os desejos daqueles que os defendem, mas este fato está oculto em uma névoa de palavras” (RUSSELL, 2009, p. 186). Nossos desejos seriam na verdade mais amplos e menos egoístas do que muitos moralistas imaginam. Diz ele: “Se não fosse assim, nenhuma teoria da ética faria com que o aprimoramento moral fosse possível” (RUSSELL, 2009, p. 186). Ele entende que não é por meio da teoria ética que a humanidade chegará ao aprimoramento moral e promoverá a felicidade geral, mas sim através do cultivo de desejos plenos e generosos de inteligência, felicidade e liberdade, abstendo-se do elemento medo. Essa disposição independe da nossa definição de “Bem” ou do fato de acreditarmos nos valores objetivos ou subjetivos. Só lutarão por isso aqueles que desejam verdadeiramente a felicidade da humanidade. E farão o possível para consegui-la.

Minha conclusão é que, enquanto é verdade que a ciência não pode decidir sobre questões relacionadas a valores, isso ocorre devido ao fato destas questões não poderem ser decididas, de modo algum, intelectualmente, pois estão fora do domínio de verdade ou falsidade. Qualquer conhecimento que possa ser atingido, deve ser atingido através de métodos científicos; e o que a

ciência não pode descobrir, a humanidade não pode conhecer (RUSSELL, 2009, p. 186).

No presente capítulo foi possível constatar o poder argumentativo de Bertrand Russell dirigido contra a religião e exaltando a ciência, em que se apoia. Mesmo diante de tanta rejeição à religião e aos religiosos, também percebe-se que ele esboça preocupação com as questões éticas, valoriza a verdade, a bondade e a beleza. O próximo capítulo, diferentemente dos dois anteriores, que se posicionaram ora do lado da religião ora do lado da ciência, fará uma comparação entre religião e ciência a partir da obra *Os fundamentos e Religião e ciência* de Bertrand Russell.

## CAPÍTULO 4

### RELIGIÃO E CIÊNCIA MODERNA SEGUNDO AS OBRAS *OS FUNDAMENTOS E RELIGIÃO E CIÊNCIA: UMA COMPARAÇÃO*

*Toda religião é verdadeira, de um modo ou de outro. Verdadeira quando compreendida metaforicamente. Mas se ela se aferrar às suas próprias metáforas, interpretando-as como fatos, então haverá problemas (CAMPBELL, 1990).*

*Toda palavra tem sempre um mais além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer e, atrás do que ele quer dizer, há ainda um outro querer dizer, e nada nunca será esgotado (LACAN, 1979).*

*A vitória das ideias é a vitória dos portadores materiais das ideias (BRECHT, 1979).*

Neste capítulo serão enfatizadas as particularidades em que as obras *Os fundamentos e Religião e Ciência* de Bertrand Russell se aproximam ou se distinguem, o que os discursos têm em comum ou em que divergem.

Críticas, questionamentos e oposição à religião são mais antigos do que se imagina. O filósofo Tales de Mileto (c. 625-547), considerado o primeiro filósofo do Ocidente, identificava o princípio vital com a água, ao invés de atribuir tal princípio aos deuses. O filósofo sofista Crítias (c. 460-404 a.C.)<sup>62</sup> apontou a religião como uma invenção dos políticos para controlarem o povo. No século 3 a.C., Evêmero (c. 350-290) considerou os deuses como antigos heróis divinizados. O filósofo grego Epicuro (c. 341-270 a.C.) questionou alguns atributos divinos como a onipotência, a onisciência e o amor de Deus. Seu célebre paradoxo, conhecido como “paradoxo de Epicuro”, aborda o problema do mal apresentando suas hipóteses baseado na ideia de que Deus e o mal não podem coexistir, caso Deus seja considerado onisciente, onipotente e bom. Daí surge a pergunta: se Deus tem esses atributos, por que não evita o mal? Em 1710 o filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), escreve a obra *Os ensaios de*

---

<sup>62</sup> Político, filósofo, poeta e historiador ateniense. Foi discípulo de Sócrates e tio de Platão.

*teodiceia*<sup>63</sup> sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal, abordando a moral divina e questionando a noção de livre-arbítrio e a responsabilidade de Deus diante dos homens e de tudo o que acontece no mundo. Portanto, questionamento às crenças e à religião é, em geral, um fato na história da humanidade.

Em ambos os discursos encontra-se o elemento crença. Tanto Bertrand Russell quanto os idealizadores da obra *Os fundamentos* se baseiam em uma premissa, um *a priori*, como também depositam considerável autoridade na ciência moderna, mesmo que por parte dos fundamentalistas haja um critério rigoroso de seletividade em relação aos recursos e argumentos advindos da ciência. Pode-se concluir que tais posturas de crenças, a partir de seus magistérios específicos, tornam seus discursos ideológicos. Para Eagleton, um enunciado “só se torna ideológico quando começa a envolver crenças” (EAGLETON, 1997, p. 24). O discurso ideológico produz falas como “essa proposta é uma boa coisa” ou “é uma boa opção”. Há uma relação utilitarista proposta pelo discurso. Um discurso é necessário principalmente quando há grupos rivais ou divergentes que rejeitam tal proposta alegando que semelhante coisa é ruim. É nesse momento que se estabelece o conflito ideológico.

A tabela a seguir elenca uma quantidade razoável de professores, autoridades eclesiásticas, eruditos e acadêmicos de grande projeção, demonstrando assim a importância dada pelos fundamentalistas protestantes aos títulos dos respectivos autores da obra *Os fundamentos*. Alguns desses títulos são pouco conhecidos no Brasil, como é o caso de DD, *Divinity Doctor* (Doutor em Divindade), que é conferido pelos seminários de teologias. Outros como PhD e MA, são títulos acadêmicos.

- B = *Bachelor* (Bacharel);
- L = Licenciatura;
- M = *Master* (Mestre);
- D = *Doctor* (Doutor);
- Ph = Philosophy (Filosofia);
- BD = Bacharel em Divindade;
- BA = *Bachelor of Arts* (Bacharel em Artes);

---

<sup>63</sup> Teodiceia (Gr. θεός - *theós*, “Deus” + δίκη - *dikē*, “justiça”) literalmente “justiça de Deus”. Termo cunhado pelo filósofo alemão Leibniz para embasar seu tratado sobre a liberdade humana e a origem do mal. Em teologia, é o estudo da doutrina sobre a justiça de Deus, que irá tratar da onipotência, onisciência, justiça e suprema bondade de Deus. Discute a bondade de Deus em face do mal no mundo. Geralmente parte-se da seguinte pergunta: Se Deus é onisciente (sabe de todas as coisas antes mesmo de acontecerem), é bom e onipotente (todo-poderoso), por que há o mal no mundo?

MA = *Master of Arts* (Mestre em Artes);

LLD = *Licenciatura Legum Doctor* (Licenciatura Lei Doutor);

Prof. = Professor;

Rev. = Reverendo;

A titularidade dos autores de *Os fundamentos* reforça a concepção faircloughiana da tecnologia discursiva presente na Análise do Discurso Crítica. Esse recurso permite que os agentes do discurso, conhecedores especializados em linguagem, utilizem seus conhecimentos técnicos e até mesmo científicos para implementar as práticas discursivas, dito de outra forma, são os mecanismos do conhecimento utilizados de forma precisa e explícita com o potencial de transformar o conhecimento em poder, que, por sua vez, tornam-se agentes de transformação da vida humana, alterando a sociedade à que se dirige, potencializando e manipulando o discurso religioso, agora sob o controle de tecnólogos e especialistas do discurso. Tais eruditos têm a capacidade de transformar e conduzir a sociedade por meio dos argumentos refinados, próprios de quem é especialista no assunto. Alguns desses argumentos adentram o mundo científico, tornando a discussão entre religião e ciência equilibrado, principalmente aos olhos dos ouvintes de tais discursos.

<b>Autores</b>	<b>Títulos acadêmicos</b>				<b>Tít. Seminários</b>	
Amzi Clarence Dixon					DD	Rev.
Andrew C. Robinson			MA			
Arno Clemens Gaebelein					DD	
Arthur T. Pierson					DD	
Benjamim Breckinridge Warfield		LLD		Prof.	DD	
Canon Dyson Hague			MA			Rev.
Canon G. Osborne Troop			MA			
Charles Bray Williams	BD			Ph.D.	Prof.	
Charles Gallaudet Trumbul						
Charles Rosenbury Erdman				Prof.	DD	
Cyrus Ingerson Scofield					DD	
David James Burrell		LLD			DD	Rev.
David Heagle				PhD	Prof.	DD
Edgar Young Mullins		LLD			DD	Pres.
Edward John Stobo, Jr.	BA	STD				Rev.
Franklin Johnson,		LLD		Prof.	DD	
Jean Frédéric Bettex (Trad: David Heagle)				Prof.	DD	
George Campbell Morgan					DD	Rev.
George Frederich Pentecost					DD	Rev.
George Fredirich Wright		LLD		Prof.	DD	
George L. Robinson				Prof.	DD	
George Sales Bishop					DD	Rev.
George William Lasher		LLD			DD	Rev.
H. M. Sydenstricker,				PhD		Rev.
Handley C. G. Moule					DD	
Henry Weston Frost						Rev.
Howard Crosby						
James Martin Gray					DD	Rev.
James Orr				Prof.	DD	
John Charles Ryle					DD	
John McGraw Foster						Rev.
John McNichol	BA / BD					Rev.
John Stock						
John Timothy Stone,					DD	Rev.
Joseph Dawson Wilson,				Prof.	DD	
Leander Whitcomb Munhall			MA		DD	
Melvin Grove Kyle		LLD			DD	
Philip Mauro						
Robert Elliott Speer						
Ruben Ancher Torrey					DD	Rev.
Sir Robert Anderson		LLD	KCB			
Thomas Boston						
Thomas Spurgeon						Rev.
Thomas Whitelaw			MA		DD	Rev.
Thomas William Medhurst						
W. J. Erdman,					DD	Rev.
William Caven,		LLD			DD	
William Gallogly Moorehead					DD	Rev.
William Henry Griffith Thomas				Prof.	DD	
William. C. Procter				FPh		Rev.

Tabela 6: As referências acadêmicas atribuídas aos autores da obra *Os fundamentos* na respectiva obra.

## 4.1 Os dois lados da história

No início do século 20 tanto a religião como a ciência, através de seus representantes, apresentaram seus discursos defendendo seus ideais. De um lado, em uma postura bastante progressista, os defensores da ciência moderna, abertos às novidades e apostando em uma mudança radical de postura da humanidade rumo ao progresso e ao desenvolvimento industrial e científico, cada vez menos dependente da religião. Alguns cientistas, como Bertrand Russell, adotaram uma postura que favorecia um processo de desconstrução frente a religião, sempre assumindo uma posição de ataque. Lendo sua obra *Religião e ciência*, percebem-se os diversos ataques diante de uma postura de intolerância sem a intenção de se esforçar em lançar um olhar de compreensão e tolerância ou atribuir valor à religião como outra fonte capaz de conferir sentido ao ser humano assim como ele entendia ser a ciência. Do outro lado, havia os religiosos de postura mais conservadora, preocupados com os valores morais e éticos oriundos dos ensinamentos bíblicos, para eles, necessários e suficientes até então. Estes adotaram posição de defesa quanto aos ataques da ciência moderna.

Alguns cientistas, inconformados com a postura conservadora dos religiosos da época, e às vezes devido ao histórico de arrogância e intolerância de alguns líderes religiosos, como por exemplo, no Tribunal da Santa Inquisição, que funcionou durante a Idade Média, viam na religião um atraso desnecessário. Bertrand Russell entendia que a fonte intelectual do conflito residia nas crenças dos líderes religiosos da época. Segundo ele: “a mordacidade da oposição surgiu da ligação das crenças com as Igrejas e com os códigos morais” (RUSSELL, 2009, p. 2). E em tom de ironia, afirmou: “Aqueles que questionaram as crenças tiveram menor ganho espiritual” (RUSSELL, 2009, p. 2).

Alguns elementos apontados por Fairclough na Análise do Discurso Crítica podem ser identificados no discurso de Bertrand Russell. Na controvérsia sobre a data de origem do Universo proposta pelo Arcebispo James Usher, especificamente quando do surgimento de Adão e Eva formados no mês de outubro, diz Russell: “O dia da semana, como todos sabem, foi sexta-feira, já que Deus descansou no sábado” (RUSSELL, 2009, p. 35). Logicamente, na qualidade de ateu, Russell não acredita nessas informações advindas da religião. Essa afirmação portanto é uma ironia, recurso muito utilizado nos discursos ideológicos. Outra ironia por parte de Russell em seu discurso sobre a Teoria da Evolução — posição rejeitada pelo fundamentalismo protestante — surge diante da discussão sobre os animais desconhecidos

encontrados durante a época dos descobrimentos. Alguns teólogos sugeriram que algumas raposas (acias) e outras feras teriam sido geradas da lama pela ação do Sol. Argumenta Russell:

Mas infelizmente não há nenhuma insinuação disto no relato sobre a arca, mas para isso parecia não haver solução. Como poderia a preguiça, por exemplo, tão lenta em seus movimentos como seu nome já diz, ter alcançado a América do Sul, sendo originária do Monte Ararat? (RUSSELL, 2009, p. 46).

Aqui percebe-se a utilização da ironia por parte de Bertrand Russell. Esse recurso utilizado em seu discurso tenta descaracterizar as afirmações feitas pelos religiosos. Até mesmo utiliza palavras do meio religioso: quando disse que pode-se acreditar em tal informação sem correr o risco de cair em “heresia”. Conclui seu argumento dizendo que “todos” sabem o dia da semana em que o mundo fora criado, sexta-feira, pois Deus descansou no sábado. Nas palavras de Bertrand Russell, além da ironia, percebem-se sarcasmo e intolerância, figuras muito comuns entre fundamentalistas. Isso aponta para um fundamentalismo científico, assunto a ser tratado em seguida.

## 4.2 Intolerância

Ser fundamentalista<sup>64</sup> não é exclusividade de religiosos. Como também não é exclusividade dos grandes monoteísmos Karen Armstrong (2001, p. 9). Um cientista de nossa época que tem feito muitas acusações e ataques contra os teístas, principalmente contra os cristãos protestantes, é o zoólogo, etólogo e evolucionista Clinton Richard Dawkins (2007) e Atualmente, é um renomado escritor e entre seus livros encontra-se o *best-seller* mundial *The God delusion*, traduzido no Brasil com o título: *Deus um delírio*. Na capa dessa obra está escrito: “Um ataque brilhante à onda de superstição que mais uma vez percorre o mundo, pelo grande cientista que, ao longo de sua carreira, tem demonstrado força da razão sóbria e incisiva para explicar a vida”. No *site* da *BBC News*<sup>65</sup> consta uma frase sua no mínimo provocante: “*the evidence for evolution is so strong that in order not to believe in evolution you must either be*

---

<sup>64</sup> Fundamentalista aqui tem sentido amplo, como o sentido utilizado pela mídia em geral para se referir a religiosos radicais de posições ideológicas ou religiosas extremadas como os do oriente próximo, por exemplo. O que difere substancialmente do termo fundamentalismo protestante.

<sup>65</sup> [http://news.bbc.co.uk/2/hi/in\\_depth/7619202.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/in_depth/7619202.stm) (Acesso em: 17 Jul. 2014).

*ignorant, stupid or insane*".<sup>66</sup> Frases desse tipo indicam a postura inflexível, desrespeitosa e intolerante de alguns cientistas fundamentalistas.

Na introdução da obra *Religião e ciência* de Bertrand Russell, escrita pelo biólogo e filósofo inglês Michael Ruse<sup>67</sup>, há um discurso ideológico sobre a relação entre religião e ciência muito curioso. Ruse diz que “devemos observar que esta é uma guerra em que a ciência vem obtendo vitórias, e todos deveriam agradecer por este resultado. Com o desaparecimento da religião, vai-se a superstição, a opressão e o ódio” (RUSSELL, 2009, p. xi). Esse é um discurso ideológico com pretensões hegemônicas em prol da ciência. Algumas coisas devem ser consideradas. Primeiro, Ruse parte do princípio de que há uma guerra entre ciência e religião. Essa afirmação é questionável, pois não é válida para todas as religiões nem tampouco para todos os cientistas, já que há cientistas religiosos. Segundo, se realmente há uma guerra entre religião e ciência, esse é um discurso unilateral, pois seria necessário ouvir a opinião da outra parte. Terceiro, quando ele diz: “todos deveriam agradecer” coloca-se em posição de superioridade em relação aos religiosos além de subestimar a capacidade destes em escolherem suas crenças e responderem por si. Estes, não só tem o direito de se manifestar quanto a essa suposta “guerra”, como devem apresentar suas opiniões para que haja equilíbrio no discurso. Por último, há um menosprezo generalizado pelas religiões ao afirmar que com o desaparecimento destas, iriam embora a superstição, a opressão e o ódio. Seriam as religiões responsáveis por esses três elementos negativos para a sociedade? Ou ainda, se fosse possível acabar com as religiões, esses elementos nocivos sumiriam? Logicamente não. Se fosse perguntado a um protestante de orientação fundamentalista se concordaria com a afirmação de Michael Ruse, logicamente a resposta seria um altissonante não! Os seus argumentos é que trazem todos os elementos necessários para se iniciar uma guerra. Também há um ar de desprezo em relação à religião que vai além da ironia, chega a ser um comentário sarcástico. Além disso, seus comentários estão repletos de intolerância, elemento presente nos conflitos ideológicos com pretensões de se instalar uma hegemonia.

---

<sup>66</sup> “A evidência a favor da evolução é tão forte que, para não acreditar na evolução ou você deve ser ignorante, estúpido ou insano”. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7619202.stm>. (Acesso em: 17 Jul. 2014).

<sup>67</sup> Filósofo inglês e pesquisador na área da biologia, conhecido mundialmente pelos seus artigos sobre controvérsias envolvendo a sociobiologia e a psicologia evolucionista. É fundador do periódico *Biology and Philosophy*. Publicou numerosos livros e artigos, entre os mais recentes encontra-se *Charles Darwin* (2007); *Cambridge Companion to the Origin of Species* (2008); *Reflections on the Origin of Species* (2008); e *Science and Spirituality: Making Room for Faith in the Age of Science* (2010). Obras publicadas em português: *Sociobiologia: senso ou contra-senso?* (1983); e *Levando Darwin a sério – Uma abordagem naturalística da Filosofia* (1995). Atualmente é professor no Departamento de Filosofia da Florida State University.

Completando sua sentença ideológica, Michael Ruse afirma que “Com o sucesso da ciência, a compreensão, a liberdade e o amor despontam” (RUSSELL, 2009, p. xi). Nesse trecho percebe-se uma certa ingenuidade, pois o sucesso da ciência também é questionável. Que houve progresso na ciência não é possível negar, mas, progresso e sucesso são duas coisas diferentes. Chegou-se a algum lugar, mas não necessariamente pode-se afirmar que a ciência moderna logrou total êxito em sua empreitada. A degradação em que se encontra o planeta é um indício de que a ciência trouxe alguns malefícios à humanidade. Mesmo argumentando-se que a ciência é neutra e que a humanidade é que fez mau uso das técnicas científicas, o mesmo pode-se dizer da religião. Poderia se argumentar que a religião em si é boa, os homens é que fazem mau uso dela.

Uma atitude que poderia contribuir com o fim das guerras ideológicas seria a tolerância. Parece que a intolerância é a causadora de grande parte dos conflitos existentes no mundo. Alguns conflitos não são por acúmulo de coisas materiais, por comida ou sobrevivência, e sim por causa da intolerância, que traz consigo a incapacidade de aceitar o outro como ele é, além de contribuir com as segregações por etnia, gênero, cor, orientação sexual e crenças religiosas.

Os autores de *Os fundamentos*, na condição de ortodoxos — lembrando que o termo fundamentalismo protestante só vem a existir após a publicação da obra *Os fundamentos* —, também se posicionam quanto à importância do racionalismo e do conhecimento na modernidade. Dizem eles: “O racionalismo tem seus estudiosos? A posição ortodoxa também os tem. E estes não deixam nada a desejar aos que esposam o ponto de vista moderno” (TORREY, 2005, p. 21).

### **4.3 Tolerância entre religião e ciência**

Para Stephen Jay Gould, a ciência e a religião são dois magistérios distintos e um não deve interferir no magistério do outro, o que ele chama de MNI “magistérios não-interferentes”. Para ele, “Cada área de investigação emoldura suas próprias regras e suas próprias questões admissíveis, estabelecendo critérios próprios para o julgamento e a solução” (GOULD, 2002, p. 47-48).

Gould faz duas afirmações preliminares em sua concepção sobre a relação entre a ciência e a religião como magistérios não-interferentes: “essas duas áreas têm um status igualmente válido e necessário para qualquer vida humana completa; segundo, elas são logicamente distintas e inteiramente separadas em seus estilos de investigação, não importa

quanto e quão estreitamente devemos integrar as noções dos dois magistérios para construir a visão rica e completa da vida chamada tradicionalmente de sabedoria” (GOULD, 2002, p. 52).

É possível estabelecer interação entre religião e ciência evitando conflitos desnecessários. São dois aspectos da vida social, duas áreas importantíssimas e necessárias que conferem significado à humanidade e que têm muito em comum. Ambas investem principalmente na superação do sofrimento humano. Havendo humildade e respeito de ambas as partes é possível se estabelecer uma relação de complementaridade. Do lado da ciência, o papel da arqueologia, por exemplo, é de grande serventia para compreensão das comunidades antigas que teceram a história da Bíblia Sagrada. Aqui percebe-se a ciência contribuindo com a religião. Mas quando o universo da lógica e das possibilidades científicas não nos alcança e falha, mostrando-se incompetente para solucionar problemas como o sofrimento pela perda de um ente querido ou na iminência da morte e outros problemas dessa magnitude, abre-se espaço para outras possibilidades, como a transcendência humana, espaço próprio da espiritualidade e da fé. A mensagem cristã é um belíssimo exemplo. Quando os judeus e líderes romanos negligenciaram os mais pobres, Jesus se apresentou como possibilidade de superação entre eles, apresentando o reino de Deus. Um reino em que os pobres e necessitados tinham vez e podiam alcançá-lo. Ao longo da história o cristianismo primitivo toma corpo entre grandes instituições, como foi o caso da aproximação com o Império Romano. Depois o próprio cristianismo, aos poucos, vai tomando feições próprias e tornando-se a grande instituição religiosa do Ocidente. Em suas pretensões hegemônicas de tornar-se a religião universal<sup>68</sup>, acaba por desviar-se da sua mensagem primitiva, despertando oposições internas, ocasionando grandes divisões, como o Cisma de 1054, dividindo-se entre Ocidente e Oriente, e uma segunda, em 1517, com a Reforma Protestante. O cristianismo ocidental segue em duas frentes distintas, católicos e protestantes. Os primeiros mantêm-se como unidade, preservando suas características mais centrais; no entanto, os protestantes mantêm características de autonomia e protesto e sempre que há divergências internas dividem-se em uma nova denominação. Nessas subdivisões consecutivas, surgem nos EUA, no início do século 20, os fundamentalistas, objeto do presente estudo. Estes, em alguns aspectos, rejeitam as afirmações da ciência, principalmente aquelas que questionam as doutrinas protestantes e estabelecem uma relação de conflito. A hipótese é que o conflito é desnecessário e que há a possibilidade de diálogo entre esses dois magistérios tão distintos, mas tão necessários e caros à humanidade.

---

<sup>68</sup> “A unidade da Igreja era um reflexo da unidade do Império Romano” (RUSSELL, 2013. p. 13 ).

Na relação entre as obras *The fundamentals* e *Religião e ciência* de Bertrand Russell, no que diz respeito à religião cristã e à ciência moderna, ambas as obras fazem opção pelo cientificismo, enxergando a ciência como um magistério capaz de conferir autoridade e discernimento à humanidade. Por um lado, Russell deposita toda autoridade na ciência, rejeita e ironiza os argumentos da religião, principalmente os argumentos cristãos, chegando mesmo a afirmar que a relação entre religião e ciência é de conflito. Já os fundamentalistas são seletivos e utilizam as afirmações científicas, somente até ao ponto em que elas não contrariem suas crenças mais fundamentais. Há seletividade quanto aos assuntos científicos abordados. Podem se valer de dados científicos da arqueologia ou da história para asseverar relatos bíblicos, mas rejeitam as afirmações científicas da origem do Universo, a idade da Terra e a Teoria da Evolução, fazendo opção pelo criacionismo, conforme a interpretação literal de Gênesis capítulos 1 e 2.

#### **4.4 Cientificismo como ideologia**

O cientificismo é um posicionamento ideológico atribuído à ciência como forma de saber superior, ideal conferido pelo positivismo no século XIX. Essa concepção reivindica para a ciência status de superioridade sobre todas as outras formas de compreensão humana da realidade, como a religião, a filosofia, a metafísica, as ciências humanas e todas as áreas do saber e da cultura, seja de cunho intelectual, ético ou moral. Tal ideologia preconiza que a ciência não apenas pode como deve conhecer tudo. Logicamente que isso não é possível, pois ainda há muitos mistérios, segredos e enigmas inalcançados pela ciência — a origem da vida, apenas para citar uma das questões complexas ainda sem solução — é um belíssimo exemplo da incapacidade da ciência em conhecer tudo. Cientistas mais cautelosos não adotam tal posicionamento, essa é uma postura presente no senso comum. É a mitologia da ciência. É um verdadeiro mito presente no âmbito da ciência: se não tiver comprovação científica não tem validade. Por se tratar de uma crença em que o crente cientificista enxerga os resultados científicos como espetaculares e miraculosos e como uma forma de poder, de certa forma, guarda relação com a religião, pois se trata de um artigo de fé, destituído de comprovação científica.

O cientificismo, portanto, não é um conceito científico, mas uma ideologia presente no senso comum. Tal ideologia atribui à ciência status de conhecedora da verdade, alimentando a pretensa ilusão de neutralidade científica. Trata-se de neologismo, uma crença infundada que

não encontra respaldo nem na própria ciência para se sustentar como fato. É uma concepção de alguns adeptos da ciência. Em linhas gerais, o cientificismo “pensava a ciência como a busca da verdade a partir da rigorosa observação empírica, sem o uso da imaginação ou de emoções. Hoje, essa ideologia do progresso ainda existe, mas cada vez mais os pensadores começam a perceber que a racionalização e o cientificismo não libertaram o homem” (SILVA, 2009, p. 58). Kalina Silva chama a atenção para o fato de que as forças produtivas do capitalismo sob a égide da ciência, estimuladas pelo saber científico-tecnológico, contribuíram significativamente com a dominação predatória do ser humano sobre a natureza e até mesmo do ser humano sobre seu semelhante. Diz ela: “Sabemos hoje que a técnica e a ciência não são neutras, e servem àqueles que a possuem e manipulam (SILVA, 2009, p. 58). O poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht (1898-1959) diz que “A vitória das ideias é a vitória dos portadores materiais das ideias”.

#### **4.5 Evidências sobre Deus – uma questão aberta**

O tema da existência ou inexistência de Deus acendeu grandes fogueiras nos palcos das discussões entre religião e ciência, mas ainda está longe de se chegar a um consenso. Nem um dos dois magistérios tem a última palavra sobre o assunto. Essa ainda é uma questão em aberto. Enquanto a ciência se limita a pesquisar sobre o que é mensurável, verificando como as coisas funcionam, do outro lado há a religião, trabalhando com conceitos distantes da ciência. Por definição, o Deus da Bíblia é espírito. “Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade” (Jo 4:24). Significa que não cabe em laboratório algum. Não é possível colher dados como: densidade, cheiro, cor, tamanho, peso, volume, idade, entre outros. Os cristãos, ao se referirem a Deus, costumam dizê-lo poeticamente com uma infinidade de definições. Outros referem-se a Deus pelo que ele não é, mas quanto ao que ele é, se é, ou quem é, não há uma última palavra que satisfaça a todos. A história é testemunha do deslocamento da função e do conceito Deus entre os cristãos. Até a Idade Média, Deus ocupou lugar central na humanidade. Na modernidade, o ser humano disputa essa posição de centralidade e, atualmente, falando-se em pós-modernidade, já não é possível afirmar com exatidão qual é o papel de Deus e do ser humano devido a grande diversidade e pluralidade religiosa. Já não é tão fácil para as ciências sociais e os institutos de estatísticas e pesquisas classificarem pessoas e grupos a partir das crenças ou não crenças. Com o intuito de colocar cada magistério em seu devido lugar, o professor James Orr entende que:

As coisas naturais são tomadas como estão determinadas e, em uma linguagem simples e popular, como nós mesmos falamos diariamente delas. O mundo que a Bíblia descreve é o mundo que os homens conhecem e vivem nele, e é descrito como aparece, não como, em suas pesquisas recônditas, a ciência nos revela, sua constituição interna. Sábios expositores da Bíblia, jovens ou velhos, sempre reconheceram isto e não tentaram levar sua linguagem mais adiante. Tomemos apenas um exemplo, João Calvino, que escreveu, antes que o sistema copernicano de astronomia obtivesse aceitação comum, em seu comentário sobre o primeiro capítulo de Gênesis, essas sábias palavras: “Aquele que quiser aprender astronomia e outras artes recônditas”, disse ele, “deixe-o que vá a outro lugar. Moisés escreveu coisas em estilo popular que qualquer pessoa comum, sem instrução, mas dotada de senso comum pode entender. [...] Ele não nos chama para o céu, ele apenas propõe coisas que estão abertas diante de nossos olhos (TORREY, 2005, p. 135).

Esse posicionamento é interessante, coaduna-se com a percepção do cientista e paleontólogo Stephen Jay Gould<sup>69</sup>. Religião e ciência como dois magistérios distintos e não interferentes. Quando o professor James Orr admite que o mundo que a Bíblia descreve, em uma linguagem simples e popular, é o mundo em que a humanidade descreve tal como o vivencia, e não como as pesquisas científicas o descreve, contribui para estabelecer limites entre religião e ciência, além de evitar conflitos desnecessários. A dificuldade se estabelece quando qualquer dos partidários desses magistérios tentam opinar ou intervir no outro. Mais grave ainda do que tentar intervir ou opinar no magistério alheio é adotar uma postura de intolerância, como o fez Richard Dawkins ao afirmar que “A evidência a favor da evolução é tão forte que, para não acreditar na evolução ou você deve ser ignorante, estúpido ou insano”<sup>70</sup>. Dificilmente essa afirmação irá produzir diálogos, muito menos frutos. Pelo contrário, apenas irá despertar a indignação dos religiosos, impossibilitando qualquer aproximação amistosa desses dois magistérios.

---

<sup>69</sup> Vide página 143, Tolerância entre religião e ciência.

<sup>70</sup> Vide página 141, Intolerância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das obras *Os fundamentos*, editada por Reuben Archer Torrey, e *Religião e ciência*, escrita por Bertrand Russell, apontaram muitos desencontros no que diz respeito à discussão entre religião e ciência. Não resta dúvida que o contexto em que os autores das duas obras se encontravam ainda era de muitas superstições, mas a humanidade caminhava a passos largos rumo a um novo mundo repleto de novidades. A cosmovisão ocidental cristã no final da Idade Média testemunhava uma nova época, o teocentrismo dava lugar ao antropocentrismo. Ao invés de Deus ocupando o centro do Universo, agora o homem reivindicava tal status. O mundo cristão encontrava na ciência moderna uma forte concorrente apta e desejosa em explicar os grandes questionamentos da humanidade. Ao invés de longas orações pedindo cura para um ente querido, agora havia os avanços da medicina oferecendo soluções imediatas, fosse por meio da intervenção cirúrgica, administração de medicamentos ou vacinas. Ao invés de se buscar ajuda espiritual para que a plantação desse uma boa colheita, agora era possível recorrer aos conhecimentos científicos para otimizar o investimento agrícola. A cristandade precisou se adaptar aos novos tempos. Muitos protestantes se recusaram a aceitar algumas novidades, principalmente aquelas advindas da ciência moderna.

Tanto a obra *Os fundamentos* como *Religião e ciência* apresentaram alguns pontos em comum em relação à ciência moderna. A mesma ciência que deu suporte a Bertrand Russell para proferir golpes contra a religião, encontrou morada entre os protestantes fundamentalistas que a utilizaram — mesmo sendo seletivos — para revidar os golpes dos cientistas contrários à religião. Se o meio científico teve seus eruditos, os fundamentalistas também os tiveram. Verificando a tabela 6 (p. 138), é possível constatar a quantidade de títulos pertencentes aos apologistas do fundamentalismo. Também percebe-se a quantidade de livros apologéticos voltados a responder os questionamentos da ciência moderna. Alguns dos autores são autoridades em suas áreas de conhecimentos, por exemplo, Reuben Archer Torrey é um profundo conhecedor do grego e do hebraico. David Heagle tem um título acadêmico de PhD e um título em seminário bíblico de Doutor em Divindade. O missionário americano Arthur Tappan Pierson, conhecedor das línguas originais da Bíblia Sagrada, empreendeu conjuntamente com Cyrus Ingerson Scofield a edição da mundialmente conhecida Bíblia de Referência Scofield, chegando a escrever mais de cinquenta livros. Outro escritor com um currículo invejável é o americano George Frederick Wright. Atuou como geólogo assistente do

serviço geológico da Pensilvânia, sendo eleito membro da Sociedade Geológica da América em 1890. Wright, como autoridade no assunto, escreveu inúmeras obras na área de geologia.<sup>71</sup>

O outro ponto em comum entre as duas obras é o poder do discurso dos seus autores. Com o auxílio da Análise do Discurso Crítica apresentada por Norman Fairclough, foi possível identificar a dinâmica utilizada por seus interlocutores, a tecnologização discursiva. A erudição dos autores proporcionou argumentos muito bem elaborados e lógicos, mesmo entendendo que no campo da religião a lógica não é uma prerrogativa, diferente do que ocorre com a ciência moderna. A capacidade argumentativa dos dois lados é muito forte e muito bem embasada. Todos os enunciadores dos discursos são muito bem preparados.

Trazendo a análise da presente pesquisa para os dias atuais, um fato chama a atenção. Mesmo levando em consideração a distância em que nos encontramos do movimento fundamentalista do início do século passado, muitas igrejas de nossos dias se voltaram para tal postura doutrinária. Fazendo uma pesquisa rápida na *internet* é possível constatar que os movimentos protestantes fundamentalistas não são coisas do passado. Estão bem vivos e atuantes. Não se trata de pentecostalismo ou denominações radicais em suas posturas doutrinárias. Várias denominações históricas como batistas e presbiterianos não só se voltaram para o fundamentalismo enquanto doutrina, mas reaproveitaram tal designação para intitular suas comunidades protestantes. É possível encontrar as mais diversas aproximações de igrejas de nossos dias com o fundamentalismo protestante. Além das igrejas históricas também é possível encontrar: Igreja Fundamentalista de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Fundamentalista; Igreja Batista Fundamentalista Bíblica; Igreja Fundamentalista Cristo é Vida; Igreja Presbiteriana Fundamentalista; Fundamentalista do Brasil; Igreja Cristo Fundamentalista, além de outras. Também é possível encontrar associações de igrejas fundamentalistas e seminários como o Seminário Presbiteriano Fundamentalista.

Na chegada do novo milênio, percebe-se indícios de uma retomada no diálogo entre cientistas e teólogos. Alguns temas são amplamente debatidos nos dias atuais como forma de contemplar o binômio religião e ciência moderna. Alguns autores se debruçam sobre o assunto e formulam diálogos pertinentes ao atual assunto. Muitas obras contemplam o diálogo entre religião e ciência de forma equilibrada, responsável e com fortes traços de tolerância à crença

---

<sup>71</sup> Vide página 123.

alheia. Não é necessário que haja disputa ou conflito entre religião e ciência. Ambas guardam suas diferenças, mas ao mesmo tempo apresentam semelhanças, interessam-se pelo mistério da vida e buscam respostas para as mesmas perguntas, por exemplo, qual é o sentido da vida?, de onde viemos?, para onde vamos? e há vida após a morte? Os dois magistérios, se bem trabalhados, poderão contribuir com os anseios próprios da humanidade, sem que seja necessário estabelecer embates acalorados ou até mesmo intolerância pela opção do outro.

Os fundamentalistas, ao fazerem opção pelo historicismo e pelo cientificismo, acabaram negligenciando o poder das metáforas e dos mitos. Esses são elementos essenciais e caros às religiões. Tais elementos, quando bem trabalhados, contribuem sobremaneira para a compreensão das questões existenciais que tanto afligem a humanidade. Diversos profissionais dedicaram-se a essas duas áreas e atualmente pode-se encontrar vasto material sobre o assunto. A compreensão desses dois elementos evita uma interpretação dos textos sagrados de forma literal. A subjetividade própria desses dois campos abre espaço para o fantástico, o maravilhoso, o belo, o criativo, o artístico. O livro de Apocalipse exemplifica bem o valor desses elementos. Resta-nos as escolhas. Pois estamos fadados a ter que fazer escolhas.

Mesmo com o advento da secularização da sociedade moderna, a religião, ao contrário do que os positivistas adeptos da racionalidade cientificista esperavam, continua em plena atividade e constantemente é objeto de relevantes estudos acadêmicos por grandes pesquisadores abordando temas contemplando religião, espiritualidade, ciência e modernidade, como é o caso da obra *Mística e sociedade*, publicada pelos brasileiros Carlos Eduardo Sell, Doutor em Sociologia Política e por Frans Josef Brusk, Dr. Phil. e professor de Sociologia. Outra obra relevante que dialoga com a modernidade foi publicada pela socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger<sup>72</sup>, especialista em religião, autora da obra *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, editado pela editora Petrópolis em 2008. Mais especificamente sobre o fundamentalismo protestante, recentemente foi publicada por alunos da pós-graduação e professores da Universidade Metodista de São Paulo, a partir de grupo de pesquisa sobre o tema, a obra *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*, pela editora Fonte Editorial. Ambas as obras constituem referencial bibliográfico da presente pesquisa. Esses estudos vêm a comprovar que a racionalidade tão propalada na modernidade e o cientificismo tão desejado não foram capazes de alcançar todos os registros da vida social. Tomando como parâmetro o

---

<sup>72</sup> Socióloga, é administradora da Escola de Economia de Paris. Ex-diretora de Pesquisa no Centro Nacional da Pesquisa Científica, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, e diretora do Centro de Estudos Interdisciplinares dos Fatos Religiosos.

contexto científico do início do século presente no discurso de Bertrand Russell, um dos representantes da modernidade e da ciência moderna retratado na presente pesquisa, percebe-se que a ciência moderna não alcançou o tão esperado momento de afastamento do homem moderno da sua “menoridade culpada”, como apontava Kant, rumo às ideologias dos livres pensadores da modernidade.

O movimento fundamentalista como fenômeno religioso também não se rendeu às novidades da modernidade. É possível ainda hoje constatar grupos religiosos adotando a mesma postura dos fundamentalistas do início do século passado. Espera-se que novos ventos cheguem repletos de tolerância para que ciência e religião possam estabelecer suas práticas, mas sempre reservando um espaço para o diálogo. O que não foi possível constatar nos discursos envolvendo os autores de *Os fundamentos* e *Religião e ciência*. Que venham os novos ventos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no Riso*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- ARMOSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa de Deus: o que a religião realmente significa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BARBOUR, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BETTEX, Jean Frédéric. *Natur und Gesetz*. Bielefeld, Leipzig: Velhagen & Klasing, 1905.
- \_\_\_\_\_. *Das erste Blatt der Bibel*. Stuttgart: J. F. Steinkopf, 1906.
- \_\_\_\_\_. *Naturstudium und Christentum*. Striegau: Urban: 1921.
- \_\_\_\_\_. *Symbolik der Schöpfung und ewige Natur*. Bielefeld: Velhagen & Klasing, 1898.
- \_\_\_\_\_. *Das Lied der Schöpfung*. Stuttgart: J. F. Steinkopf, 1906.
- \_\_\_\_\_. *Die Bibel Gottes Wort*. Stuttgart: J. F. Steinkopf, 1903.
- \_\_\_\_\_. *Glaube und Kkritik*. Leipzig: H. Haacke, 1896.
- \_\_\_\_\_. *Glaube und Kritik: ein Wort an die Gläubigen*. Striegau: T. Urban, 1923.
- \_\_\_\_\_. *Zweifel?* Stuttgart: J. F. Steinkopf, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Das Buch der Wahrheit*. Striegau: Theodor Urban, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Von der Größe des dreieinigen Gottes*. Theodor Urban, 1912.
- \_\_\_\_\_. *Das Ende. Die letzten Dinge nach der Schrift*. Bad Homburg: W. Wiegand & Co., 1919.
- \_\_\_\_\_. *The six days of creation in the light of modern science*. Burlington: Lutheran Literary Board, 1924.
- BETTEX, Jean Frédéric. A Bíblia e a crítica moderna. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg *et al.* Introduções biográficas de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 31-35.
- BETTO, Frei, GLEISER, Marcelo, FALCÃO, Waldemar. *Conversa sobre a fé e a ciência*. Rio de Janeiro, Agir: 2011.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1998.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BONI, Luis Alberto De. (Org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- BRAGA, Marco. *Breve história da ciência moderna, volume 1: convergência de saberes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Breve história da ciência moderna, volume 2: das máquinas do mundo ao universo-maquina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Breve história da ciência moderna, volume 3: das luzes ao sonho do doutor Franknsatein*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Breve história da ciência moderna, volume 4: A belle-époque da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRAIT, BETH. SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.
- BROCKELMAN, Paul. *Cosmologia e criação: a importância espiritual da cosmologia contemporânea*. São Paulo: 2001.

- BROOKE, John Hedley. *Ciência e Religião: algumas perspectivas históricas*. Coleção História e Filosofia da ciência. Porto - Portugal, Porto Editora, 2003.
- CAMARGO, César da Silva. *A força político-sacralizadora do fundamentalismo. EUA (1980-1930)*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior. Programa ecumênico de pós-graduação em ciências da religião. 1989. [Dissertação]
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A jornada do herói*. São Paulo: Agora, 2003.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CAIRNS, Earle. E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. *Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político*. En publicacion: Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania. Atilio A. Boron, 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Departamento de ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Abril 2006.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. (37ª ed.) São Paulo: Editora Brasiliense, ou 1994.
- CHOPRA, Deepak. *Ciência X espiritualidade: dois pensadores, duas visões de mundo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CHUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa (2ª Ed.)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- CUNNINGHAM, Conor. “Did Darwin Kill God?” (Doc. da BBC), 2009.
- RUSE, Michael e REZNICK, David. *Reflections on the Origin of Species*. Princeton: Princeton University Press, 2008;
- \_\_\_\_\_. *Cambridge Companion to the Origin of Species*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008;
- \_\_\_\_\_. *Charles Darwin*. Oxford: Blackwell, 2007;
- \_\_\_\_\_. *Levando Darwin a sério – Uma abordagem naturalística da Filosofia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Science and Spirituality: Making Room for Faith in the Age of Science* Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Sociobiologia: senso ou contra-senso?* Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1983;
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DREHER, Martin Norberto. *Fundamentalismo*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2006.
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. Lisboa, Portugal: 1993.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA DO BRASIL. Nova Barsa CD. São Paulo, 1998. 1CD-ROM.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Boi Tempo, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.
- \_\_\_\_\_. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003. Simultaneously published in the USA and Canada by Routledge. New York, 2003.
- FOCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.
- GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de Criação ao Big Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GONZALEZ, Justos L. *Uma história do pensamento cristão: da Reforma Protestante ao século 20*. Vol. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- GOULD, Stephen Jay. *Pilares do Tempo: ciência e religião na plenitude da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- HAGUE, Canon Dyson. O valor doutrinal dos primeiros capítulos de Genesis. TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introduções biográficas de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 105-119.
- \_\_\_\_\_. *The story of the english prayer book: its origin and developments*. London, Longmans, Green, 1926.
- HEAGLE, David. *The tabernacle in the wilderness: did it exist?* Philadelphia, American Baptist publication Society, 1898.
- \_\_\_\_\_. *The Bremen lectures on great religious questions of today*. Philadelphia: American Baptist Publication Society. 1978.
- \_\_\_\_\_. *That Blessed hope: the second coming of Christ considered with special reference to post-millennial and pre-millennial discussions*. Philadelphia: American Baptist Publication Society, 1907.
- \_\_\_\_\_. *The Lord God of Elijah: or, the true Biblical doctrine of God as opposed by evolution: a great question of today*. Burlington: German Literary Board, 1916.
- \_\_\_\_\_. *Do the dead still live?: or the testimony of science respecting a future life*. Philadelphia: Judson, 1920.
- \_\_\_\_\_. *The problem of the Old Testament: considered with reference to recent criticism*. New York: C. Scribner's Sons, 1906.
- \_\_\_\_\_. *The Resurrection of Jesus*. London: Hodder and Stoughton, 1908.
- \_\_\_\_\_. *David Hume and his influence on philosophy and theology*. Edinburgh, T. & T. Clark, 1903.
- \_\_\_\_\_. *God's image in man and its defacement in the light of modern denials*. New York: A. C. Armstrong and Son, 1908.
- \_\_\_\_\_. *Holy Scripture and modern negation*. Toronto: L.S. Haynes Press, 1909.
- \_\_\_\_\_. *The early narratives of Genesis*. Toronto: L.S. Haynes Press, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Ritschlianism: expository and critical essays*. London: Hodder & Stoughton, 1903.
- \_\_\_\_\_. *The virgin birth of Christ*. London; New York: Hodder and Stoughton, 1914.
- \_\_\_\_\_. *The Bible under trial, apologetic papers in view of present-day assaults on Holy Scripture*. London, Marshall Bros., 1907.
- HELLMAN, Hal. *Grande debates da ciência: Dez das maiores contendas de todos os tempos*. São Paulo: UNESP, 1999.
- HAUGHT, John F. *Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza*. (Coleção Kairós). São Paulo: Paulinas, 2009.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HUISMAN, Denis. *Dicionário dos Filósofos*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- GRAY, James Martin. A inspiração da Bíblia — definição, extensão e prova. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades*

- bíblicas fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introdução biográfica de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 129-139.
- HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KANT, Immanuel. *Textos Seletos*. Vozes: Petrópolis, 2005.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos Sentidos*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- LARA, António de Souza. *Fundamentalismo: ideologia contemporânea*. Lisboa, Portugal: Universidade Moderna, 1997.
- LEONEL, João (Org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial / Paulinas, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2001.
- MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- McGRATH, Alister E. *Fundamentos do diálogo entre ciência e religião*. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Teologia histórica*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2007.
- McGRATH, Joanna; McGRATH, Alister; *O delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateísta de Richard Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- MORISON, William James *George Frederick Wright: in defense of Darwinism and fundamentalism*. Nashville: Vanderbilt University, [Ann Arbor: University Microfilms International, 1977.
- NUNES, Jordão Horta. *As metáforas nas ciências*. Goiânia: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.
- ORR, James. Ciência e fé cristã. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introdução biográfica de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 129-139.
- \_\_\_\_\_. As primeiras narrativas de Gênesis. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introdução biográfica de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 81-103.
- \_\_\_\_\_. James. As Sagradas Escrituras e as negações modernas. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introdução biográfica de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 37-48.
- ORMUNDO, Joana da Silva. *Análise de Discurso Crítica e Semiótica*. São Paulo: Editora Sol, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Discursos nas práticas sociais: perspectivas em multimodalidade e em gramática sistêmico-funcional*. São Paulo: Annablume, 2010.
- PETERS, Ted. BENNETT, Gaymon (Orgs.). *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

- PIERSON, Arthur Tappan. O testemunho da unidade orgânica da Bíblia à sua inspiração. TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introduções biográficas de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 199-207.
- \_\_\_\_\_. *The Believer's life*. London: Morgan and Scott, 1907.
- \_\_\_\_\_. *The Miracles of missions: the modern marvels in the history of missionary enterprise*. New York, London, Funk & Wagnalls Co., 1899.
- \_\_\_\_\_. *Many infallible proofs: a series of chapters on the evidences of Christianity, or, The written and living Word of God* Chicago: F.H. Revell, 1886.
- \_\_\_\_\_. *Knowing the Scriptures: rules and methods of Bible study*. New York : Hodder & Stoughton : George H. Doran, 1910.
- RAEDEL, Christoph. *Von der Weisheit des Glaubens*. Jean Frédéric Bettex als christlicher Apologet. Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 2006.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola. 2005.
- ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- RONAN, Colin A. *História ilustrada da ciência: da renascença à revolução científica*. (vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.
- \_\_\_\_\_. *A. História ilustrada da ciência: a ciência nos séculos XIX e XX*. (vol. 4). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.
- RUSSELL, Bertrand. *Religião e ciência*. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Porque não sou cristão e outros ensaios sobre a religião e assuntos correlatos*. São Paulo: Livraria exposição do livro, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio célticos*. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- \_\_\_\_\_. *No que acredito*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia entre a religião e a Ciência*. São Paulo: Saraiva. 2013.
- SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus histórico*. São Paulo, Fonte Editorial, 2006.
- SCOFIELD, Cyrus Ingerson. A graça de Deus. TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introduções biográficas de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 399-437.
- \_\_\_\_\_. *The truth about hell*. Philadelphia, Pa. : Philadelphia School of the Bible, 1916.
- SELIGMAN-SILVA, Márcio. *Adorno*. São Paulo: Publifolha, 2003.
- SELL, Carlos Eduardo; BRÜSEKE, Franz Josef. *Mística e sociedade*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí; São Paulo: Paulinas, 2006.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Fundamentalismos religiosos contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- STRATHERN, Paul. *Bertrand Russell em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.
- TILLICH, Paul. *História do pensamento cristão*. 4ª ed. São Paulo: ASTE, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. 4ª ed. São Paulo: ASTE, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- TORREY, Reuben Archer. A certeza e a importância da ressurreição corporal de Jesus Cristo dentre os mortos. In: TORREY, Reuben Archer (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introduções biográficas de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 297-311.

- TORREY, Reuben Archer. (Org.). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- \_\_\_\_\_. *The Power of prayer: and the prayer of power*. New kensisgton, Whitaker House, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The real Christ*. New Kensisgton, Whitaker House, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Is the Bible the inerrant Word of God?*. Toronto: Everyday Publications, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Torrey's topical concordance*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 2000.
- \_\_\_\_\_. *The fundamental doctrines of the Christian Faith*. New York: Fleming H. Revell, 1918.
- \_\_\_\_\_. *Divine healing. Does God perform miracles today?* Grand Rapids, Baker Book House, 1924.
- \_\_\_\_\_. *The new topical textbook: 20,000 topics and subtopics, 30,000 Bible references, aids to Christian living*. Minneapolis, Minn: World Wide, 1960.
- \_\_\_\_\_. *The divine origin of the Bible: its authority and power demonstrated and difficulties solved*. Chicago; New York: Fleming H. Revell Co., 1899.
- \_\_\_\_\_. *Torrey's topical concordance*. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, (s/d).
- VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Fundamentalismos: matrizes, presença e inquietações*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- WEBER, Max. *Ciência e política*. 19 ed., São Paulo: Cultrix, 2011.
- WHITE, Andrew Dickson. *A history of the Science with theology in Christendom*. Vol. 1. United State of America, New York: Cambridge University Press, 2009.
- WHITELAW, Thomas. O cristianismo não é fábula. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introduções biográficas de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 327-337.
- WHITELAW, Thomas; GARRAR, F. W.; COTTERILL, Henry. *Genesis*. London; New York: Funk & Wagnalls, 1913.
- \_\_\_\_\_. *The Old Testament critics: an inquiry into the character, effect, and validity of their teaching, a question for the Christian people of to-day*. London: Kegan Paul, Trench, Trübner, 1903.
- \_\_\_\_\_. *The old lamp: short studies in and on the Bible*. London: Marshall Brothers, 1912.
- \_\_\_\_\_. *A history of the Science with theology in Christendom*. Vol. 2. United State of America, New York: Cambridge University Press, 2009.
- WRIGHT, George Frederick. O testemunho arqueológico para as escrituras. In: TORREY, Reuben Archer. (Editor). *Os Fundamentos: A famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo: Hagnos, 2005. Atualizado por Charles L. Feinberg et al. Introduções biográficas de Warren W. Wiesbe. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 105-119.
- \_\_\_\_\_. *The logic of christian evidences*. Andover: W.F. Draper, 1880.
- \_\_\_\_\_. *Greenland icefields and life in the North Atlantic. With a new discussion of the causes of the ice age*. New York, D. Appleton and Co., 1896.
- \_\_\_\_\_. CHAMBERLIN, Thomas Chrowder; *The glacial boundary in western Pennsylvania, Ohio, Kentucky, Indiana, and Illinois*. Washington, Govt. Print. Off., 1890.
- \_\_\_\_\_. *Origin and antiquity of man*. Oberlin, O., Bibliotheca sacra Co., 1912.
- \_\_\_\_\_. *Scientific aspects of Christian evidences*. New York: D. Appleton, 1898.
- \_\_\_\_\_. *Studies in science and religion*. Andover, W.F. Draper, 1882.

\_\_\_\_\_. *The divine authority of the Bible*. Boston: Congregational Sunday-School and Pub. Society, 1884.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/Males-da-alma/noticia/2013/01/drauzio-varella-estreia-nova-serie-males-da-alma.html> (Acesso em: 24 de Set. de 2013).

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1413-294X1999000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-294X1999000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt) (Acesso em: 07 Jul. 2014).

[http://news.bbc.co.uk/2/hi/in\\_depth/7619202.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/in_depth/7619202.stm) (acesso em 17 Jul. 2014).

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/7619202.stm>. (Acesso em 17 Jul. 2014).

